

**Congo**  
Um filme  
que já  
vimos



■ José  
Casanova  
Pág. 23

# Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 3 de Setembro de 1998 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1292 • Director: José Casanova

**FESTA**  
**Avante!**  
4.5.6 Setembro

**Abre**  
**amanhã**  
**na Atalaia**

# Uma festa para todos!



**Comício**  
**no domingo**

às 18 horas

com

**CARLOS**  
**CARVALHAS**  
**JOSÉ**  
**CASANOVA**  
**ÂNGELO ALVES**

*Os espectáculos \* O convívio \* Os debates*  
*\* As exposições \* A Solidariedade Internacional*  
*\* As organizações do Partido \* A Juventude*  
*\* O desporto \* Os livros e os discos \* O artesanato e a gastronomia \* O Teatro e a animação*

**Editorial O curso do discurso**

## EDITORIAL

## O curso do discurso



Carlos Carvalho nas Festas Populares de Corroios

## RESUMO

26  
Quarta-feira

Juiz do 13.º Juízo Cível de Lisboa proíbe realização das corridas de toiros de morte em Barrancos ■ Sindicato Independente dos Médicos retoma paralisação de protesto contra acordo salarial proposto pelo Governo ■ Ministro da Justiça indonésio reafirma pena de prisão de Xanana Gusmão ■ Recolher obrigatório é decretado em Kinshasa, face à chegada dos rebeldes aos arredores da cidade ■ Ruanda ameaça intervir no Congo, caso o governo de Kabila persista em «dizimar os que classifica de Tutsis, de ruandeses» ■ Helicópteros israelitas bombardeiam uma posição do exército libanês no Sul do vale da planície de Bekaa sob controlo sírio.

27  
Quinta-feira

Centenas de pessoas desfilam em Barrancos, exigindo que seja cumprida a tradição de corridas de toiros de morte ■ Ex-presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, em Lisboa, considera o primeiro-ministro português, António Guterres, como «o novo rosto do socialismo democrático» e Portugal como «um muito bom aluno da classe europeia, ao lado da Irlanda» ■ A explosão de uma bomba de fraca potência em Telavive provoca 17 feridos, um deles com gravidade ■ Autoridades israelitas autorizam construção de 132 apartamentos para judeus num bairro palestino de Jerusalém-Leste ■ Foguetão transportando satélite de telecomunicações explode após ter descolado da base aérea de Cabo Canaveral, na Florida.

28  
Sexta-feira

Comissão Nacional de Luta Contra a Sida revela que o número de casos de Sida, entre Janeiro de 1993 e 30 de Junho de 1998, eleva-se a 5133 ■ Em entrevista ao canal RTR, Boris Ieltsin desmente rumores sobre a sua iminente demissão ■ ONU suspende sanções contra a Líbia desde que os dois suspeitos no caso Lockerbie compareçam perante o tribunal holandês ■ Prosseguem violentos combates a 25 km de Kinshasa ■ Issa Diallo, representante de Kofi Annan, que substituiu Alioune Beye, chega a Luanda para encontrar-se com o Presidente José Eduardo dos Santos e o líder da UNITA, Jonas Savimbi.

29  
Sábado

O primeiro-ministro, António Guterres, anuncia a sua recandidatura nas legislativas ■ Carlos Carvalho janta com militantes do PCP em Miratejo e visita Festas Populares de

Corroios ■ Balanço de entradas na Expo revela que 2,4 milhões de bilhetes pré-comprados estão por utilizar ■ Portugal expulsa imigrantes moldavos ■ Tropas angolanas, apoiadas em forças leais a Laurent Kabila, tomam Matadi, o principal porto de abastecimento de Kinshasa ■ O Presidente russo, Boris Ieltsin, aceita mudança da Constituição russa e redução de poderes presidenciais ■ O primeiro-ministro turco, Mesut Yilmaz, rejeita trégua incondicional proclamada pelo chefe dos separatistas curdos, Adullah Ocalan ■ A queda de um avião Tupolev-154, da companhia Cubana de Aviação, causa a morte de 77 pessoas.

30  
Domingo

Ignorando decisão judicial, Barrancos realiza corrida de toiros de morte ■ Sindicato dos Jornalistas acusa a administração do Semanário de «camuflar» despedimento colectivo ■ Yasser Arafat ratifica, pela primeira vez, duas sentenças de morte proferidas pelo tribunal militar de Gaza ■ Comunistas russos rejeitam o «acordo» estabelecido entre as duas câmaras do Parlamento, o primeiro-ministro indigitado, Viktor Chernomirdin, e representantes da presidência russa.

31  
Segunda-feira

O chefe da oposição comunista russa, Guennadi Ziuganov, lança apelo às forças armadas, convidando-as a respeitar a «legalidade» ■ José António Ardanza, chefe do Governo Autónomo Basco, dissolve o Parlamento basco ■ Madeleine Albright, em Serajevo, responde a críticos do acordo de Dayton, negando a sua revisão ■ O Presidente Kabila acusa a UNITA de tentar corromper com dinheiro a população e as forças armadas congoleesas ■ A Associação Sindical dos Professores Pró-Ordem ameaça com greve geral de docentes caso as negociações com o Ministério da Educação continuem «sem resultados práticos» ■ Falece, na Califórnia, com 80 anos, Frederick Reines, prémio Nobel da Física.

1  
Terça-feira

O Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, recebe o Presidente do Parlamento Europeu, Gil Robles... ■ ... que inicia uma visita oficial a Portugal ■ Membros da UNITA no Governo de Unidade e Reconciliação Nacional são temporariamente suspensos ■ Tem início, em Moscovo, uma Cimeira entre Bill Clinton e Boris Ieltsin ■ No Congo, rebeldes conquistam Manono, cidade natal do Presidente Kabila ■ Sinn Fein (da ala política do IRA) apela ao abandono definitivo da violência na Irlanda do Norte.

S

egundo alguns órgãos da comunicação social, a grande novidade do discurso de António Guterres na Doca de Faro teria sido o anúncio da sua candidatura às próximas eleições legislativas. Se assim foi, trata-se, em primeiro lugar, de uma novidade sabida e, em segundo lugar, da única novidade desvendada em todo o discurso.

Na verdade, é difícil acreditar que alguém estivesse à espera de Guterres ir à Doca de Faro anunciar a sua intenção de avançar para a presidência da Comissão Europeia e também não se afigurava credível a hipótese de o líder do PS omitir essa questão no seu discurso. Ou seja: o que era previsível, inevitável mesmo, foi o que aconteceu. De resto, o curso do discurso foi o previsto e esperado: o engenheiro Guterres não disse nada de novo. Repetiu-se na supervalorização da política de direita que tem vindo a praticar e na exposição das qualidades e virtudes do seu governo. Ao fim e ao cabo, repetiu-se e repetiu, na Doca, o que o então primeiro-ministro Cavaco Silva disse, repetidas vezes, no Pontal.

F

oi assim que ouvimos pela enésima vez as referências à «confiança», ao «desenvolvimento», à «solidariedade», à «estabilidade» e assistimos, até, à insólita repescagem do mais que estafado «pelotão da frente». Foi assim, igualmente, que ouvimos o Primeiro-Ministro discorrer sobre uma realidade virtual, sobre um país que só existe no seu discurso. Foi assim que ouvimos o engenheiro Guterres falar de Portugal como se Portugal não fosse, na União Europeia, o país onde os salários são mais baixos, onde o salário mínimo nacional é o mais baixo, onde as pensões e reformas são as mais baixas, como se Portugal não fosse, na UE, o país onde é maior o fosso entre ricos e pobres, e como se esta realidade não fosse resultante da política de direita que, quer o PS quer o PSD, têm vindo a praticar.

Neste discurso a dois que já entrou na sua segunda década e que tem, como traço comum essencial, complementar o auto-elogio com a solene afirmação de fé de que «é preciso fazer ainda mais e melhor», talvez Guterres tenha superado Cavaco no número de referências a esta segunda parte. O que em nada favorece, antes pelo contrário, o actual Primeiro-Ministro.

C

Como para Cavaco, também para Guterres a «estabilidade» é uma espécie de menina dos olhos - significando tal coisa para ambos terem as mãos livres para fazerem o que quiserem.

É uma evidência que as repetidas alusões de António Guterres à «estabilidade» estão a anos-luz de dis-

tância do pressuposto de que a verdadeira estabilidade é a que decorre da resolução dos problemas e dos anseios da maioria dos portugueses e do respeito pelos seus direitos e interesses. Na realidade, quem se prepara para avançar com alterações à legislação laboral que configuram uma das maiores machadadas de sempre nos direitos dos trabalhadores, pensa numa determinada «estabilidade»: numa «estabilidade» ao serviço do grande capital, numa «estabilidade» que permita ao grande patronato intensificar a exploração dos trabalhadores. Da mesma forma que quem avança com um processo de privatizações que entrega aos grandes grupos económicos, a preços de saldo, todas as empresas públicas rentáveis, em muitos casos utilizando métodos e práticas de mais que duvidosa transparência - é nessa «estabilidade» que está a pensar.

Assim, a «estabilidade» invocada pelo engenheiro Guterres é, acima de tudo, um semear de ventos que, mais tarde ou mais cedo, o obrigarão a colher as inevitáveis tempestades.

A

total ausência de novidades - sempre em similitude com o discurso laranja - ficou igualmente patente na abordagem do Primeiro-Ministro à questão do Orçamento de Estado. Ouvindo-o, no sábado passado, dir-se-ia estarmos a ouvi-lo há um, há dois, há três anos. «Não dramatizando», como é seu hábito, ameaçou que, caso se forme na Assembleia da República uma «coligação negativa que desvirtue a proposta governamental», «vai mesmo dramatizar». Se assim for, «que cada um assuma as suas responsabilidades» - desa-

fiou, dialogante e conciliador. E sempre sem «dramatizar», sempre garantindo que «não faremos chantagem com os portugueses», considerou que «é legítimo exigir que os três partidos da oposição, tão diferentes entre si, não façam uma coligação negativa para desvirtuar o Orçamento de Estado», lembrando que na discussão dos orçamentos de 96, 97 e 98 «tivemos oportunidade de provocar uma ruptura, as sondagens davam-nos maioria absoluta, e não o fizemos»...

É claro que Guterres sabe que a aprovação do Orçamento de Estado - hoje como no passado - é tarefa da exclusiva responsabilidade dos partidos defensores da política que esse Orçamento serve, ou seja, do PS, do PSD e do PP. E sabe também que o PCP nunca foi nem será ajudante de um governo - seja ele laranja, ou rosa, ou de qualquer outra cor ou mistura de cores - que aplique essa política de direita.

F

inalmente, e pensando bem... novidade, mesmo novidade, houve uma na Doca de Faro: a substituição de Vangelis por Quim Barreiros, como referência musical do PS. O seu a seu dono.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Socorro Pereira Gomes  
1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Socorro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.  
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,  
7.º-A, 1150 Lisboa.  
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058.  
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:  
DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A,  
1150 Lisboa  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada 2.ª-feira:  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Capa Rota — Lisboa — 2710 Sintra  
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B.L. 227 — 4470 Maia  
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A 1150 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A 1150 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Razo  
2710 Sintra  
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

## O paraíso

Notícia o PÚBLICO de 27 de Agosto que "o Estado confia nos empresários nacionais", que "não há um único fiscal da Segurança Social que acompanhe as máis de 200 mil sociedades com actividade" e que "apesar da ausência de fiscalização os valores provisórios das dívidas à Segurança Social apontam para uma descida de 369 milhões de contos em 1996 para 365 milhões de contos em 1997".

Poderia observar-se que este quadro paradisíaco, em que à absoluta ausência de fiscalização corresponde uma redução das dívidas das empresas à Segurança Social, constituiria apenas uma metodologia muito lenta, pois com o ritmo referido seriam ainda necessários 91 anos para que as contas ficassem em dia.

Mas este quadro paradisíaco é de tal forma contraditório, com o que se conhece por toda a parte relativamente à evasão contributiva e a outros procedimentos que atentam contra o património da Segurança Social, que é legítimo que se adiante uma pergunta fundamental: que é a de saber, caso existisse fiscalização, se as dívidas à Segurança Social resultantes das contribuições ou de outros comportamen-

tos ilegítimos não teriam uma expressão muito maior, além da também maior cobrança de receitas que se verificaria.

A resposta é claramente afirmativa.

Aliás, não é preciso ir muito longe, pois a citada notícia do PÚBLICO refere também que "muitos empresários estão, a conselho dos advogados, a usar expedientes sem ter grandes castigos", pois "uma vez que a lei apenas considera crime a não entrega das contribuições sociais dos trabalhadores (onze por cento da massa salarial), os empresários deixam apenas (sic!) de pagar as contribuições do lado patronal (23.75 por cento)".

E o recente estudo oficial sobre a eficácia dos incentivos às empresas para empregarem trabalhadores com menos de 30 anos vai no mesmo sentido. Pois apesar dos 110 milhões de contos "subtraídos" à Segurança Social entre 1986 e 1996, a verdade é que só um terço dos jovens ficou em empresas que aumentaram o seu quadro de pessoal, e a "parcela significativa" dos que não prolongam o vínculo laboral com a empresa apoiada (57 por cento) aponta no sentido de muitas empre-

sas estarem a beneficiar irregularmente desses incentivos.

O que faz o Governo perante esta escandalosa situação?

É um facto que ele reconhece que é "absolutamente indispensável dotar a fiscalização de empresas" dos meios necessários. Mas ao mesmo tempo não abre quaisquer quadros de pessoal, dispondo-se apenas a celebrar "contratos a prazo" com 119 pessoas, das quais somente 32 para fiscais, para a criação de duas "estruturas informais de acompanhamento de empresas"...

Pelo lado do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social já foi também tornado claro que a ligação informática entre os dados dos contribuintes e beneficiários, necessária para suportar a acção da fiscalização, só estará operacional no Verão do próximo ano.

Não é assim evidente que o paraíso dos prevaricadores continua?

■ Edgar Correia

## Os direitos desumanos

Em nome do «direito à represália», mísseis americanos são lançados sobre alvos no estrangeiro. Em nome da «globalização», o grande capital aplica o «direito» de lançar no desemprego milhões de pessoas no mundo inteiro. A pretexto de "ajuda económica", o FMI pratica o «direito» de impor asfixiantes condições económicas e financeiras aos países caídos na sua alçada. O «direito à livre circulação de capitais» movimenta gigantescas especulações à escala planetária que lançam na crise e no desespero as populações de países inteiros. E o «direito» à exploração dos trabalhadores intensifica-se em todo o mundo como fonte inesgotável de acumulação do capital e concentração da riqueza.

Arvorados em «direitos», estes comportamentos cruelmente desumanos são como tal promovidos e aplicados por aqueles mesmos que, num grande exercício de hipocrisia, pretendem proclamar-se como os mais legítimos garantes e mais esforçados defensores dos direitos humanos, disso fazendo bandeira para imporem os seus interesses e esconderem os seus objectivos.

Fará este ano meio século que a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Poderemos interrogar-nos sobre a sua interpretação e aplicação. Sobre o caminho avançado e os retrocessos sofridos. Muitas esperanças foram negadas, mas também muitas nações novas, nascidas do

velho terror colonial, conseguiram respirar esperança e construir pátrias que lhes eram devidas.

Na história dos homens, nas suas lutas, nunca houve um caminho seguro rumo ao futuro. Porque o futuro não é um companheiro cómodo. Sem marcar encontro connosco, está sempre à nossa frente, como um horizonte flutuante e desafiador. E por vezes dizendo-nos com aspereza: «Voltei atrás.»

O regresso, ou retrocesso, é um futuro adiado, um caminho retorcido, amesquinçado na sua ambição de olhar longe.

O sonho pela instituição dos direitos humanos deve ter nascido do confronto entre o mau tratamento do homem pelo próprio homem e a sede de justiça dos oprimidos.

Internacionalizou-se como um grito lançado à humanidade. Pela dignidade do principal sujeito de direitos no seu planeta: a Terra humana.

Quando os direitos desumanos ensombram o horizonte e avançam em contra-marcha, um grande alerta se impõe. Para que os tempos não retrocedam. Para que os 50 anos da Declaração não sejam apenas uma efeméride. Para salvaguardar uma herança de gerações a que chamamos **direito humanos**.

■ Aurélio Santos

# RÚSSIA

## saída da crise

Analizando os desenvolvimentos futuros do El Niño financeiro que vem assolando o mundo, um reputado especialista concluiu há dias: "A única certeza é que tudo está incerto." O mesmo temos que dizer desde logo da actual tempestade político-financeira na Rússia. Escrevendo neste fim-de-semana - como estará a situação 5ª feira? Talvez nem os próprios actores *in loco* o saibam. Sublinhamos apenas alguns elementos relevantes.

As raízes do "caos que hoje governa a Rússia" (Ziuganov) são, a nosso ver, bem claras: a destrutiva contra-revolução capitalista iniciada ainda antes de 1991, acelerada quando Eltsine assumiu o poder; os sucessivos desastres do "forcing" neoliberal monetarista imposto à Rússia desde há quase uma década; uma omnipresente ingerência do imperialismo; um Poder pseudo-democrático que vem desgovernando o país; a catastrófica situação social e moral em que foi lançada a massa do povo russo. O presente colapso monetário-bolsista em Moscovo não é, essencialmente, uma mera "réplica" do sismo asiático. As "liberalização dos preços" e "privatizações", os orçamentos fictícios e outras muitas maningâncias financeiras, como os mirabolantes "títulos de dívida pública", etc., etc., - foram obra fundamentalmente dos muitos "experts" de Harvard, Chicago, FMI, BERD, etc., que pululam em Moscovo e que de facto determinaram a política económica da Rússia, em conluio com os "novos ricos". Mas *afundando a economia real, a produção, em abismos que nem os exércitos de Hitler tinham conseguido na 2ª Guerra Mundial: a queda do PNB desde 1990 vai já em 50%!*

O total do investimento directo produtivo estrangeiro, efectivo, na Rússia monta apenas a ridícula quantia de pouco mais de 10 mil milhões de dólares - enquanto as estimativas sobre a fuga ilícita de capitais para o estrangeiro vão até 400 mil milhões de dólares, só entre 1990 e 1995. A Rússia tem estado a saque. E todo o actual falatório sobre a moeda, a bolsa, etc., faz pouco sentido (para além do novo roubo feito ao povo com a desvalorização) quando se calcula que talvez 2/3 da actividade económica corrente é feita por "troca directa", sem intervenção monetária. Por isso, faz todo o sentido que neste momento especialmente agudo de fracasso, nas conversações em curso para um eventual "acordo de governação", se fale com insistência na ideia que o próprio Chernomirdine expressou nestes termos: "A prioridade será a defesa dos interesses sociais da população (...) e, em segundo lugar, a política industrial do Estado, porque não se poderá fazer sair a Rússia da crise através de medidas unicamente monetaristas." Mas terá esta verdade básica força para vingar agora? A ver vamos.

Na política, Eltsine está de saída, ninguém duvida. Mas a que prazo e em que modalidades, talvez ninguém ainda saiba, nem ele. Seja como for, o "herói salvador" da Rússia, amigo e cúmplice-mor do imperialismo, é já um cadáver adiado. Veremos se Clinton ainda vai acordar algo com ele, ou se prefere entender-se com Chernomirdine. Na cúpula da vida política movimentam-se forças heterogéneas, há "aproximações" antes impensáveis, desenham-se "saídas" para a crise aparentemente novas. A única coisa certa é que a *correlação de forças está em mudança, e uma plataforma de possível convergência acabará por se fazer*, porque o fracasso económico e político é tal que algo terá de ser feito. Os oligarcas buscam entender-se e desmultiplicam-se em contactos em todas as frentes. Mas a Duma acresceu o seu peso, e os comunistas também. As massas trabalhadoras estavam há meses mais activas na luta. As "almofadas" sociais esvaziam-se e o receio de explosão social é real.

Dia 30/8, Summers, secretário-adjunto do Tesouro dos EUA, em referência ao "acordo" a girar-se na Rússia e à visita de Clinton, disse: "Vamos ver o que vai sair daqui." Também eles não sabem. Mas, mais cedo do que tarde, os interesses do povo russo e da Rússia hão-de impor a saída real da crise.

■ Carlos Aboim Inglês



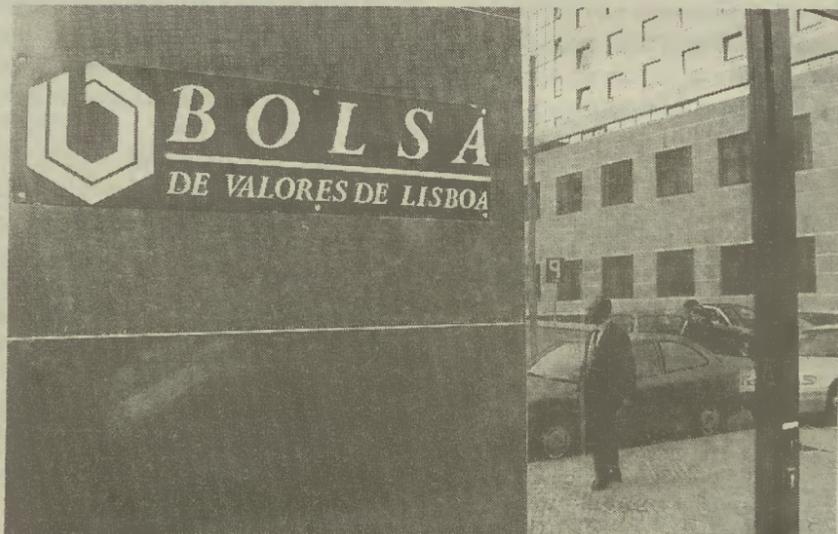
Foto: Jorge Caria

## Barrancos

Embora a notícia da morte de touros em Barrancos pudesse ter sido escrita todos os anos, desde há séculos, nesta semana não correu apenas o sangue dos bichos, mas foram gastos rios de tinta e horas de imagens e de som acerca das festas barranquenas. A Sociedade Protectora dos Animais fez queixa, o Ministério Público alertou o executivo, a GNR esteve presente e... a festa tradicional correu como de costume, desta vez com maior publicidade. À falta de melhores notícias, o fim de semana concentrou-se no pequeno concelho alentejano onde, à semelhança de outras terras vizinhas, se mata o touro no culminar da lide, sempre com o conhecimento das autoridades que fazem vista grossa ao arripio da lei. Os media acorreram ao local do delito e a SPA anuncia que processará o Governo. Terá razão o ministro Coelho quando comentou que «há gente que gostava que houvesse uma batalha campal com a GNR».

## Pânico bolsista

Pânico geral registou-se nas bolsas de todo o mundo, com especial incidência nas da Europa, na sequência da crise aberta na Rússia. Embora «longe» do epicentro, a bolsa portuguesa foi a que mais sofreu, com os índices a caírem para o nível mais baixo de sempre. Isto sem que os valores das acções em queda tivessem relação directa com o estado das empresas. Nem os Estados Unidos escaparam à queda, embora com perdas mais ligeiras. Após as descidas verticais verificadas, os mercados financeiros não se recompuseram totalmente e as bolsas entraram na fase do «sobe e desce», favorável aos especuladores e ruína para os pequenos investidores. Muita gente perdeu neste jogo. Alguma gente se fartou de ganhar.



## Unita «suspensa»

Após a série de actos de guerra levados a cabo pela Unita e que têm aumentado nos últimos dias de tal modo que uma fonte da ONU já afirmou, segundo a Lusa, que têm provocado o agravamento da situação humanitária com o «aumento da insegurança, ataques e emboscadas», a Unita foi finalmente suspensa do governo e do parlamento angolanos. Quatro ministros e sete vice-ministros que têm feito parte do governo de Angola desde Abril de 1997 e 70 deputados eleitos em 1992 foram assim afastados temporariamente dos seus cargos. Esta suspensão durará, segundo os comunicados do governo e do parlamento citados pela Lusa, até que a Unita «clarifique a sua posição em relação ao protocolo de Lusaca». «Ao retomar as armas», sublinha o comunicado do parlamento angolano, «a Unita violou a Constituição, a lei sobre os partidos e o protocolo de Lusaca» que estabelecem como «princípios supremos a unidade e a reconciliação nacional».

## O futuro dos governantes

Parece ter dado uma febre no interior do Governo que pensa mais no futuro que no presente que vai sucedendo. Em Faro, Guterres que, como sempre, fez um balanço da actividade governamental carregado de auto-elogios, anuncia a sua «recandidatura» ao cargo de Primeiro-Ministro,

afirmando que não quer tabus a seu respeito. A opinião pública, porém, há-de perguntar-se legitimamente com quem Guterres pensa continuar à frente do executivo. Embora o chefe do Governo se mostre convicto de que pelo menos Sousa Franco se manterá até final da legislatura, há notícia

de que começam a despontar «indisposições». A mais retumbante será a de Maria de Belém que já declarou não estar disposta a manter-se na pasta da Saúde. Por seu lado, o secretário de Estado do Ambiente, José Guerreiro, está, ao que se diz, com a mala aviada para sair.



## Metro mais caro

O decreto já sairá com o aumento dos preços do Metroropolitano de Lisboa - decisão condenada pelo PCP em nota a que fizemos referência na

semana passada. Mas desde o dia 1 de Setembro, terça-feira, que os novos preços estão a vigorar, com aumentos que ultrapassam os 40 por

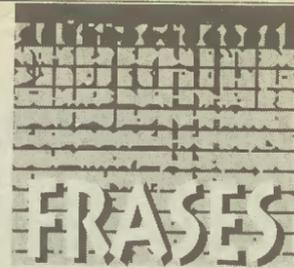
cento, se nos reportarmos ao que custavam no princípio do ano. Assim, o bilhete simples aumentou para 100 escudos. A caderнета sobe para 800

escudos. O bilhete diário, normalmente usado por turistas ou por visitantes ocasionais, sobe para 250 escudos, o menor aumento. E o de

sete dias é aumentado para 900 escudos. Quanto aos passes sociais, ainda não foi desta. Mas o Governo já deve ter feito as suas contas.

## Morreu Wanda Ramos

Com apenas 50 anos de idade e na sequência de prolongada doença, faleceu no passado sábado a escritora Wanda Ramos. Natural de Angola, onde nasceu no Dundo, em 1948, Wanda Ramos veio para Portugal com nove anos de idade. Estudou em Lisboa, onde se licenciou em Filologia Germânica e era professora da Faculdade de Letras. Colaborou em vários jornais e iniciou em 1970 uma carreira literária com o livro de poemas «Nas Coxas do Tempo». Uma carreira agora abruptamente interrompida, um percurso feito de livros de poemas e de romances, o primeiro dos quais, «Percurso de Luachimo a Luena», faz entrar a primeira «voz feminina» na problemática da guerra colonial. Wanda Ramos ganha, com este livro, o Prémio da Associação Portuguesa de Escritores. Distingue-se também como tradutora, actividade em que também recebeu prémios como o que lhe foi atribuído pela Sociedade de Língua Portuguesa, em 1988, com «As Confissões Verdadeiras de um Terrorista Albino», de Breyten Breytenbach. Sobre a escritora, José Manuel Mendes, Presidente da Associação Portuguesa de Escritores, afirmou que ela nos «deixa uma obra que se afirma como um momento de destaque no contexto literário e cultural do país». O escritor Fernando J.B. Martinho declarou que Wanda Ramos «ficará na história da literatura portuguesa como uma narradora e criadora de uma narrativa poética».



“Um dos mais singulares argumentos contra as regiões administrativas é a possibilidade de multiplicar figuras como Alberto João Jardim por esse país fora.”

(Luís Sá, in «Vida Mundial», Setembro, 1998)

“O mais impressionante no argumento é que, levado às últimas consequências, tem subjacente a contestação do próprio princípio da democracia representativa.”

(Idem, ibidem)

“O Primeiro Ministro mantém a convicção de que contará com o ministro das Finanças até ao final da legislatura.”

(David Damião, in «Expresso» de 29.8.98)

“A «queda» do secretário de Estado do Ambiente, José Guerreiro, pode estar iminente.”

(Pedro Almeida Vieira, in «Expresso» de 29.8.98)

“Ministra da Saúde não pretende continuar e ministra do Ambiente irrita socialistas”

(Antetítulo da 1ª do «Público» de 1.9.98)

“Maria de Belém quer sair”

(Manchete do «Público» de 1.9.98)

“Guterres anuncia recandidatura nas legislativas.”

(«Público» de 30.8.98)

“Toda a minha vida é uma luta contra o Partido Comunista.”

(José Miguel Júdice em entrevista ao «DNA», 29.8.98)

“Não teria problemas em aliar-me a Deus ou ao Diabo contra os comunistas, sempre foi o meu instinto desde pequenino. Fui anticomunista primário.”

(Idem, ibidem)

“Não tenho dúvidas de que poderia ser um excelente líder do PSD. Não tenho dúvidas em afirmar que era capaz de ser um Primeiro Ministro adequado.”

(Idem, ibidem)

## TRABALHADORES

Para concretizar no OE as promessas adiadas

# CGTP propõe medidas para justiça fiscal

**A** Intersindical Nacional quer que o Governo contemple no Orçamento para 1999 as intenções, sistematicamente repetidas, de proceder a uma reforma do sistema fiscal que acabe com as flagrantes injustiças e desequilíbrios, sobretudo no que toca à penalização dos rendimentos do trabalho.

A CGTP-IN não quer que, mais uma vez, as promessas eleitorais do PS, as repetidas intenções dos governantes e o consenso sobre os desequilíbrios do sistema fiscal continuem sem resposta por parte dos responsáveis políticos. Com esse objectivo, elaborou um conjunto de propostas sobre política fiscal, com reflexos no próximo Orçamento do Estado, que retomam objectivos declarados e sucessivamente adiados pelo Governo.

É inadiável, no entender da central, reformar o sistema fiscal, introduzindo-lhe alterações no sentido de mais justiça e de um novo equilíbrio de interesses sociais, sectores de actividade, grupos de contribuintes e entre cumpridores e não cumpridores das obrigações fiscais. Até agora, como é sabido, o sistema fiscal penaliza gravemente os rendimentos do trabalho, em particular no que se refere aos trabalhadores por conta de outrem.

Para corrigir esta injustiça contribuiria - propõe a CGTP - o aumento da dedução específica por rendimentos do trabalho, no IRS, para um valor correspondente a 75 por cento de 14 salários mínimos por titular (o actual limite, de 498 contos, equivale a 71 por cento de 12 salários mínimos).

Para aumentar a progressividade dos impostos, a Inter defende que os escalões de tributação do IRS passem de 4 para 6, diminuindo as taxas que incidem sobre os rendimentos baixos e médios.

Progressivamente, os abatimentos ao rendimento deverão ser substituídos por deduções à

colecta (beneficiando os titulares com contas-poupança habitação e planos-poupança reforma). O valor do limite máximo dedutível das contas-poupança habitação deve ser actualizado em 10 por cento (de 418 para 460 contos), favorecendo as despesas em habitação pelo seu carácter social.

A CGTP propõe a implementação da colecta mínima para os rendimentos das categorias B e C (isentando os que não atinjam 18 salários mínimos), bem como dos métodos indiciários, para reduzir as desigualdades tributárias e as distorções de concorrência.

Os benefícios fiscais concedidos aos dividendos de acções cotadas em Bolsa, tal como aos montantes investidos e aos dividendos de acções de empresas privatizadas, devem ser eliminados, alegando a CGTP que os actuais incentivos limitam a escolha dos cidadãos sobre a aplicação das suas poupanças e beneficiam sobretudo o sistema financeiro. Outros produtos financeiros deverão, progressivamente, perder benefícios semelhantes de que hoje gozam.

Considerando injustificados os favorecimentos de que são alvo os ganhos accionistas, a CGTP propõe que deixem de gozar dos actuais benefícios e que sejam declarados no rendimento dos titulares.

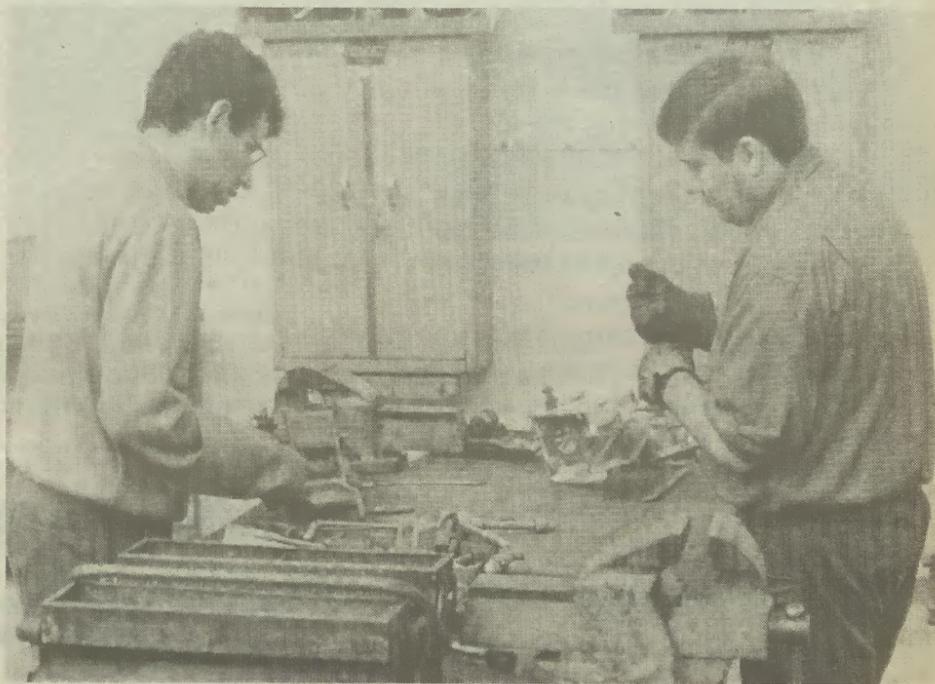
## Englobamento como regra

Para a Inter, todos os rendimentos do agregado familiar

(salários, juros de depósitos, dividendos de acções, etc.) deveriam ser englobados e sujeitos, no global, a uma taxa de IRS. No actual regime, afirma a CGTP, são favorecidos os contribuintes com mais elevados rendimentos e penalizados os que vivem do salário.

É apresentado o exemplo de um trabalhador com dez mil contos de salários que, em termos simplificados, pagará 40 por cento de imposto em 1998; mas os mesmos dez mil contos, se resultarem de juros de depósitos à ordem, são tributados em apenas 20 por cento. Por outro lado, um trabalhador com um baixo salário, pelo qual paga 15 por cento de IRS, pagará 20 por cento sobre o rendimento de uma pequena poupança, enquanto um profissional liberal ou um quadro com um rendimento elevado, que atinge o escalão dos 40 por cento, paga apenas 20 por cento pelo rendimento de poupanças; com o englobamento, ambos pagariam apenas conforme o rendimento total.

Para um combate eficaz à fraude fiscal, a CGTP propõe um reforço acentuado dos meios de fiscalização e a eliminação do sigilo bancário, de modo a assegurar uma tributação mais justa e mais equilibrada. Desta forma, a grande maioria dos contribuintes cumprido-



É reconhecida a injusta tributação a que são sujeitos os rendimentos dos trabalhadores, mas o Governo nada tem feito para alterar a situação

res das suas obrigações fiscais poderia pagar menos impostos, sem prejudicar a estabilidade

das receitas fiscais e dos meios necessários ao financiamento crescente das funções sociais do

Estado - defende a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses.

## Conselho Nacional

O Conselho Nacional da CGTP marcou para ontem, em Bicesse, a sua primeira reunião após o período de férias, para analisar os temas que vão marcar a actividade da central nos próximos meses, designadamente: a resposta sindical às tentativas de introduzir graves alterações na legislação laboral; a luta em defesa da Segurança Social e de melhores condições de acesso dos cidadãos à Saúde; a acção reivindicativa nas empresas e no

quadro da contratação colectiva, por melhores salários e pela salvaguarda dos direitos dos trabalhadores; a efectiva redução dos horários de trabalho; o combate aos despedimentos e por emprego em condições dignas; a próxima Conferência de Organização Sindical; a campanha nacional para compra da sede da CGTP; as comemorações do 28º aniversário da central; a regionalização e o próximo referendo.

## «Semanário»

Alegando falta de capacidade financeira, a administração do «Semanário» começou a enviar, a 24 de Agosto, cartas de despedimento, procurando eliminar dos seus quadros cerca de 120 trabalhadores, entre os quais 36 jornalistas. Destes, algumas dezenas concentraram-se segunda-feira junto às instalações da empresa, dirigida por Rui Teixeira Santos (o jovem patrão que teve há uma década uma passagem de má memória pelos armazéns Braz & Braz e que, agora, aproveitou Agosto para se autonear director do semanário), reclamando o pagamento dos salários e contestando a legalidade do despedimento. À Agência Lusa, o presidente do Sindicato dos Jornalistas referiu que na tesouraria não estavam a pagar, «mesmo àqueles que não foram despedidos». João Isidro revelou que o

sindicato vai levar o caso ao Inspector-Geral do Trabalho, à Procuradoria-Geral da República e à Inspeção-Geral das Finanças, bem como à Alta Autoridade para a Comunicação Social, à Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias, ao Provedor de Justiça e aos partidos políticos com representação na AR. Em várias redacções estão a circular abaixo-assinados de solidariedade.

## Pesca de Viana

A partir de anteontem os trabalhadores da Empresa de Pesca de Viana decidiram iniciar uma greve por tempo indeterminado para exigir o pagamento de salários em atraso. A greve, explicou Fernando Silva, coordenador distrital da União de Sindicatos de Viana do Castelo, «não significa que a empresa vá parar, mas implica uma total liberdade para o trabalhador sair do seu posto de trabalho».

A EPV ainda não pagou metade do vencimento de Julho, o salário de Agosto e o subsídio de férias, referiu o sindicalista, frisando que os problemas são muito antigos e têm por principal causa «a política governamental definida para o sector, imposta pela União Europeia». Em declarações à Lusa, Fernando Silva lembrou que a EPV recebeu da União Europeia e do Governo, entre 1986 e 1992, «cerca de um milhão e oitocentos mil contos pela redução da sua frota», mas, «em vez de promover uma reestruturação, limitou-se a aplicar o dinheiro noutros fins».

## AP Vidal

No regresso de férias, os trabalhadores da António Pereira Vidal & Filhos retomaram a luta pelo pagamento de remunerações em atraso e pela apresentação de um plano relativamente ao futuro da empresa, que já viu cortado o fornecimento de energia eléctrica. Numa resolução aprovada anteontem, em plenário, e divulgada pelo Sindicato Têxtil de Aveiro, os trabalhadores exigiram uma resposta concreta num prazo de 24 horas. Entre outras diligências, vão escrever a todos os sócios da têxtil de Valongo do Vouga (Águeda), co-responsabilizando-os pela situação, «fruto de uma gestão ruínoza que se vem manifestando há muitos anos».



Jornalistas do «Semanário» concentraram-se segunda-feira nas instalações do Dafundo

## «Apareçam»

Na permanente e sempre inacabada busca de soluções para os problemas organizativos e da afirmação e intervenção partidária, torna-se natural que a questão das prioridades se nos coloque.

O tamanho e a responsabilidade das tarefas são tais que a indefinição ou a proclamação rotineira e departamentalizada de todas as «importâncias» são susceptíveis de inviabilizar uma acção consequente ou dificultar objectivos políticos e organizativos. Aprender com as massas, estar atento aos sinais que vêm desse corpo social que queremos influenciar, com a nossa combativa oposição ao Governo PS que decorre das nossas ideias e propostas, é uma questão teórica e prática essencial, quando queremos estabelecer e concretizar prioridades.

«Ainda bem que cá vêm, vocês são únicos.» Esta frase dita assim, ou assim sentida com outras expressões, no olhar cúmplice de muitos operários, trabalhadores de serviços, da Administração Pública, etc. Ou ainda, «Apareçam, aquilo lá dentro cada vez está pior.» Lá dentro é o local de trabalho onde, para além de baixos salários, a precariedade, o espectro do desemprego, a repressão e os direitos espezinhados, a liberdade em causa, fazem parte da chantagem patronal e do aparelho do Estado.

Estes apoios, sorrisos, preocupações, revolta, olhares e gestos de simpatia, são mensagem política sentida por muitos de nós nas recentes iniciativas inseridas na Campanha pelos Direitos dos Trabalhadores que o Partido realizou junto dos locais de trabalho. Não foi surpresa, mas é natural motivo de satisfação e também de confiança.

O conteúdo destes contactos vem confirmar a justeza de uma orientação que na definição de prioridades eleja a acção do Partido junto da classe operária, dos trabalhadores, dos desempregados, dos excluídos, como uma linha **prioritária e estratégica** para um Partido que quer continuar a ser comunista e que tem propostas inovadoras e diferentes face aos grandes problemas sociais que estão a marcar a transição para o novo século.

Estratégica para as batalhas políticas conjunturais, sejam elas a Regionalização, a discussão na AR do Orçamento do Estado, as eleições legislativas e do Parlamento Europeu...

Estratégica porque, associada a uma acertada intervenção e exercício no poder local pelos comunistas e seus aliados, se pode repercutir no alargamento de influência nesse plano.

Estratégica porque tem um peso decisivo na mobilização dos trabalhadores para a luta, na sua unidade e solidariedade, na elevação da sua consciência de classe, questões vitais para os confrontos inevitáveis que opõem os trabalhadores, as suas organizações e o seu Partido – o PCP – ao grande capital e ao Governo do PS.

As intenções da alteração às leis laborais, a regressão civilizacional que as caracterizam em matéria de direitos, a vergonhosa mas tão elucidativa obediência e servilismo do Governo PS ao grande capital, acrescentam mais motivos para uma acção partidária urgente, continuada, prioritária de ligação com os trabalhadores de intervenção das organizações e militantes do Partido nos locais de trabalho, para uma resposta dos trabalhadores que derrote os planos do Governo e do patronato. Estratégica, finalmente, porque por esse caminho se reforça e rejuvenesce o Partido, dotando-o de condições renovadas para continuar a sua história com futuro.

É preciso, por isto e por aquilo, continuar esta forma distinta de estar e fazer política, com aqueles que mais sofrem as consequências do capitalismo e com os quais se alicerçam a resistência, a construção da alternativa política, e se faz a transformação revolucionária de que enformam os nossos ideais.

■ Carlos Grilo

## Bancários denunciam prepotência no BCP

**Dirigentes do Sindicato dos Bancários no Norte concentraram-se sexta-feira junto das instalações do Banco Comercial Português, no Porto, em protesto contra o que classificam de «prepotência e arbítrio antitrabalhadores» por parte da administração do grupo BCP/Atlântico.**

Vestidos de luto, em sinal de protesto contra a «escravatura» dos seus colegas, os cerca de vinte dirigentes sindicais presentes nesta acção querem «pôr o banqueiro (Jardim Gonçalves) dentro da lei» e «obrigá-lo a cumprir os direitos mais elementares do cidadão», disse Luís Gonzaga à Lusa. O vice-presidente do sindicato recordou que a manifestação de dia 28 representa o encerramento de um conjunto de acções desen-

volvidas nos últimos meses, salientando que estão já em estudo outras formas de luta, enquanto o sindicato prepara a apresentação do caso nas instâncias comunitárias.

O dirigente sindical acrescentou que as acções a desenvolver poderão culminar com uma greve de solidariedade para com os trabalhadores do grupo BCP/Atlântico.

Incumprimento dos horários de trabalho, não efectivação das pro-

moções previstas na convenção colectiva e negação do direito a actividade sindical são algumas das denúncias feitas pelo sindicato relativamente à situação no grupo.

### Observatório

Para o próximo dia 17 está marcada a primeira reunião do «observatório» que os sindicatos do sector financeiro decidiram constituir, procurando aprofundar a análise dos problemas comuns na Banca e nos seguros e propor soluções e medidas para os combater. A decisão foi tomada a 14 de Julho, numa reunião na sede do SBN em que participaram os três sindicatos de bancários e os sindicatos de

trabalhadores de seguros do Norte (que alargou recentemente o seu âmbito geográfico) e do Sul e Regiões Autónomas.

As direcções sindicais, num comunicado emitido após a reunião do Porto, verificam que, «enfrentando um mesmo poder patronal, os trabalhadores bancários e dos seguros sofrem as consequências de uma brutal desregulamentação» e revelam ter concluído «continuar o processo de discussão sobre formas superiores de organização», designadamente a criação de uma federação de sindicatos do sector financeiro. O grupo de trabalho constituído para analisar esta possibilidade deverá reunir, também na sede dos Bancários do Centro, no dia seguinte ao «observatório».

## Despedimento colectivo em marcha na Facmil

Apesar de ter havido um contacto exploratório por parte da Gestnave, manifestando interesse em comprar a empresa e admitindo a possibilidade de manter os postos de trabalho, a administração da Facmil mantém o processo de despedimento colectivo dos seus 41 trabalhadores.

A denúncia foi feita pelo Sindicato dos Metalúrgicos do Sul, na semana passada, num comunicado em que relata os esforços

desenvolvidos e as propostas apresentadas com o objectivo de manter os postos de trabalho.

O sindicato contestou os motivos invocados para o despedimento, afirmando que «a Facmil tem mercado suficiente para se manter, com estes ou mais trabalhadores, precisa é de uma melhor gestão»; nesse sentido, apresentou uma proposta na primeira reunião com a administração, a 18 de Agosto. Sugeriu alterações para que os

trabalhos passassem a ser entregues dentro dos prazos e com resultados positivos, a par de formação profissional e, até, eventuais acordos de rescisão com trabalhadores mais próximos da reforma, para cujo lugar seriam admitidos jovens desempregados.

Face à recusa e à insistência na alegada falta de mercado, o sindicato dispôs-se a procurar, no distrito de Setúbal, um parceiro para a Facmil ou uma

empresa que pretendesse continuar com a Facmil e os seus trabalhadores.

A próxima reunião com a administração está marcada para terça-feira, dia 8. O sindicato defende que o processo de despedimento deveria ser suspenso até estar resolvido o negócio com a Gestnave. Mas, caso a Facmil teime em despedir, é exigido o pagamento das dívidas aos trabalhadores e a valorização das indemnizações.

## Nem Setolial nem Setepontes

O Sindicato dos Metalúrgicos do Sul denunciou «mais uma manobra de senhores que brincam com os direitos dos trabalhadores», verificada a 20 de Agosto no Lugar das Pontes, em Setúbal. Um comunicado que o sindicato fez chegar à nossa Redacção refere que a empresa «Setolial» foi vendida, no dia 12, «no segredo dos deuses». «Também muito em segredo», o ex-patrão criou a firma «Setepontes», que parece ter assumido o compromisso de ficar com o pessoal da «Setolial». As modificações foram divulgadas «a soluços» no dia 19, e um grupo de trabalhadores tentou contactar Joaquim Alvito (vendedor da «Setolial» e patrão da «Setepontes») ou Gouveia (comprador da «Setolial»), procurando saber, nomeadamente, as condições em que seria proposta a mudança do pessoal da «Setolial» para a «Setepontes». Não se realizou a reunião que os trabalhadores exigiam, mas o «senhor Gou-

veia» veio dizer-lhes que no dia seguinte as instalações da empresa seriam abertas por Joaquim Alvito, para que pudessem laborar. Só que no dia 20 encontraram a oficina fechada.

O caso – que continua a ser acompanhado pelo sindicato – foi comunicado à Inspeção do Trabalho, que tomou conta da ocorrência.

## Portuários obtêm compromisso do Governo

Os trabalhadores do Porto de Lisboa, reunidos dia 27 de Agosto em plenário, decidiram desconvoar a greve que devia ter início no dia seguinte, sexta-feira, e prolongar-se até 11 de Setembro.

No plenário participou cerca de uma centena dos 275 trabalhadores abrangidos pelo pré-aviso de greve e a decisão foi tomada por maioria, com dois votos contra, disse à Agência Lusa o dirigente sindical João Alves. Para além dos estivadores, o pré-aviso de greve abrangia os trabalhadores do tráfego e os conferentes de carga, que já tinham efectuado uma primeira greve de cinco dias na semana anterior, com uma adesão de 100 por cento.

Os trabalhadores portuários consideravam estarem ameaçados os seus postos de trabalho com a recente legislação portuária que permite, em certos casos, que a tripulação dos navios proceda a tarefas que actualmente lhes competem. Durante uma reunião dos dirigentes sindicais portuários com o secretário de Estado Consiglieri Pedroso, na terça-feira, este contrariou aqueles receios e comprometeu-se a introduzir alterações ao decreto-lei contestado, de forma a «clarificar a sua interpretação sem margem para dúvidas».

## Greve na Limpar

Cerca de 80 trabalhadores da Limpar, uma empresa de limpeza de aviões, entraram sexta-feira no segundo dia de uma greve de quatro horas em cada um dos três turnos diários que fazem no aeroporto de Lisboa. Francisco Corredor, dirigente do STAD/CGTP, disse à Agência Lusa que a greve registava uma adesão de 80 por cento. Filipe Oliveira, sócio-gerente da Limpar, minimizando os efeitos da paralisação, admitiu que os grevistas têm sido substituídos por «voluntários que se oferecem».

Os trabalhadores lutam, desde Abril de 1998, para que a empresa cumpra o Contrato Colectivo de Trabalho. O sindicato acusa a empresa de instaurar processos disciplinares abusivos, de proceder a descontos indevidos no período de férias e de não permitir o gozo de descanso compensatório pelo trabalho prestado em dias feriados, além de manter uma situação de falta de condições de higiene, saúde e segurança no trabalho.

## MADEIRA PCP denuncia «falsos autonomistas»

«Anti-autonomistas» é como o PCP classifica na Madeira os partidos que fazem campanha pelo «não» à regionalização no referendo do próximo dia 8 de Junho. «Em nosso entender, é insustentável o discurso dos partidos que na Região Autónoma da Madeira dizem defender a autonomia, mas em relação ao continente dizem «não» à regionalização», denunciou Edgar Silva, deputado na CDU na Assembleia Regional, em conferência de imprensa. «Não seria admissível», prosseguiu, «que exigíssemos para nós a descentralização do Estado como uma das componentes fundamentais para o desenvolvimento da região e, pelo contrário, para os outros povos e para as outras regiões portuguesas, a Região Autónoma da Madeira aparecesse a recomendar a subalternização no processo de desenvolvimento do país».

Assim, depois de assegurar o empenhamento do PCP na campanha pelo «sim» ao referendo, e de apelar ao voto dos madeirenses nesse sentido, Edgar Silva acusou de «falsos autonomistas» os partidos que «se apressam a falar contra a regionalização».

## GONDOSENDE Produtos tóxicos ameaçam população

Alertada para o drama vivido no lugar de Gondosende, em Esmoriz, pela existência de um armazém de produtos altamente tóxicos e inflamáveis (colas, soda cáustica e, até, ácido sulfúrico), a Comissão Concelhia de Ovar do PCP visitou o local e conversou com a população afectada. Trata-se de uma situação de «clara e inequívoca ilegalidade», em prejuízo dos residentes, afirma o PCP, repudiando a forma como este processo vem desde Maio a ser conduzido.

A Concelhia do PCP, chamando a atenção para o parecer que sobre o assunto já foi emitido pelos Bombeiros Voluntários de Esmoriz, para o facto de aquele armazém não possuir licença de ocupação e para a notificação assinada em 25 de Junho que dava o prazo de cinco dias para a remoção daquelas substâncias, pergunta como é possível que, no dia 24 de Julho, um camião da empresa tivesse mais uma vez procedido ao descarregamento de material, perante a indignação dos residentes.

Assim, manifestando a sua solidariedade aos moradores de Gondosende, os comunistas apelam ao executivo municipal para que proceda «com absoluta urgência» à desocupação daquele armazém e ao apuramento de responsabilidades por esta situação «absolutamente insustentável».

## ALVALADE Uma vila parada no tempo

«Alvalade estaria parada no tempo se não fossem os arruamentos da Mimosa e Alvalade, o arranjo e ajardinamento da rotunda junto ao mercado, Largo das Laranjeiras e todos os outros que estão a ser feitos pelos eleitos da CDU na Câmara Municipal.»

A Comissão de Freguesia de Alvalade do PCP, a quem cabe a denúncia, afirma que a actual Junta de Freguesia do PS nem sequer conserva o que está feito, encontrando-se as ruas sujas e com ervas por ceifar e certas zonas da Vila com tanto pasto que se corre perigo de incêndio. Ruas por pavimentar, as árvores a morrer por falta de rega, má organização dos arruamentos no espaço onde o local dos Mercados foi implantado, são alguns dos problemas cuja resolução não se devendo a falta de meios humanos - que os há! -, só podem ser atribuídos a má gestão.

Por outro lado, a Assembleia de Freguesia aprova decisões que não têm andamento, como foi o caso das moções apresentadas pela CDU e aprovadas por unanimidade em Abril, relativamente ao novo hospital com maternidade e ao estado da estrada de Alvalade-Santiago, sobre as quais nada se sabe. Uma situação «inadmissível», diz o PCP, defendendo o direito da população a ser informada.

# Carlos Carvalhas no Seixal

A convite da organização local, o Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, participou, no sábado passado, num jantar-convívio em Miratejo, com dezenas de pessoas, tendo de seguida visitado as festas populares de Corroios, no concelho do Seixal.

No breve discurso que proferiu durante o jantar, Carlos Carvalhas, referindo-se à actual governação, afirmou que o PCP era a favor da estabilidade, «mas esta tem que ser baseada em valores sociais para satisfazer as necessidades das populações», pois a estabilidade «não é só manter o governo, e os ministros continuarem nos seus ministérios.»

O Secretário-geral do PCP denunciou ainda o pacote



No jantar era já visível o entusiasmo pela realização da Festa do «Avante!», no próximo fim-de-semana, na Atalaia.

laboral - «bastante negativo para os trabalhadores -, a «manutenção do numerus

clausus» e «o trabalho precário e a emigração» que surgem como as únicas saídas para a

juventude e são, afinal, factores de «instabilidade e desestabilização social.»

## Encontro sobre Emigração OE deve investir no ensino da língua portuguesa

No quadro das jornadas de reflexão sobre *Emigração, o Ensino e a Língua Portuguesa*, que tem vindo a promover e se propõe prosseguir, a Direcção da Organização na Emigração do PCP (DOE) realizou, no passado dia 26 de Agosto, uma reunião em Lisboa na qual participaram membros dos organismos do PCP em diversos países, em gozo de férias em Portugal.

No comunicado que divulgou após a reunião, a DOE diz que «a situação do ensino da língua portuguesa no estrangeiro continua a estar no centro das principais preocupações dos emigrantes portugueses espalhados pelo Mundo». E, face às informações vindas a público sobre as condições em que se está a processar a colocação de professores no estrangeiro para o ano lectivo 98/99, reafirma «a justeza das críticas dirigidas ao Governo português por muito tardiamente proceder aos concursos para colocação de professores».

Por outro lado, tendo em conta a proximidade do debate e aprovação do Orçamento de Estado para 1999, a DOE chama a atenção para a necessidade de um investimento «qualitativo e quantitativamente mais largo e avançado quanto ao ensino e divulgação da língua e cultura e portuguesas lá fora, assim como no apoio aos jovens que regressam e pretendem integrar o nosso sistema educativo».

Aliás, uma das conclusões dos debates já realizados pelos comunistas, é a de que os cerca de 6 milhões de contos previstos no Orçamento de Estado para este ano «é um investimento muito baixo», sendo indispensável um maior investimento no sentido de «contrariar

a lógica de mera assimilação, nos países de acolhimento, valorizando a identidade bicultural e bilingue que preserve nas jovens gerações da emigração portuguesa uma relação consistente com Portugal».

É «muito positiva» a crescente tendência para a realização em Portugal, durante o verão, de iniciativas promovidas ou apoiadas por autarquias e estruturas locais e regionais, para debater os problemas dos nossos emigrantes, diz ainda o PCP, saudando particularmente o 1º Encontro Europeu de Jovens luso-descendentes que contou com a presença de 100 jovens. São iniciativas - prossegue - que

confirmam a importância no plano social e económico da nossa emigração na sociedade portuguesa e, ao mesmo tempo, manifestam o «persistente interesse e vontade dos emigrantes em manter uma forte ligação ao País e em particular às suas regiões de origem».

Quanto ao Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP), o PCP considera que, decorrido cerca de um ano desde a sua 1ª reunião mundial, o Governo português continua sem implementar as recomendações aprovadas e a desprezar as várias estruturas do Conselho, pretendendo fazer do CCP um órgão meramente decorativo. Assim, é «indispensável» que sejam assegurados ao Conselho os meios necessários ao seu efectivo funcionamento, sendo de lamentar que o Governo não tenha convocado uma reunião mundial, tendo em conta a realização da EXPO 98, onde a exposição sobre as comunidades portuguesas é de

«muito fraca qualidade» e não reflecte «a realidade da nossa diáspora».

A DOE do PCP apreciou ainda o andamento da Campanha de Recenseamento Eleitoral que lançou junto das suas organizações na Emigração, com a qual pretende dar combate à passividade de um grande número de emigrantes e, ao mesmo tempo, proporcionar um debate visando a dinamização e participação dos emigrantes portugueses - nas sociedades onde estão inseridos -, na luta pelos seus direitos, contra o racismo e a xenofobia, «por uma sociedade aberta e multicultural, pelos direitos dos emigrantes e pelo exercício dos seus direitos nas eleições locais».

Uma Campanha que, naturalmente, está «orientada para estimular a participação política dos emigrantes que compreendem a necessidade de fortalecer o PCP e a CDU, já nos próximos actos eleitorais a decorrer no próximo ano».

## Esquerda europeia debate situação no Chipre

Terminou no domingo passado, em Larnaca, Chipre, a Conferência do Grupo da Esquerda Unitária Europeia do Conselho da Europa, dedicada à análise e debate da questão cipriota e da ocupação pela Turquia de mais de um terço do território da República de Chipre, bem como sobre o processo de alargamento e expansão da NATO e a segurança europeia.

Na Conferência, onde participou o deputado do PCP Lino de Carvalho, membro da Assembleia Parlamentar do Conselho da

Europa, estiveram igualmente presentes deputados e representantes dos partidos comunistas e de esquerda de Chipre, Rússia, Ucrânia, Boémia, Morávia, Dinamarca, Noruega, Grécia e França.

O debate sobre a situação de Chipre foi introduzido por Demetris Christofias, Secretário-geral do Partido Akel - partido que acolheu a Conferência -, que esteve acompanhado, nesta importante iniciativa, pelo Ministro das Finanças e pelo Presidente do Parlamento de Chipre, Spyros Kyprianou.

# CNA toma posição sobre os fogos Incêndios reduzem a cinza a floresta e a propaganda governamental

Em matéria de incêndios florestais, pouco mais de dois meses sobre o início do Verão, a situação no País é de verdadeira calamidade. A opinião é da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) que recorda que até 23 de Agosto, segundo os números oficiais, ocorreram mais de 22 mil incêndios que queimaram mais de 40 mil hectares de mato e floresta, incluindo em áreas protegidas. Uma realidade demasiado pesada que corresponde quase ao dobro dos totais registados no ano passado e que está acima do «recorde» absoluto (de 1995) quanto ao número de fogos florestais alguma vez verificados até àquela data (23 de Agosto).

Bastaram dois meses, por conseguinte, lembrou a CNA em conferência de imprensa realizada no passado dia 28, para reduzir a cinzas não apenas a floresta, como também a propaganda e a demagogia governamental. A este propósito, recordadas foram na presença dos jornalistas as “precipitadas declarações” do próprio Primeiro-Ministro e do secretário de Estado da Administração Interna, nomeadamente quando, há pouco mais de dois meses, ainda falavam da quase «inexistência» de incêndios e prometiam «proezas» impossíveis nos domínios da prevenção, redução e combate aos fogos florestais”.

Face à calamidade que atingiu o País, de acordo com as declarações dos dirigentes da CNA, a “única «coisa» que o Ministério da Administração Interna «controlou e apagou» foi a acção do Ministério da Agricultura”, o que, em sua opinião, não deixa de suscitar renovadas preocupações, porquanto, refere, “também indicia problemas e erros de coordenação e estratégia”.

## Causas da tragédia

Sem deixar de reconhecer que foram adoptadas “algumas medidas positivas”, como foi o caso das alterações tácticas entre os meios de combate terrestres e aéreos, a CNA sublinha que entre as principais causas que explicam a dimensão da tragédia continua a estar a “crise e a ruína da agricultura familiar”, resultantes das “erradas políticas agrícolas e florestais” que levam ao abandono da actividade e ao êxodo das populações rurais.

Apontado é também o facto de continuar por regulamentar a Lei de Bases da Política Florestal e por ultimar o Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa, qualquer deles, do ponto de vista da CNA, “instrumentos fundamentais para se começar a aplicar um correcto e eficaz ordenamento florestal”.

Lembrada, neste capítulo, é a forma incorrecta e a passo-de-caracol como continua a ser feita a (re)florestação organizada, à excepção contraditória das áreas de floresta industrial, enquanto a restante florestação,

de um modo geral, “apenas obedece aos caprichos da natureza”.

“Pouco eficazes”, ainda segundo a CNA, mostraram-se os propagandeados programas oficiais do MAI para a «prevenção, detecção e vigilância» dos fogos e da floresta, apesar das verbas já significativas de que dispõem.

“Os próprios programas de «limpeza de matas», foi dito na conferência de imprensa, “com uns dois milhões de contos atribuídos em dois anos (!?), esqueceram, à partida, a participação dos agricultores (e produtores florestais)”, o que, na perspectiva da CNA, “é um erro crasso”.

As medidas legais/repressivas entretanto adoptadas, embora tenham importância para dissuadir os incêndios de origem criminosa, só por si não os reduzem substancialmente, no entender da CNA, que chama igualmente a atenção para o facto de o Governo não poder querer “confundir os incêndios originados por descuidos com os de origem comprovadamente criminosa”.

“A madeira queimada mantém escoamento industrial a preços assinaláveis, embora saia da mata e dos produtores ao completo desbarato... A pressão imobiliária junto aos centros urbanos não abranda...” constata a CNA, que rejeita, “por injusta, a punição anunciada pelo secretário de Estado da Administração Interna, segundo a qual os pastores vão ser impedidos de pastorear nas áreas ardidas durante três anos”.



“Bastaram dois meses de Verão para confirmar a calamidade e reduzir a cinzas a demagogia governamental”, lembra a CNA

## Medidas que urgem

Exigindo do Governo que “faça menos propaganda e passe aos actos eficazes”, a CNA anunciou, entretanto, um conjunto de medidas que em sua opinião poderão contribuir para inverter a actual situação. Desde

logo, revelaram os dirigentes da CNA presentes na conferência de imprensa, a adopção de “outras políticas agrícolas (e florestais)” que travem a crise geral na agricultura e evitem o êxodo das populações rurais.

Não menos importante, foi dito, é “discutir e ultimar”,

para rápida aplicação, a Lei de Bases da Política Florestal, bem como o Plano para o Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa com vista, entre outros, a um correcto ordenamento florestal.

Exigida pela CNA é também, noutra vertente, a “cria-

ção de parques de recolha obrigatória da rolaria ardida”, a comercializar ulteriormente pelo Estado, por forma a garantir não apenas preços razoáveis junto dos produtores/proprietários como um adequado combate a certos interesses económicos ilícitos.

A declaração de calamidade para as regiões mais afectadas com as correspondentes indemnizações pelos prejuízos das culturas constitui outra das medidas reclamadas pela Direcção Nacional da CNA, que considera igualmente necessário o reforço das verbas do Orçamento do Estado a afectar à reflorestação.

Exigida, por último, é a intervenção do Governo junto da Comissão Europeia no sentido de ser obtida uma ajuda financeira urgente às zonas mais afectadas pelos incêndios e definida, por aquela entidade, uma “estratégia global de prevenção e defesa da floresta comunitária que inclua, entre as várias medidas a tomar, a criação de um fundo florestal comunitário”.

## Partido “Os Verdes”

# Contra autismo do Governo

“A floresta portuguesa continua à mercê de interesses economicistas e imediatistas que não servem nem o ambiente nem a comunidade no seu todo”. A opinião é do Partido Ecologista “Os Verdes” e foi recentemente tornada pública a propósito da vaga de incêndios que este ano voltou a atingir vastas áreas do território, consumindo a nossa floresta.

Pronunciando-se sobre a postura do Governo em relação a esta matéria, “Os Verdes” consideram que as declarações proferidas no início de Agosto por Armando Vara, Secretário de Estado da Administração Interna, “reduzindo os incêndios a meros cenários virtuais para venda noticiosa, traduzem não só uma atitude autista por parte de um Governo que se diz dialogante, como reflectem uma postura constante da política governativa na área do ambiente, onde prevalece o parecer sobre o ser”.

Mas a questão de fundo, no entender de “Os Verdes”, continua a residir no facto de a política florestal ser orientada fundamentalmente para a produção lenhosa intensiva e de crescimento rápido. “Enquanto a floresta portuguesa continuar atingida pelo cancro da monocultura, nunca deixará de ser pasto privilegiado para as chamas”, alertam, sem deixar de fazer notar que, o pior, é que “não se vislumbra vontade política” para inverter esta tendência.

Defendendo uma “floresta diversificada e sustentável”, “Os Verdes” entendem que para atingir esse objectivo importa encarar-la como um “sistema complexo a promover e preservar”, devendo, simultaneamente, ser definida uma política florestal adaptada às realidades ecológicas e sócio-económicas que contribua para a conservação dos recursos e do património natural.

## Destruição da Mata do Cabril Governo responsável por perda irreparável

O Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens (FAPAS) responsabilizou o Governo pela destruição da Mata do Cabril, Parque Nacional da Peneda-Gerês, “um dos mais importantes núcleos de património natural do Sul da Europa”.

“Este governo ficará inevitavelmente associado à mais grave perda do já moribundo património natural português”,

afirma o FAPAS, em comunicado divulgado no passado dia 26, no qual manifesta o seu “profundo repúdio e extrema revolta” pela situação ocorrida naquela mata, destruída pelo fogo.

Para os ambientalistas, a Mata do Cabril “era uma relíquia do terciário, uma amostra de vegetação primitiva estrategicamente situada na Peneda-Gerês”.

Na flora local destacavam-se o carvalho-alvarinho, o azevinho e o “raro” azereiro lusitano, enquanto a fauna incluía lobos e gatos-bravos, além de um “muito rico núcleo de répteis e anfíbios”.

“Confirma-se pela forma mais trágica o que o FAPAS vinha denunciando há anos: o Estado tem uma máquina montada para executar uma política de conservação da natureza

que, na prática, não existe”, salienta aquele grupo ambientalista.

Segundo o FAPAS, “o Estado aprova legislação que declaradamente não faz cumprir, não condicionou os acessos, não controla as práticas desportivas e recreativas onde elas são interditas e assiste impassível à prática de queimadas”.

Os ambientalistas salientam ainda que na origem do

incêndio que destruiu a Mata do Cabril pode ter estado uma queimada, que consideram ser “um crime intolerável no único parque nacional português”.

“Não sentimos o tão enaltecido orgulho português no momento em que foi criminosamente destruído o “oceanário” do Parque Nacional da Peneda-Gerês”, conclui o FAPAS.

## NACIONAL

# Incêndio do Chiado Câmara de Lisboa intervém em apoio dos trabalhadores

A Câmara Municipal de Lisboa decidiu iniciar contactos com o Governo com vista à resolução dos problemas sociais dos mais de mil trabalhadores que perderam os seus postos de trabalho em resultado do incêndio do Chiado.

Aprovada na sessão plenária do passado dia 26 de Agosto, na sequência de uma proposta subscrita pelos vereadores do PCP, esta decisão camarária prevê nomeadamente que na solicitação ao Governo seja transmitida a necessidade de o mesmo, em diálogo com os trabalhadores, equacionar soluções para questões tão importantes como sejam a reavaliação e revalorização das carreiras contributivas para a Segurança Social, a atribuição do subsídio de desemprego, ou o acesso à reforma antecipada a partir dos 55 anos de idade para os que estiveram nessa situação.

Na moção em que se aprovam os termos das diligências

a efectuar pela Câmara Municipal junto do Governo, salientada é igualmente a importância de reclamar do Governo, através do Ministério da Segurança Social, a solução para o pagamento das indemnizações por antiguidade aos 1117 trabalhadores vítimas do sinistro, ou que, em última análise, não inviabilize, à partida, a utilização para esse fim do Fundo Extraordinário de Apoio à Recuperação do Chiado.

No texto, numa abordagem genérica à actual situação dos trabalhadores, refere-se que "uns, sem trabalho, no desemprego ou em trabalhos precários, foram deixando para trás os anos de antiguidade do ser-

viço das suas empresas", enquanto outros "foram passando à situação de reforma no seguimento do desemprego, com pensões mínimas, já que desde essa data não tiveram outras entradas de remuneração actualizadas na Segurança Social".

Realçado no texto da moção é ainda o facto de nenhuma das empresas ter accionado "qualquer mecanismo legal de rescisão do contrato individual de trabalho, pelo que se mantêm os respectivos vínculos laborais".

Esta resolução da CML foi aprovada no dia seguinte ao da realização de um plenário dos trabalhadores afectados pelo incêndio do Chiado, promovido pelo Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa, no qual esteve presente o vereador comunista António Abreu, que interveio em apoio das reivindicações dos trabalhadores.

## Cidades com estuário em debate O reencontro das pessoas com o rio

Com a presença de 300 participantes, decorreu de 24 a 26 de Agosto, no Fórum Lisboa, a "Conferência Anual dos Estuários". Promovido e organizado pela Junta Metropolitana de Lisboa, o evento contou com a participação de políticos, especialistas, operadores privados e institucionais, professores universitários, urbanistas e geógrafos, que apresentaram e debateram um conjunto vasto de questões relacionadas com a gestão dos estuários, portos, áreas portuárias e recuperação de frentes ribeirinhas, comparando as intervenções realizadas pelos vários parceiros

européus que integram esta rede de cidades com estuários.

Foram apresentados os projectos de requalificação das zonas ribeirinhas sob gestão do Porto de Lisboa e o PORSET - Reestruturação Urbana da Frente Ribeirinha do Porto de Setúbal, bem como as intervenções urbanas nas frentes ribeirinhas dos estuários do Clyde, Gironde, Loire, Severn e Wear.

Os trabalhos do dia 26 de Agosto foram presididos por Miguel Boeiro, Presidente da Câmara Municipal de Alcochete que, por deliberação da Junta Metropolitana de Lisboa, foi designado como representante da AML na rede Estuários.

Na intervenção de encerramento, em que apresentou as conclusões da conferência, José Lourenço, vereador da Câmara Municipal de Almada, sublinhou o reconhecimento por parte das administrações dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra quanto à necessidade de um novo relacionamento com os municípios que envolvem os seus estuários e chamou a atenção para a importância de serem adoptadas políticas de intervenção activa dos municípios ribeirinhos na requalificação das frentes de água por forma a proporcionar o reencontro das populações com o rio e o uso das frentes ribeirinhas para o lazer, turismo, desporto e cultura.

## Loures abre troço da Via de Cintura

A Câmara Municipal de Loures abriu ao trânsito, no passado dia 27 de Agosto, o troço 18-A da Via de Cintura da Área Metropolitana de Lisboa, uma estrada com perfil de via rápida que vai melhorar os acessos ao Norte do concelho e ao futuro Mercado Abastecedor (MARL).

Com dois quilómetros de extensão e quatro faixas de rodagem com separador central, a nova via rápida liga a Estrada Nacional (EN) 115, à entrada da freguesia de Santo Antão do Tojal, à Estrada Nacional 116, junto ao Nó do Zambujal (acesso à CREL).

Funcionando como variante, como salienta uma nota do Gabinete de Comunicação Social da Câmara de Loures, o troço 18-A vai retirar da EN 115, no atravessamento do centro urbano da localidade, uma parte significativa do trânsito, actualmente estimado em cerca de 12 mil veículos por dia, e que deverá duplicar no próximo ano com a abertura do MARL.

A nova infra-estrutura rodoviária representou um investimento do Município de Loures de cerca de 1,2 milhões de contos, com participação pelo Fundo de Coesão, ao abrigo do Programa Operacional de Lisboa e Vale do Tejo.

## INTERNACIONAL

## Presidenciais no Brasil «A vida de rico é muito aborrecida»

A campanha para as eleições presidenciais brasileiras - marcadas para 4 de Outubro - prossegue com alguns escândalos, especialmente protagonizados pelo actual presidente Fernando Henrique Cardoso.

como acontece com os ricos e poder ir a restaurantes e espectáculos», afirmou um habitante, citado pela agência Lusa.

«Cardoso diz isso porque

não está no nosso lugar, mas de certeza que não gostaria de ser pobre», defendeu outro.

Para o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso «vive num país de fantasia». «Ele devia ver o que não é ter hospital na hora que precisa, o que é não ter escola decente para colocar os filhos, o que é não saber se o dinheiro vai dar para pagar o aluguer no fim do mês», acrescentou.

Depois da contestação pública, FHC tentou inverter o seu discurso. «Não disse que é chato ser rico, porque eu não sou rico. Eu sou professor, sou um pobre. Eu disse outra coisa, mas isso foi mal exposto talvez por mim mesmo», indicou.

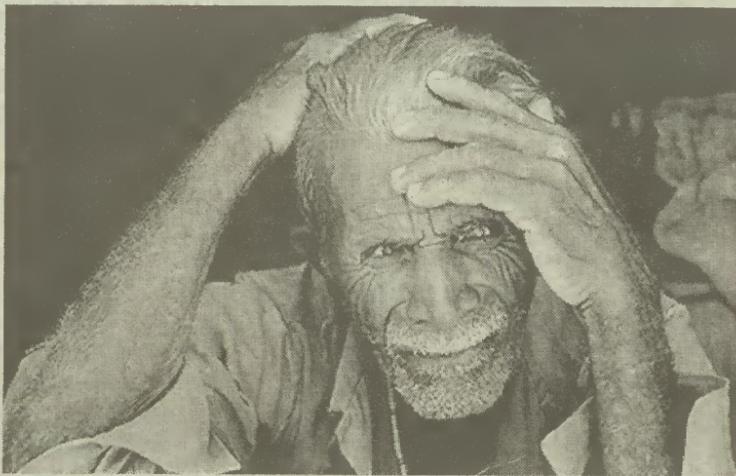
«O que nós estávamos oferecendo era melhorar as condições de vida. Até porque não sei se vale a pena ter vida de rico. Eu não tenho. Tenho vida de uma pessoa que trabalha. Foi nesse sentido que eu quis dizer. Seria uma ilusão pensar que vida de rico é o que a gente busca», adiantou o presidente.

O salário de Fernando Henrique Cardoso é de 8 mil reais (cerca de 1 300 contos), rece-

bendo ainda uma reforma como professor catedrático de 5 mil reais (oitocentos contos) e benefícios pelo cargo que desempenha como transporte, casa e alimentação gratuitos.

### No país real

«Será que é muito aborrecido ser rico? Eu gostaria de ser atendido logo nos hospitais



## Brancos ganham o dobro de negros e mestiços

A maioria dos brasileiros tem uma vida difícil. Mas, segundo um estudo oficial da responsabilidade do Instituto de Geografia e Estatística, os negros e os mestiços lidam com uma situação bem mais complicada, ganhando metade dos salários dos brancos.

Realizada em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, esta sondagem revela que o salário médio dos homens brancos é de 881 reais (142 contos), o dobro do dos negros (423 reais - 68 contos). Por seu lado, as mulheres brancas recebem 579 reais (93 contos) e as negras 266 reais (43 contos).

O estudo mostra que a população negra e mestiça exerce funções inferiores e pior remuneradas, mesmo quando possui uma preparação escolar idêntica à dos brancos.

Outra conclusão a que o Instituto de Geografia e Estatística chegou é que continuam a existir grandes assimetrias regionais, com os piores indicadores no nordeste e no norte do Brasil.

Nas zonas rurais do nordeste, 25 por cento das crianças dos 5 aos 14 anos trabalham, enquanto nas cidades da mesma zona a taxa passa para os 15 por cento. No sudeste do Brasil, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, a percentagem de trabalho infantil é de cinco por cento.

Quanto à Segurança Social, 57 por cento dos brasileiros não desconta e no futuro não terá

direito a reforma. No nordeste, este número atinge os 75 por cento.

Outro indicador do nível de vida dos brasileiros são os electrodomésticos que cada família possui. O estudo mostra que apenas um terço tem fogão, frigorífico e televisão.

### As medidas do Governo

A situação financeira no Brasil é, de facto, grave para a maioria dos cidadãos. Como a sondagem prova, as alterações que o Governo está a levar a cabo não melhora as condições de vida da população.

Como referiu recentemente a Comissão Económica para a América Latina e Caraíbas, o processo económico do presidente Fernando Henrique Cardoso (assente na abertura da economia, nas privatizações e no controle do processo inflacionário) não é suficiente para promover o crescimento necessário para combater a pobreza.

Embora a inflação esteja controlada em cerca de cinco por cento, as medidas do Governo pouco beneficiam os brasileiros: os grandes investidores internacionais recebem maiores incentivos para se instalar no país, as grandes empresas estão a ser privatizadas e uma parte das reservas cambiais será gerida por instituições bancárias privadas internacionais.

# Cimeira russo-americana «Bill & Boris Show» à sombra de Tchernomirdin

A cimeira que reuniu em Moscovo, nos últimos dias, os (ainda) presidentes russo e norte-americano, Boris Ieltsin e Bill Clinton, poderá ficar na história da política internacional como uma autêntica peça de teatro do absurdo. Dois políticos desacreditados, cada qual a seu modo, manifestamente incapazes de resolverem os problemas internos dos respectivos países e de travar a bola de neve que as suas políticas desencadeiam a nível internacional, sentaram-se à mesa como os senhores do mundo e assinaram pomposas declarações. É a política tipo descartável, de usar e deitar fora.

Se tudo correu como o previsto - o que, sendo a Rússia o palco das operações, não é certo -, à hora do fecho desta edição Boris Ieltsin e Bill Clinton já tinham assinado uma série de declarações sobre a segurança, o desarmamento e as relações económicas entre os países que cada um diz representar. Que os referidos documentos venham a ter alguma importância é algo em que ninguém parece acreditar. O «Bill & Boris Show», como a imprensa americana baptizou a cimeira, não passa de um compasso de espera entre o desenvolvimento do escândalo 'Monica Lewinsky' e a tragicomédia da (re)nomeação de Victor Tchernomirdin para primeiro-ministro da Rússia.

A cimeira russa, se serve para alguma coisa, é aos interesses particulares dos seus principais protagonistas.

Para Clinton, tratou-se de trazer uma vez mais a cena o papel de «líder do mundo livre» e lembrar o interesse do Ocidente por Moscovo. «O que eu quero é ir lá e dizer-lhes que o fácil não é o correcto. O fácil é tentar regressar ao modo como eles [os russos] antes faziam as coisas e isso não é possível. Se eles continuarem no caminho das reformas para estabilizar a sociedade e reforçar a economia e voltarem a ter crescimento, então penso que a América e o resto das nações

ocidentais com economias fortes devem ajudá-los», disse Clinton ao partir para Moscovo.

Este claro recado à Duma (câmara baixa russa), em dificuldades para «engolir» de novo Tchernomirdin, não consegue esconder no entanto a desorientação americana face à caótica política russa. Convém lembrar que Clinton decidiu incluir na sua agenda em Moscovo encontros com os líderes dos maiores grupos parlamentares e também com o governador de Krassnoïarsk, Aleksander Lebed, e com o presidente da Câmara de Moscovo, Iuri Lujkov. Ou seja, com todos os eventuais candidatos ao Kremlin.

Encontrar o interlocutor certo é da máxima importância para Washington. Não foi certamente por acaso que, na Casa Branca, se chegou a debater a possibilidade de uma reunião de emergência do Grupo dos Sete (G7) para discutir a crise financeira russa. A ideia acabaria por ser posta de parte, sobretudo devido à oposição da Alemanha, passando-se depois à posição oficial de que compete às autoridades russas «meterem na ordem o seu sistema bancário».

Sabe-se que alguns conselheiros económicos da Casa Branca avisaram o presidente que o colapso económico da Rússia poderá ter sérias implicações para diversos bancos alemães e também provocar uma fuga gene-



Enquanto na cena política se degladiam os interesses das mafias russas, nas ruas cresce a revolta dos que, como os mineiros, sofrem as consequências da degradação das condições de vida

ralizada de investidores dos chamados mercados emergentes com consequências graves para alguns desses países.

## O senhor que se segue

Para Ieltsin, por seu lado, era fundamental a visita do seu homólogo norte-americano num momento em que o país se encontra sem Governo, sem uma política definida, mergulhado numa profunda crise económico-financeira, e quando se aperta o cerco para a sua substituição.

Mesmo que a Duma, a exemplo de casos anteriores, acabe por aceitar o governo que Tchernomirdin continua a preparar apesar do chumbo da sua nomeação, Ieltsin sabe que o poder depende dos apoios externos que consiga reunir e das benesses internas que possa distribuir. É esclarecedor que, apenas regressado ao Kremlin, Victor Tchernomirdin tenha viajado até à Crimeia para um encontro com o director-geral do FMI, Michel Camdessus. O FMI prometeu à Rússia um empréstimo urgente de 22,6 milhões de dólares, em troca de um rigoroso plano anticrise que o

demitido Kiriienko procurou implementar sem sucesso, pondo em causa as mafias russas.

A cimeira serviu também às mil maravilhas para os planos de Tchernomirdin, que aparentemente conseguiu reunir o apoio de alguns dos seus mais directos rivais na corrida à presidência, como é o caso de Lebed. É bom lembrar que Tchernomirdin é um dos membros do restrito clube de magnates mafiosos criado na Rússia após a derrocada da União Soviética, e que durante os cinco anos que esteve à frente do governo foi uma peça fundamental na destruição do tecido produtivo, entrega ao desbarato ao sector privado das empresas estatais, e implementação do capitalismo selvagem que tanto beneficiou o grupo de milionários de que hoje

faz parte. Há mesmo quem admita que a sua substituição por Serguei Kiriienko se destinou, tão-só, a livrá-lo do «trabalho sujo» que Kiriienko foi levado a fazer, e que Tchernomirdin sempre foi o «homem de Ieltsin». O homem com quem parece ter começado na Rússia a transferência de poderes e um intrincado jogo político para que o presidente deixe de ser eleito por sufrágio universal.

As palavras de Boris Beresovski, proprietário do *Nezavisimaya Gazeta*, podem ser premonitórias: «O meu prognóstico é que Tchernomirdin será primeiro-ministro independentemente da posição da Duma. A oposição está plenamente consciente que, em caso de qualquer revolta, esta arrastará toda a gente, autoridades e oposição.»

## Coreia do Norte celebra 50.º aniversário

A Coreia do Norte celebra na próxima quarta-feira o seu 50º aniversário, data para que estão previstas comemorações nacionais. Alguns dias antes, no sábado, terá lugar a primeira reunião da décima sessão da Assembleia Popular Suprema, eleita no passado dia 26 de Julho.

Entretanto, o Governo de Pyongyang viu-se envolvido em alguma polémica depois de ter lançado um míssil balístico na direcção do mar do Japão na segunda-feira.

Segundo fontes do exército norte-americano, o míssil foi lançado da costa leste da Coreia do Norte para um ponto do mar do Japão situado a cerca de 300 quilómetros a sul da cidade russa de Vladivostok. A primeira secção do míssil mergulhou no mar entre a Rússia e o Japão e a segunda sobrevoou o território japonês e caiu no oceano Pacífico.

As autoridades de Tóquio emitiram no mesmo dia uma nota de protesto para Pyongyang e enviaram dois navios-patrolha e um avião de reconhecimento para a zona de impacto.

«O Departamento de Defesa considera que se trata de um acontecimento muito sério e faremos uma avaliação da situação», declarou o porta-voz do Governo dos EUA, Jim Kout.

«Encaramos isto como um acto muito perigoso», afirmou por seu lado um representante do executivo japonês, Hiromu Nanoka, citado pela Lusa.

Este acontecimento provocou alguma tensão entre os EUA e a Coreia do Norte, mas as conversações que decorrem entre os dois países não foram afectadas. Washington propôs a Pyongyang suspender o seu programa de mísseis em troca do fornecimento de conhecimentos técnicos no domínio da energia nuclear.

## Desemprego aumenta na Alemanha

De acordo com a agência noticiosa alemã, citada pela Lusa, existiam mais de quatro milhões de desempregados em Agosto na Alemanha. Estes números mostram que, ao contrário das recentes declarações do chanceler Helmut Kohl, a taxa de desemprego está a subir e já atinge 11 por cento dos alemães.

## ONU pede cessar-fogo no Afeganistão...

Reunido no sábado, o Conselho de Segurança da ONU adoptou uma resolução co-patrocinada por 20 países que apela ao cessar-fogo no Afeganistão ao fim da intervenção paquistanesa no país. O documento condena ainda os ataques ao pessoal das Nações Unidas e a detenção de diplomatas iranianos. Para a ONU, o conflito afegão só terá fim mediante uma solução pacífica alcançada através de negociações entre os talibãs e a oposição.

## ... e levanta sanções contra a Líbia

O Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu por unanimidade levantar as sanções económicas contra a Líbia, com a condição de este país entregar os dois suspeitos do atentado aéreo de Lockerbie. «O que precisamos da Líbia não são declarações equivocadas e condicionais, mas um acatamento simples e directo. Esperemos que provem com os seus actos as intenções que declararam», afirmou o delegado dos EUA, na quinta-feira passada. Tripoli respondeu que só entregará os suspeitos se as autoridades norte-americanas e britânicas garantirem que o julgamento se fará em Haia sem «truques». Entretanto, no domingo, a Líbia apresentou à Liga Árabe um projecto de resolução que reclama o levantamento imediato do embargo pelos países árabes. Este embargo aéreo e militar foi imposto em 1992 - e reforçado posteriormente com sanções financeiras -, quatro anos depois de um atentado contra um avião da PanAm que provocou 270 mortos.

## Kabila avança no Congo

Apoiadas por soldados de Angola e do Zimbábue, as Forças Armadas do Congo conquistaram no domingo os últimos redutos rebeldes no sudoeste do país. Segundo declarações de uma fonte do Governo, o exército do presidente Kabila está actualmente a preparar uma ofensiva para «dominar a invasão por parte do Ruanda e do Uganda».

## Turquia

# PKK decreta cessar-fogo

O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) proclamou um cessar-fogo unilateral e incondicional, de modo a alcançar «uma solução pacífica para a questão nacional curda através do diálogo com o Estado turco».

Numa declaração difundida pela cadeia de televisão por satélite Med-TV, o chefe da guerrilha, Abdula Ocalan - também conhecido pelo nome de guerra «Apo» - anunciou no sábado o cessar-fogo que entretanto teve início simbolicamente na passada terça-feira, Dia Mundial da Paz, e que se manterá em vigor até Abril de 1999, mês em que se realizam eleições legislativas e municipais na Turquia.

«O terror e a violência não são as melhores vias para as relações humanas», disse Abdula Ocalan. «Desde que não sejamos atacados pelas forças turcas, não empreenderemos nenhuma acção armada», acrescentou o líder curdo.

## Poucas esperanças do lado do Governo

O Governo turco rejeitou de imediato o cessar-fogo, não considerando Ocalan como «interlocutor válido». «Se ele dá um passo para se render, depois de compreender que se encontra numa situação desesperada e que não pode lutar contra o Estado turco, considero esse facto como algo positivo», afirmou o primeiro-ministro conservador Mesut Yilmaz. «Mas, se o que pretende criar é uma plataforma política na Europa, os seus esforços serão vão», precisou.

Este é o último de vários cessar-fogos anunciados pelo PKK. Até agora todos eles foram condicionados pela aceitação do Governo, apenas este é unilateral. Esta verdadeira guerra entre as forças armadas turcas e os curdos teve início em 1984, quando o PKK iniciou a sua luta pela criação de um Estado independente. Desde essa data mais de 30 mil pessoas morreram e milhares foram obrigadas a saírem das suas zonas originárias.

FESTA



# a festa!

AMORA-SEIXAL

4, 5 e 6 SETEMBRO



## Amanhã

# Todos na Atalaia



## Solidariedade na Festa Medicamentos para Cuba

Decorridos 36 anos de heróica resistência ao bloqueio ilegal e criminoso imposto pelos Estados Unidos, o povo cubano continua firme na defesa da sua pátria e das conquistas revolucionárias. Apesar do clamor de condenação e protesto que tem crescido em todo o mundo, os Estados Unidos continuam a aplicar sanções desumanas, proibindo nomeadamente a venda de alimentos e a restrição de produtos médicos a Cuba.



Como retribuição simbólica, os motores da campanha oferecem um frasquinho com açúcar

O aumento do sofrimento, do número de doenças e de mortes em resultado do bloqueio é relatado por estudos de peritos de organizações internacionais, entre elas da insuspeita Associação Americana para a Saúde Mundial (AAWH). Esta associação concluiu que a total proibição da venda de alimentos norte-americanos contribuiu para sérias carências nutricionais,

particularmente entre as mulheres grávidas, resultando um aumento de recém-nascidos com baixo peso. Além disso, a escassez de comida esteve relacionada com uma devastadora epidemia de neuropatia que afectou mais de 50 mil pessoas. Segundo estimativas, o consumo diário de calorias reduziu-se em 33 por cento entre 1989 e 1993.

De igual modo, a associação confirma que o bloqueio impede o acesso de Cuba a quase metade dos medicamentos mais modernos do mercado internacional, os quais são desenvolvidos por companhias norte-americanas.

No decorrer de uma visita a uma sala pediátrica cubana, os médicos observaram que as 35 crianças vomitavam sucessivamente por falta de metocloroprotamida HCL (composto usado na quimioterapia pediátrica para evitar as náuseas). Incompreensível é ainda que seja negado o acesso às crianças com leucemia linfoblástica aos novos medicamentos (como o Oncaspar para doentes alérgicos ao L-Spar) para prolongar as suas vidas e minorar os seus sofrimentos. A mesma fonte de informação americana consta que «uma catástrofe humana só foi evitada pela decisão do Governo cubano de manter um forte apoio orçamental ao sistema nacional de saúde que garante os cuidados médicos primários e preventivos da população. De facto, a taxa de mortalidade infantil em Cuba é metade da de Washington. Ainda assim, o bloqueio dos EUA causou grandes danos no modelar sistema de cuidados primários da ilha. A campanha de solidariedade Medicamentos para Cuba, promovida pela Associação de Amizade Portugal-Cuba, terá grande visibilidade na Festa do *Avante!*, onde, durante o próximo fim-de-semana, continuarão ser recolhidas contribuições. Cuba e os seus 45 anos de história são evocados numa exposição no espaço internacional, onde no domingo, pelas 19 horas, decorre um debate com a participação de Sergio Corriere e Miguel Urbano Rodrigues.

## Chinquilho apura finalistas

O Torneio Distrital de Chinquilho de Setúbal decorreu no passado domingo na Gâmbia (Setúbal), terminando com o apuramento das sete equipas que vão disputar a finalíssima na Festa do *Avante!*. Assim, apuraram-se as seguintes equipas: Amigos do Chinquilho (Setúbal); Cooperativa das Pontes (Setúbal); Coína (Barreiro); Caxias (Sesimbra); Aldeia do Meco (Sesimbra); Forninho (Palmela) e Gâmbia (Setúbal). O troféu da malha corrida foi conquistado por Adelino, do Grupo de S. Francisco.



## A partida é no domingo

Mais de 1800 atletas e 180 equipas inscreveram-se na Corrida da Festa, garantindo assim um elevado nível de participação, comparável ao registado em edições anteriores. Entre vários nomes conhecidos do atletismo português que alinham na partida destacamos os de João Campos, ex-atleta do SLB que pertence agora ao Maratona Clube de Portugal; Carlos Móia, presidente do Maratona Clube de Portugal; Rafael Marques, treinador do mesmo clube de atletas de alta competição, nomeadamente de Eduardo Henriques, que recentemente participou nos Europeus de Budapeste; Cipriano Lucas, jornalista do DN e atleta; Carlos Silva, da Maratona Clube de Portugal; Amílcar Duarte, do SCP, vencedor da 6ª Corrida da Festa; Fernando Fernandes, ex-atleta do SLB, vencedor da 5ª Corrida da Festa; Armando Aldegalega, atleta do

Sporting, que participa na próxima semana nos campeonatos da Europa de atletismo, nos 1500, 5000 e 10 000 metros, no escalão de veteranos. A entrega do dorsal efectua-se no dia da corrida, a partir das 8 horas junto ao Campo da Amora. Os atletas deverão ser portadores do bilhete de identidade ou cédula pessoal, sem o que serão desclassificados no caso de a organização lhes exigir prova de identidade. O tiro de partida será dado por Alfredo Monteiro, presidente da Câmara Municipal do Seixal, junto às bombas da Cipol na Medideira. O percurso de 14 quilómetros passa pela Quinta da Medideira, Fábrica da Resina, Rua 1º de Maio, Cruzeiro, Rua 25 de Abril, EN 10, Fogueteiro, EN 328 (Torre da Marinha), EN 10-2, Farinheiras, Av. General Humberto Delgado, Paio Pires, Cruzamento do Seixal, Av. dos Metalúrgicos, Av. Vasco da Gama, Largo dos Restauradores, Av. da República, Arrentela, Rua do MFA, Av. Silva Gomes, Rua dos Lobatos, Largo Manuel da Costa,



Armando Aldegalega



António Vilela  
Fernando Fernandes  
Luís Horta  
Rosa Mota



A poucos dias da partida, a 11.ª edição da Corrida da Festa continua a receber apoios de atletas e personalidades conhecidas dos meios desportivos.

## Eles apoiam a Corrida da Festa

A poucos dias da partida, a 11ª edição da Corrida da Festa continua a receber apoios de atletas e personalidades conhecidas dos meios desportivos

### Uma grande iniciativa

«Desde há 11 anos, data da sua primeira edição, que a pedido da organização manifesto o meu apoio a esta grande iniciativa, que é a Corrida da Festa. Ao longo deste espaço de tempo, ela tem ocupado um lugar ímpar no panorama desportivo nacional das provas de estrada, juntando todos aqueles que independentemente do seu ideal político aqui encontram um ambiente de alegria, amizade e de reencontro. Sem dúvida que esta é uma das grandes provas pedestres ocorridas em Portugal.

Segundo creio, a Corrida é organizada com dois objectivos muito claros: o da promoção do atletismo e o do convívio entre atletas seja qual for o nível competitivo de cada um. É esta ideia de abertura que mais me agrada e é este lado do atletismo que todos nós apoiamos e desejamos que todos tenham acesso. Depois de conhecerem e aprenderem a amar a nossa modalidade, os que se sentirem motivados poderão então optar pela vida competitiva. Quero ainda salientar o histórico resultado obtido pelos nossos atletas nos últimos campeonatos Europeus de Atletismo, realizados recentemente em Budapeste. As seis medalhas resultam de um esforço inegável de todos os atletas e técnicos a quem aproveito para transmitir os meus parabéns. Este acontecimento sem paralelo no desporto nacional, para além do prestígio granjeado para o atletismo português, constitui um enorme estímulo à prática das diferentes modalidades atléticas.

Por último, formulando votos de sucesso desportivo, saúdo todos os participantes e organizadores da Corrida da Festa que fazem do atletismo o pretexto certo para um domingo festivo em ambiente de fraterno convívio.»

Rosa Mota

### É uma Festa

«Se a Corrida já é uma festa, imaginem o que é correr na Festa! Boa sorte e boa Corrida.»

Luís Horta, Médico especialista em medicina desportiva e em fisioterapia, ex-atleta de alta competição do SLB, 2º classificado na 1ª Corrida da Festa, em 1988.

### Local do reencontro

«A Corrida da Festa do *Avante!* não é apenas mais uma corrida. Desde a primeira edição - e já lá vão dez anos - ela é o local do reencontro dos adeptos da corrida depois das habituais férias de Agosto. Daí que seja visível a alegria de todos os concorrentes pelo regresso à prática da sua modalidade e o reencontro com os amigos. Ela é a prova que verdadeiramente marca a abertura da época das corridas de estrada em Portugal. Pela Corrida da Festa têm passado alguns dos melhores atletas nacionais, mas o

que especialmente a caracteriza é a grande participação de concorrentes de todas as idades (cada vez mais com predominância para os menos jovens, num claro sinal dos nossos tempos), que geralmente fazem um dos mais animados pelotões das corridas do nosso país. O seu contributo na dinamização do atletismo é deveras assinalável. A participação anual de cerca de um milhar de concorrentes é disso prova inequívoca.

Lá estaremos no próximo domingo para o habitual reencontro com todos os amigos e para correr mais uma vez nesta autêntica Festa do Corrida.»

Fernando Fernandes, Ex-atleta do SLB, director das 1ª e 2ª Corridas da Festa 1988/89, director da Revista Anuário da Corrida

### Presente, como sempre!

«Mais uma vez estarei presente na distribuição dos prémios e com muito gosto, mas antes disso estarei na sexta-feira e no sábado na Festa do *Avante!*, como sempre! A Corrida da Festa constitui sem dúvida alguma uma referencial para todos os atletas que iniciaram a sua época desportiva. É com iniciativas desta índole que o atletismo uma vez mais se prestigia.»

Bernardo Manuel, Coordenador do meio-fundo da FPA, treinador do SCP (treinador de Rui Silva, medalha de ouro nos 1500 metros nos campeonatos de pista coberta em Fevereiro deste ano, e de prata nos europeus de Budapeste, assim como dos irmãos Castro)

### Lá estarei no domingo

«É com muito orgulho que mais uma vez participo na Corrida da Festa do *Avante!*, que para mim já faz parte do desenvolvimento do atletismo nacional.

Felicito todos os que vão participar e endereço o meu grande abraço de amizade a toda a organização. E lá estaremos no domingo, mais uma vez.»

Armando Aldegalega, Atleta SCP

### Uma prova popular

«Quando se aproxima mais uma edição da Corrida da Festa que ao lado das outras actividades integra um programa cultural e popular desta grande iniciativa, saúdo todos os participantes e organizadores que de uma forma voluntária e desinteressada vêm praticando e recolhendo os benefícios da prática desportiva como forma de valorização humana e de melhoria das suas condições de vida.

Prova de cariz popular ligada directamente ao movimento associativo, a Corrida constitui um forte apoio ao alargamento da oferta da prática desportiva integrada nos valores socioformativos que o desporto preconiza. Para todos, organização e atletas, desejo os maiores êxitos.»

António Vilela, Assessor da vereadora do Desporto da CM de Lisboa, técnico da Federação Portuguesa de Atletismo

## Programa de debates

# Actualidade em foco

No programa político da Festa do Avante!, os colóquios e debates constituem um importante momento de esclarecimento e troca de opiniões sobre importantes temas da actualidade.

Para além do Forum, realizam-se debates nos espaços de O Militante, Internacional, do Desporto, do Livro, no Avanteatro, no Café-Concerto de Lisboa, no Espaço da DORS, da Juventude e no Espaço da Mulher.



### Forum

Sábado

14.30 horas - «Os problemas laborais: a ofensiva legislativa em curso»; com Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política do CC do PCP

17.30 horas - «A globalização e a cooperação ibero-latino-americana»; com a participação do PC de Cuba, da Esquerda Unida espanhola, e Albano Nunes, membro do Secretariado do CC do PCP, e Manuela Bernardino, da Comissão de Controlo do CC do PCP

21.30 horas - «A Regionalização»; com Luís Sá, membro da Comissão Política e Daniel Branco, membro do Comité Central do PCP

Domingo

15 horas - «Novo século, nova política»; com José Casanova, membro da Comissão Política e director do Avante!

### Conversas sobre...

#### no Pavilhão de O Militante

Sexta-feira

21 horas - «O Militante», com Blanqui Teixeira, membro da Comissão Central de Controlo

Sábado

15 horas - «Do Prelo à Internet»; com Henrique de Sousa, membro do Secretariado do CC do PCP

18 horas - «Os 150 anos do Manifesto do Partido Comunista»; com Aurélio Santos, membro da Comissão Central de Controlo

Domingo

12 horas - «A Luta das Mulheres»; com Fernanda Mateus, membro da Comissão Política do PCP

15 horas - «A Luta na Clandestinidade»; com António Dias Lourenço

#### Espaço Internacional

Sábado

16 horas - Momento de Solidariedade com o Povo de Timor, com José Calçada e Basílio Martins

19 horas - Debate sobre a NATO, com João Amaral e Domingos Lopes

Domingo

16 horas - Momento de solidariedade com o Povo da Palestina, com António Filipe, Taisir Jaradat e Hanan Ahmad Awwad

19.30 horas - Momento de solidariedade com o Povo de Cuba, com Emídio Ribeiro, Sergio Corriere e Miguel Urbano Rodrigues. (Nesta sessão é assinalado o encerramento da campanha Medicamentos para Cuba.)

#### Espaço Desporto

Domingo

15.30 horas - «O Desporto e o Movimento Associativo»; com Carlos Rabaçal, membro do Comité Central do PCP, Melo de Carvalho e Manuel Vieira

#### Avanteatro

Domingo

15.30 horas

«Os Clássicos Hoje»

#### Espaço da Juventude

Sexta-feira

21.15 horas - «Sem Emprego não há futuro, e emprego sem direitos não é futuro para ninguém»

Sábado

16.30 horas - «30 Anos dos Maio de 1968»

Domingo

15 horas - «Ensino Superior, a crise segue dentro de momentos»

#### Café-Concerto de Lisboa

Sábado

14.30 horas - «Educação e Ensino Artístico»

18 horas - «Manifesto do Partido Comunista»

Domingo - «Cultura e Regiões»

#### Comunidades imigrantes

(Espaço ORL)

Domingo

15 horas - «Os direitos dos imigrantes e a nova lei dos estrangeiros»; com Henrique de Sousa, membro do Secretariado do CC PCP, Manuel Correia, membro do CC, António Filipe, deputado na AR, e Manuel Gouveia, todos membros do Grupo de Trabalho para as Questões da Imigração e Minorias Étnicas

#### Espaço da Mulher

Sábado

17 horas - «Pensando duas vezes modificam-se comportamentos»; com Aurélio Santos, Regina Marques, Marta Ornelas, Paulo Sucena, Conceição Morais

## Livros e discos

# Escolha a bons preços

O Pavilhão do Livro propõe uma selecção de mais de dois mil títulos de três dezenas de editoras, em áreas tão distintas com o romance, ensaio, ciências sociais e da natureza, música, literatura infanto-juvenil, policial e ficção científica.

Com uma grande variedade de saldos de fins de edição, que beneficiam de um desconto mínimo de 50 por cento, o visitante pode encontrar aqui autênticas pechinchas.

Os preços, entre os módicos 350 escudos, 500 escudos, 800, 1000, 1500 e os 2000 escudos.

Como as crianças são um público regular e numeroso na Festa, este espaço não as esqueceu e, além de livros adequados, existe uma secção individualizada com brinquedos, jogos didácticos, puzzles e outros jogos, que serão certamente do seu agrado.

### Programa do auditório

Sábado

15 horas - «Tempo de Subversão», de Carlos Brito, apresentado por Urbano Tavares Rodrigues.

16 horas - «Poemas do Avante!», de Mário Castrim, apresentado por Correia da Fonseca e José Casanova.

18 horas - Sessão de Homenagem a Manuel da Fonseca, com Paulo Sucena.

O auditório é ainda local de encontro entre escritores e leitores e onde os visitantes podem obter autógrafos dos seus autores preferidos.

### Os Discos

A discoteca - loja de discos volta a abrir as suas portas na Festa depois do êxito do ano passado. Trata-se de uma vasta área, munida de uma cuidada

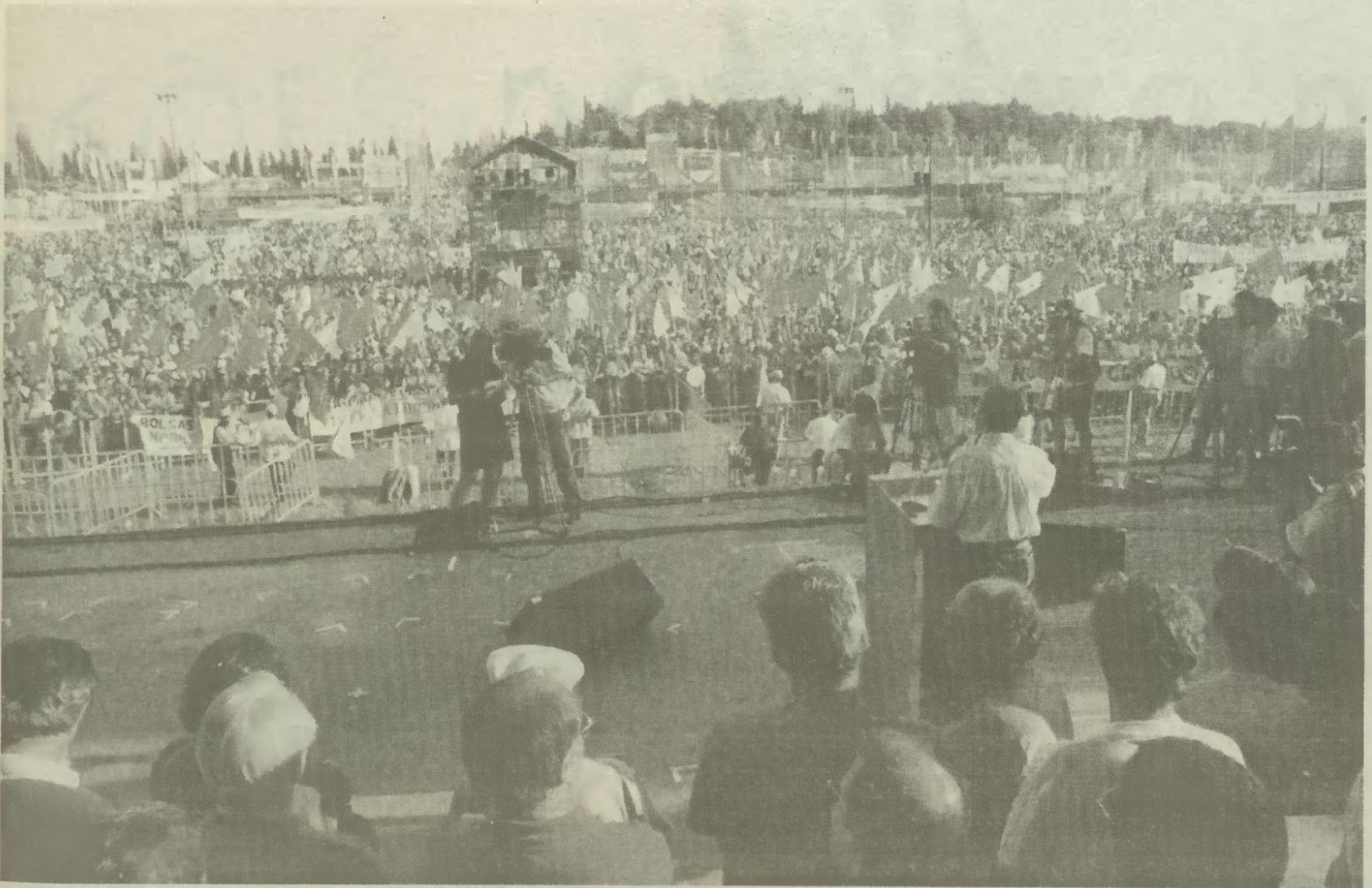


A obra de Manuel da Fonseca é tema de um colóquio no Espaço do Livro

selecção de discos de diversos géneros musicais, que os visitantes melómanos não irão perder.

Os preços são convidativos.

## FESTA



# Festejar os ideais comunistas

A Festa abre as suas portas no final da tarde de amanhã, sexta-feira, prolongando-se até à noite de domingo. O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, discursará na abertura oficial do evento, pelas 19 horas, na Praça da Paz, onde tradicionalmente se juntam centenas de militantes e simpatizantes comunistas. A animação musical está a cargo da Banda da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

No domingo, às 18 horas, a Festa tem o seu momento político alto com um grandioso comício, que marca o início do ano político dos comunistas, no qual se perfilam vários combates políticos, a começar pela campanha pelo Sim à Regionalização.

Da tribuna, para além de Carlos Carvalhas, intervêm José Casanova, membro da Comissão Política do PCP e director do Jornal «Avante!», e Ângelo Alves, membro da Comissão Política da JCP.

Anunciando o Comício, estão previstos vários desfiles para o Palco 25 de Abril, que partem do Palco da DORS, do Espaço de Lisboa, do Palco Arraial, do cimo da encosta da Medideira e do Espaço da Juventude. Para além das bandeiras vermelhas, as organizações e sectores profissionais vão levar para o Comício panos com palavras de ordem, que traduzem as reivindicações e as lutas em curso.

Algum tempo antes, dos céus, descem sobre o terreno os pára-quedistas da Associação de Loures; pelas avenidas e espaços exteriores da Atalaia deambulam vários grupos de animação de rua: os Caretos de Podence, o Animatilha, a arte circense, os Bombos de Anha e a Banda Filarmónica da Casa do Povo da Marmeleira. Precedendo o Comício, sobem ao Palco 25 de Abril as percussões dos Tocá Rufar. Serão cerca de duzentos alunos de várias escolas de Lisboa, Loures e Seixal que participam num projecto dirigido por Rui Júnior e os elementos do grupo

**Ó que Som**  
Tem e que já efectuaram várias actuações nomeadamente na Expo'98. Na Festa do Avante! os jovens instrumentistas farão vibrar bombos, caixas e timbalões num espectáculo muito especial de cor, movimento e sons muito fortes. A não perder antes da grande festa do Comício.



## Trabalho de artistas

Erguidas as estruturas, colocados os toldos e painéis de madeira, chega o momento da decoração, com talento e carinho, mesmo os que estão menos habituados a estas lides cumprem esta tarefa com sucesso e o resultado, todos os anos, é uma festa bonita de se ver para onde quer que se olhe. Motivos simples ou mais complicados convivem assim com verdadeiras obras de arte como é o painel que a foto mostra a ser executado pelo pintor Rogério Ribeiro. É a Festa.

# Os artistas da Festa

Alla Breve	Fonte da Senhora	e Rui Rodrigues
Amélia Muge	Del' AUAL	Jorge Lomba
Arco-Íris	Dick Gaughan	Jorge Palma
Atomic Bees	Edmeatetua	Jorge Vaz de Carvalho
Baby Jane	Estrada de Santiago	Koma Ahmed
Banda da SFUAP	Faithless	Lente - Teatro de Aumentar
Banda do Reino	Fernando Carvalho e os Black Feelings	Lia Gama
Banda Zeus	Filarmónica da Marmeleira	Loop Guru
Danças e Cantares de Rio Meão	Flak	Los Tomatos
Carla Seixas	General D	Luis Pastor
Carlos Mendes	Grupo Alentejano de Alvito	Maning Nice
Carme Canela	Grupo Étnico Chinês de Guizhou	Manoel d'Oliveira
Charlie Blue Cats	Helena Afonso	Malta do Jazz
GICC - Teatro das Beiras	Hill's Blue	Márcia Freire
Collens College	Intervalo Teatro	Maré-Viva
Coral de Ourique	Janita Salomé	Maria Anadon
Coral dos Serviços Sociais da CM do Seixal	Jardins de Pedra	Monges do Tibete
Coral e Instrumental Banza	Juventude da Galiza	Musicalbi
Coral Estrelas do Guadiana	João Afonso	Nuno Gomes dos Santos
Danças e Cantares	João Charepe	Oboé
	João Queirós	Octopus in the Fisherman

## de CANÇÕES atalaia



Os «3 de Abril»  
Os Macanitas  
Pablibut Sone  
Paulo Bragança  
Pecado Original  
Peeophole

Pó D'Escrer  
Qualquer Coisa  
Rancho Camponeses de Montessão  
Rancho de Cabrelas  
Rancho de S. Bartolomeu de Messines

Rancho de S. Miguel de Souto  
Rui Coelho e Pedro Jerónimo  
Samuel  
Sandra e Fernando Sousa  
Santos & Pecadores  
Sérgio Godinho

Sérgio Pericão  
Si Kahan  
Snoopy's Band  
Sol D'Outroira  
Teatr'Urbi  
Teatro CETA  
Teatro de Papel  
Teatro Extremo

Teatro O Mendigo e O Cachorro  
Teatro O Morcego  
Telectu com Jac Berrocal e Eddie Prévost  
The Wingers  
TMG  
TocáRufar  
Toni da Costa

## História e música

Sexta-feira, 22 horas  
Palco 25 de Abril

VENCEREMOS

Música de Sergio Ortega - Letra diversos

Levantemos bem alto a bandeira da batalha que vamos travar camarada soldado marinheiro vamos todos lutar trabalhar

Com a força do povo fardado com a força da nossa razão lutaremos pela Revolução

Venceremos, venceremos com as armas que temos na mão Venceremos, venceremos a batalha da terra e do pão

Passo a passo se faz a vitória que nos traz o poder popular todos juntos faremos a história Portugal já começa a cantar

Camponês, operário, mineiro nossa Pátria vamos construir trabalhar para ganhar a batalha produzir, produzir, produzir

# FESTA DO LIVRO

Os mais vendidos na Festa do Avante! 1997

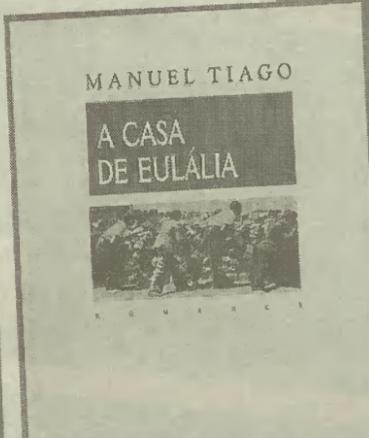
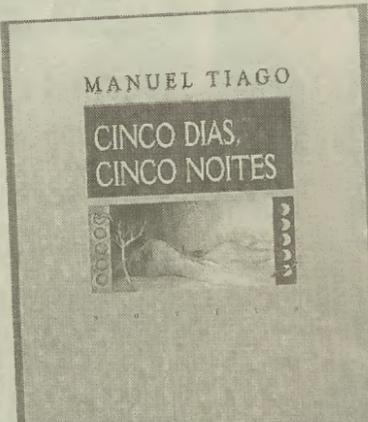
A Casa de Eulália, Manuel Tiago  
Eles têm o Direito de Saber, Jaime Serra  
Cinco Dias, Cinco Noites, Manuel Tiago  
Não à Moeda Única, Sérgio Ribeiro  
Obra Poética, Ary dos Santos



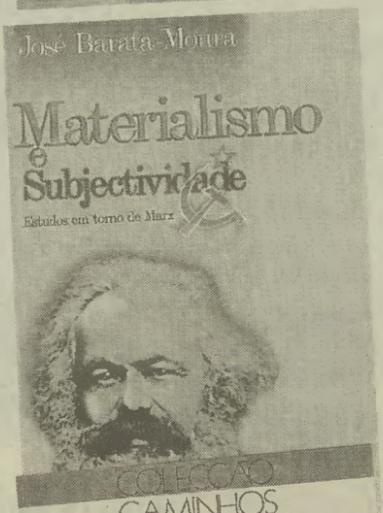
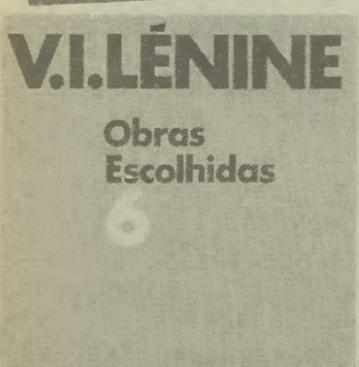
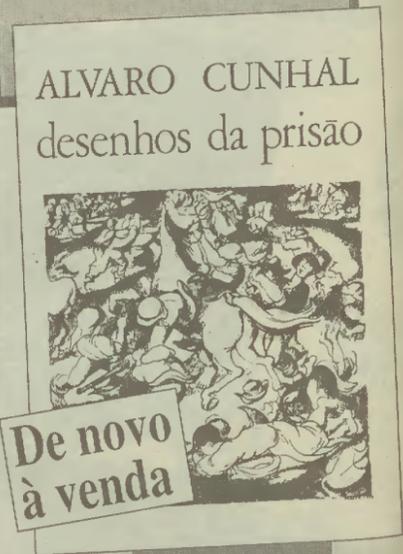
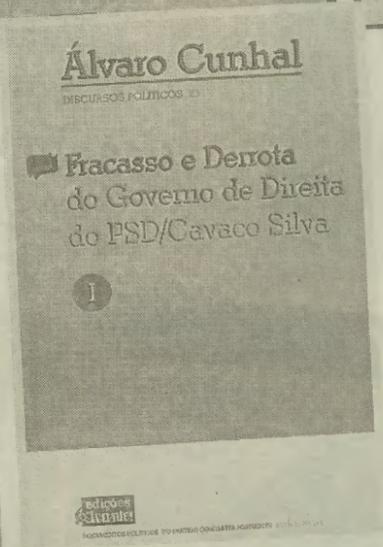
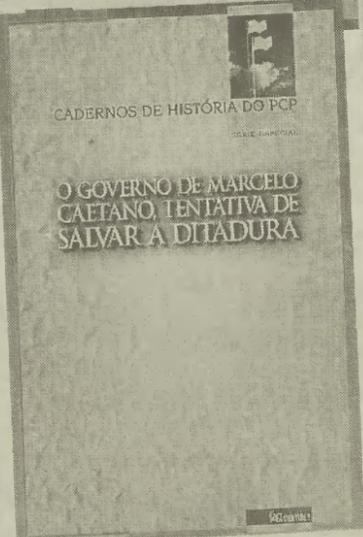
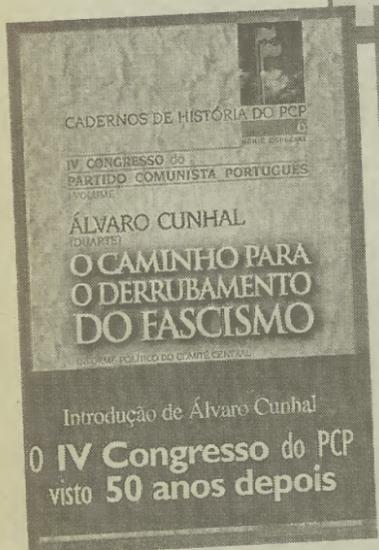
## 150 anos do Manifesto do Partido Comunista

«Comemorar 150 anos do Manifesto Comunista de Marx e Engels é falar de um documento que [...] lançou e promoveu uma luta revolucionária de alcance universal: a luta dos comunistas, que marcou e determinou as principais realizações e conquistas de transformação social desde então até aos dias de hoje.»

Álvaro Cunhal



Obras de Manuel Tiago, pseudónimo de Alvaro Cunhal

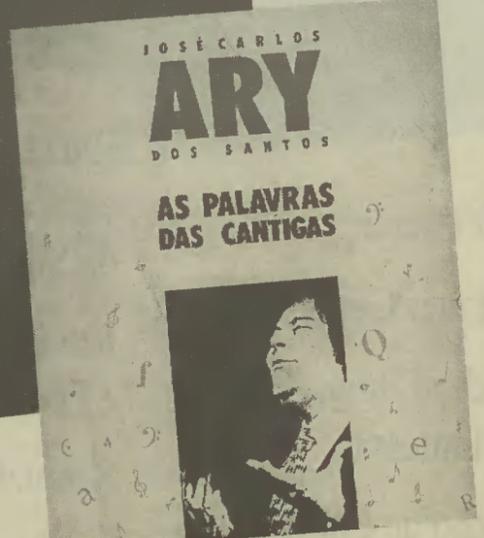


NOVIDADE

De novo à venda



JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS OBRA POÉTICA



Bons livros a preços excepcionais!

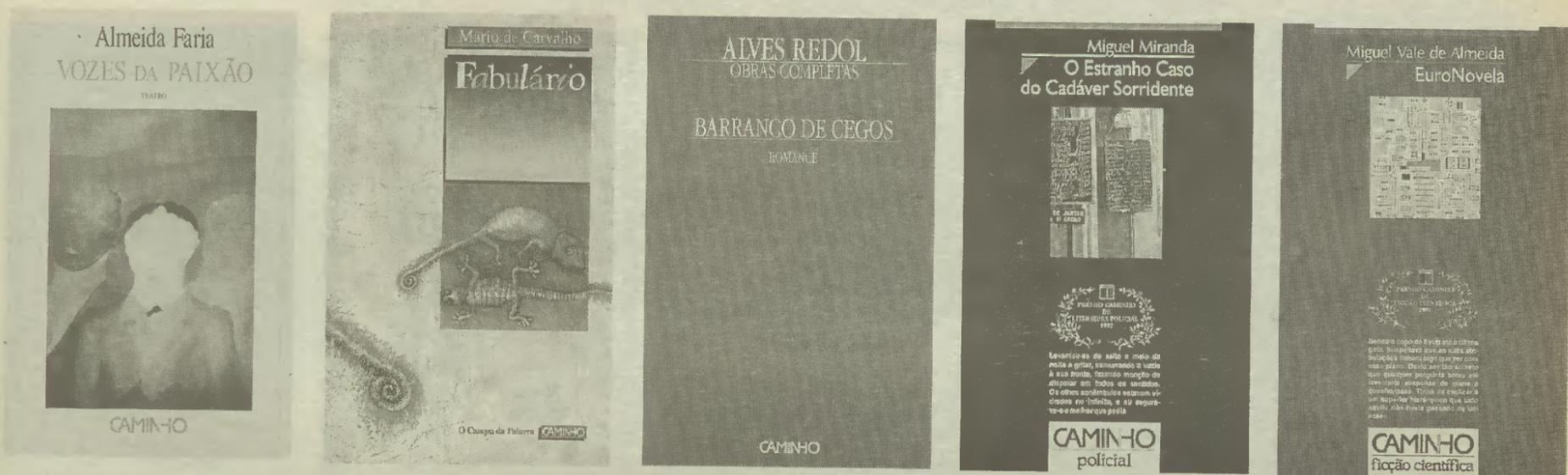
350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

SALDOS de FINS de EDIÇÃO desconto mínimo de 50%

# FESTA DO LIVRO

## A palavra aos autores portugueses

# NOVIDADES NA FESTA!



## A melhor literatura de todo o mundo

### NOVIDADES NA FESTA



## Livros para ler e oferecer

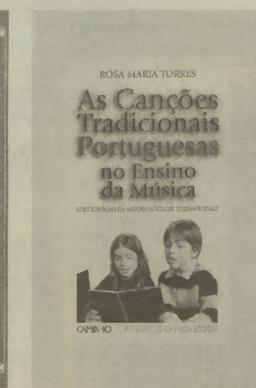
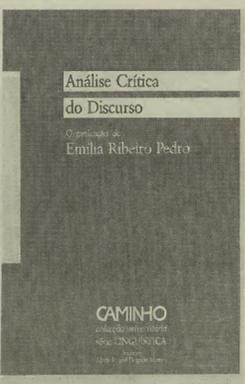
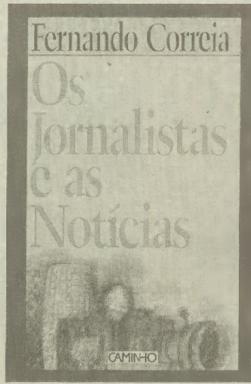
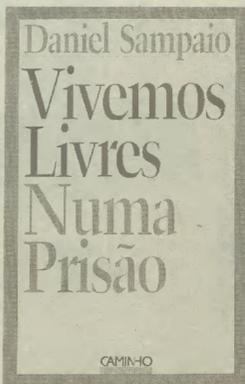


Mais de 2000 títulos de três dezenas de editoras

# FESTA DO LIVRO

## Ensaio

**NO VI  
DA  
DES  
NA FESTA!**



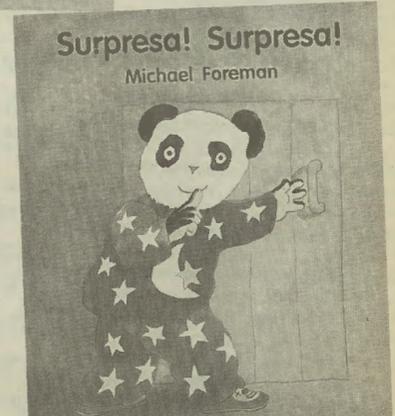
**Bons livros a preços excepcionais!**  
350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

**SALDOS de FINS de EDIÇÃO**  
desconto mínimo de 50%

Mais de 2000 títulos de três dezenas de editoras

# FESTA DO LIVRO

## Para os mais novos... os mais belos livros



### Os mais vendidos na Festa do Avante! 1997

- Uma Aventura na Casa Assombrada - Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
- Contos do Nascer da Terra - Mia Couto
- Ensaio sobre a Cegueira - José Saramago
- Terra - Sebastião Salgado
- Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde - Mário de Carvalho
- A Guerra nos Balcãs - John Reed
- A Arte, o Artista e a Sociedade - Álvaro Cunhal
- A Mãe - Máximo Gorki
- A Cinza do Tempo - Daniel Sampaio
- Alentejo - Legendas e Esperanças I - Dias Lourenço

# Transportes e acessos

# É fácil ir e voltar



**B**em servida de transportes públicos (fluviais e rodoviários) coordenados com o horário da Festa, a Quinta da Atalaia é nos dias da Festa um local de fácil acesso aos milhares de visitantes que ali se deslocam.

**Cacilhas-Cais do Sodré** - de acordo com os horários em vigor efectuam-se carreiras durante todo o dia e noite até às 04 horas, recomeçando às 06 horas, com intervalos que variam entre os 15 e os 30 minutos.

Em articulação com os horários da Transtejo, estão asseguradas diversas carreiras rodoviárias que ligam Cacilhas à Festa.

**Lisboa-Seixal** - Estas ligações constituem uma excelente opção para quem vem de Lisboa para a Festa. As partidas de Lisboa efectuam-se entre as 06.55 e as 23.25 horas (dias úteis); entre as 07.25 e as 21.55 horas (sábado) e entre as 08.25 e as 21.55 horas (domingo).

Do Seixal partem barcos até às 23 horas (sexta-feira); até às 21.15 sábado e até às 21.30 horas (domingo). Os intervalos variam ao longo do dia entre 15 minutos e uma hora. O preço do bilhete é de 210 escudos.

Como nos anos anteriores, funcionará um vai-vem coordenado com os horários dos barcos da Transtejo no Seixal, com paragens na Ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal.



## Baixa da Banheira - Festa

Sexta-feira

Ida - 18 H, 19H, 20 H, 21 H, 21.30 H.

Regresso - 23 H, 24 h, 00.30 H, 01.00 H, 01.30 H e 02.00 H.

Sábado e domingo

Ida - 10.30 H, 11.30 H, 12.30 H, 13.30 H, 15 H, 16 H, 18 H, 19.30 H, 20 H e 21 H.

Regresso - 10 H, 19 H, 20 H, 21 H, 22 H, 22.30 H, 23.30 H e 24 H. Só na noite de sábado realizam-se partidas da Medeira às 00.30 H, à 01 H, 01.30 H e 02 H.

O custo total do percurso é de 480 escudos (bilhete inteiro) e 240 escudos (meio bilhete)

Os concelhos de **Cascais** e da **Amadora** contam igualmente com carreiras especiais. Para os que preferem o **transporte individual**, aconselhamos os seguintes percursos: se vem do Sul ou saiu no nó do Fogueteiro, deixe o carro nos parques da **Torre da Marinha, da Mundet**, ou no **Seixal**, antes da Ponte da Fraternidade e use o vai-vem rodoviário. Se por Lisboa, tem agora duas alternativas: ou vem pela Ponte Vasco da Gama, apanhando a auto-estrada para Almada, com saída no Fogueteiro; ou vem pela Ponte 25 de Abril e neste caso, como alternativa à AE/Sul e à EN 10, sugerimos a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada. Ao sair da Festa siga por Santa Marta de Corroios, estrada da Sobreda/Feijó, variante à EN 10 ou via rápida da Costa de Caparica. Existem vários **parques de estacionamento** no interior da Amora que poderá utilizar. Ao mesmo tempo serão tomadas medidas adequadas, juntamente com as autoridades para garantir o escoamento do trânsito.

## Parque de Campismo

Uma das novidades é a abertura do Parque de Campismo, situado mesmo ao lado da Quinta da Atalaia, uma semana antes do início da Festa continuando a funcionar durante a semana seguinte ao encerramento. Deste modo, a Festa pretende possibilitar aos seus visitantes de fora de Lisboa a estadia num espaço que lhes permita o rápido acesso à Expo'98.



## Comboio Especial Em festa para a Festa

### 6.ª-feira - 4 Setembro

Porto/Gaia	11.00 h - 4000\$
Espinho	11.15 h - 3600\$
Aveiro	11.50 h - 3100\$
Coimbra B	12.15 h - 2500\$
Entroncamento	13.30 h - 1500\$
Santarém	13.45 h - 1500\$

### Regresso

Domingo - 6 de Setembro  
23 h - Quinta da Princesa

Para mais informações, dirige-te a qualquer activista da JCP ou aos Centros de Trabalho do PCP



Juventude Comunista Portuguesa



■ JOSÉ CASANOVA  
Membro da Comissão Política do CC

# Congo: um filme que já vimos

**O** ARTIGO de Albano Nunes "Conspiração contra a RD do Congo?", aqui publicado há duas semanas, é um valioso contributo para a compreensão da situação actual no Congo. Trata-se de uma análise clarificadora mesmo quando nos surge em forma de interrogações - interrogações a que, nalguns casos, os acontecimentos posteriores têm dado resposta.

Apreciando os acontecimentos de que vamos tendo notícia e a forma como eles são tratados na generalidade da comunicação social dominante, temos a sensação de estar a ver uma espécie de série televisiva que dura há quatro décadas e na qual os governos dos EUA, da Bélgica e da França são protagonistas permanentes. É objectivo deste meu artigo revisitar o Congo, ainda que superficialmente, de Junho de 1960 a Janeiro de 1961, ou seja, desde a sua independência até ao assassinato de Patrice Lumumba - figura notável do movimento de libertação, um dos primeiros grandes dirigentes africanos. (1)

A independência do Congo foi proclamada em 30.6.60 na sequência de um processo em que os colonialistas belgas tudo fizeram para criar uma situação que tornasse indispensável a continuação da sua presença no país. Democraticamente, é claro... Só que, das eleições por eles organizadas e controladas, saiu eleito, surpreendentemente, Patrice Lumumba - o qual no discurso da cerimónia da independência, na presença do rei Balduino, "em vez de incensar o colonizador e a sua 'obra civilizadora', recordou os sofrimentos do seu povo", afirmou a vontade de fazer do Congo um país livre e soberano com o povo a decidir o seu próprio destino, informou da decisão de retirar de imediato aos belgas o controlo da economia congoleza. Acresce que Lumumba gozava de grande apoio popular, a ponto de ter conseguido o apoio de todas as tribos: "o povo congolês acreditava nele, seguia-o, amava-o". Além de tudo isso, ousara opor-se frontalmente a Hammarskjöld, secretário-geral da ONU, e pedir auxílio à União Soviética... Ora, um homem destes é um perigo; e desde o início, "para os belgas e os americanos, Lumumba é um homem a abater". Para isso lá estavam os serviços secretos belgas, depois a ONU e, acima de tudo e de todos, a omnipresente CIA.

Nesses meses quentes de meados de 1960, funciona, a partir da embaixada dos EUA, uma ampla rede de agentes da CIA dirigida por Larry Devlin. Entre os ciáticos activistas destacam-se Franck Carlucci (exactamente, esse mesmo...) e Joachim Maitre (indivíduo de origem alemã que, posteriormente, participou em várias missões especiais dirigidas por Oliver North: ao lado dos "contra" na Nicarágua, depois ao lado dos mujadins afegãos, depois em Angola ao serviço de Savimbi). Com estreitas ligações e muita influência na CIA, destaca-se igualmente o norte-americano Maurice Tempelman, poderoso negociante de diamantes que, na altura, tem a trabalhar para si dois advogados cheios de futuro: Stevenson (que viria a ser embaixador dos EUA na ONU) e Sorensen (que viria a ser conselheiro de Kennedy). A tarefa que têm é a de eliminar Lumumba, inverter o curso dos acontecimentos no Congo e instalar os interesses do imperialismo norte-americano naquele riquíssimo país. É nesse espaço que se movimenta também Mobutu, que acumula as ligações à CIA com a condição de agente dos serviços secretos belgas - e que, entretanto, aderira ao Movimento Nacional Congolês, o partido de Lumumba. Após a independência, Lumumba, ingenuamente, nomeia-o secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros e, dias depois, chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

A 11 de Julho, Tshombé - apoiado por grupos financeiros belgas -

proclama a secessão da província de Katanga, rica nomeadamente em cobre e cobalto. O governo francês, que considera Lumumba "um perigoso agitador próximo de Moscovo", apoia Tshombé. Na semana anterior ocorrera, estimulada por Mobutu, a revolta da guarnição de Thysville e um mês depois o Kasai do Sul segue o exemplo do Katanga. Lumumba ordena uma ofensiva militar contra os separatistas do Kasai do Sul. Os soldados, obedecendo a ordens directas de Mobutu, provocam um banho de sangue entre a população. O massacre provoca a indignação nacional e internacional e Lumumba é apresentado como o responsável. Face à situação, o Conselho de Segurança da ONU decide, ainda em Julho, enviar para o Congo 19 mil "capacetes azuis" com o objectivo de "restabelecer a ordem interna". O governo dos EUA contribui com 40% dos custos da operação e as forças da ONU irão comportar-se como "um agente dos EUA".

Entretanto, Mobutu, no prosseguimento do seu plano concebido com a CIA, procede a uma intensa acção de denegrimento do governo e de Patrice Lumumba e a 5 de Setembro o presidente Kasavubu, obedecendo a ordens da Embaixada dos EUA, destitui o Primeiro-Ministro eleito. Lumumba não acata a decisão, mas tem contra ele os governos dos EUA, da França, da Bélgica, além da ONU... Os "capacetes azuis" ocupam a Rádio Nacional de forma a impedir que Lumumba se dirija ao povo e impedem as tropas que lhe são leais de chegar à capital.

Está, assim, criada a situação ideal para o golpe de Mobutu que ocorre a 13 de Setembro e tem como consequência imediata a deposição de Kasavubu e de Lumumba e a chamada de um grupo de jovens intelectuais que estudam na Europa e têm "contactos mais ou menos regulares com a polícia secreta belga". Um deles, Bomboko, viria a ter anos depois pesadas responsabilidades no sádico assassinato de Pierre Mulele.

Lumumba fica com residência fixa, vigiado por tropas da ONU, e começa, desde logo, a preparar a sua fuga que virá a concretizar em fins de Novembro. É seu objectivo chegar a Stanleyville, a sua cidade, onde conta com apoios que lhe permitirão estar em segurança e relançar a actividade. Mas a viagem, que deveria ser discreta e rápida, transforma-se numa

demasiado lenta caminhada triunfal, com milhares de pessoas obrigando-o a parar e a falar-lhes. E em 2 de Dezembro é preso pelas tropas de Mobutu (graças à preciosa ajuda do Embaixador dos EUA, Clare Templeton) e reenviado para a capital. É conduzido à residência de Mobutu na presença do qual é agredido, torturado, obrigado a engolir um comunicado onde se afirmava chefe do governo legal do Congo. "Batam-lhe mas não o matem", ia dizendo Mobutu.

Dali é conduzido à base militar de Thysville. Mas, receando que ele persuada os soldados a libertá-lo, decidem transferi-lo para um lugar seguro. Katanga é o candidato escolhido...

Depois de sadicamente humilhado e torturado durante a viagem, foi entregue aos homens de Tshombé. A 17 de Janeiro de 1961 é levado para a floresta e assassinado. Uns dias depois, uma equipa dirigida por europeus foi procurar o corpo e fê-lo desaparecer. Enterrando-o? Não: utilizando o método que durante quatro décadas haveria de merecer as preferências de Mobutu: dissolvendo o corpo em ácido.

Lumumba, referência incontornável do movimento de libertação nacional, revolucionário consequente e corajoso, dirigente político altamente prestigiado, foi o primeiro de milhares de «mortos sem sepultura» vítimas de Mobutu, cujo longo reinado foi uma sucessão ininterrupta de barbaridades, de violências, de crimes brutais. Desde o assassinato de Lumumba em 1961 até ao massacre de Lubumbashi em 1990 (um dos mais cruéis massacres da história contemporânea e até hoje completamente silenciado pela comunicação social dominante no nosso país),

dezenas de milhares de pessoas foram torturadas e assassinadas às ordens do sanguinário ditador. Foi certamente esse currículo que abriu a Mobutu a porta grande do templo da sagrada família dos defensores dos direitos humanos autenticados pela CIA. E há-de ter sido igualmente essa a razão pela qual «le Président Mobutu» teve a subida honra de integrar a galeria de amigos do dr. Mário Soares.

Uns dias depois do assassinato de Lumumba, lá longe... ali tão perto, John Kennedy era eleito presidente dos EUA e um dos seus primeiros actos foi o de escolher para primeiro-ministro do Congo um tal Cyrille Adoula, homem de toda a confiança do imperialismo norte-americano. Por seu lado, a CIA e as forças da ONU decidem sobre a composição do novo governo de modo a assegurar que Adoula cumpra a tarefa que lhe está destinada. Esta mascarada foi denominada pelo departamento de Estado norte-americano como "um acto de fé no processo democrático".

Patrice Lumumba é, ainda hoje, o único dirigente congolês que foi eleito democraticamente. É significativo que tenha sido destituído e assassinado às ordens de uma trempe - Bélgica, França, EUA - de fervorosos defensores de um conceito de democracia que tem, segundo dizem, o sufrágio universal como um dos pilares essenciais...

(1) Este relato de acontecimentos é feito a partir de trabalhos de Colette Braeckman e Jean Ziegler.



# Emprego, direito essencial do cidadão

**A** grande ameaça do sistema capitalista hoje está sintetizada na palavra **desemprego** (para não se falar nos vírus, na droga, na criminalidade, que proliferam assustadoramente).

Como a alternativa socialista ao sistema foi descartada na Europa, a maioria dos países aceita passivamente os males derivados do desenvolvimento capitalista que hoje alcança a sua fase imperial sem considerar alternativas.

No Brasil, por exemplo, tenta-se organizar a vida dentro dos estreitos limites impostos pela **crise de crescimento** de um sistema que fortalece uma elite dominante com a concentração da riqueza e a expansão da miséria para a maioria da população. Movemo-nos dentro de uma jaula usando, como se fosse nossa, a linguagem da elite.

Porquê falar em **desemprego** e não em **emprego** que é um **direito essencial de todo o cidadão**? Porquê tentarmos resolver o problema de um sistema que não nos convém? Porquê aceitarmos o enquadramento restritivo de uma visão patronal, de lucros cada vez maiores, e não procurarmos entender o fenómeno do desemprego a partir das populações que são as suas vítimas imediatas? Do ponto de vista da elite, o desempregado é o responsável pela exclusão socioeconómica **por incapacidade pessoal**. Isto só seria válido numa selva onde a selecção natural é lei, onde quem não caça é fatalmente caçado.

O direito ao trabalho, como rezam os textos sagrados (a Bíblia, o Corão) e as Constituições democráticas adoptaram, é essencial ao ser humano, como o uso da terra e da água. O emprego da capacidade de trabalho do cidadão é tão essencial para o seu próprio desenvolvimento e o da sociedade como as condições de saúde, habitação, alimentação e educação. Se o país não está organizado de forma a permitir que todo o cidadão possa trabalhar, a falha está na administração da sociedade e não pode penalizar os cidadãos. A tão apregoada **crise** é de responsabilidade da elite que detém o poder económico e político e não será a população que vai resolvê-la mantendo um sistema social que a desfavorece. Parece óbvio.

## Esperança de vida social

Assim como falamos em **esperança de vida** (biológica) devemos pensar também na **esperança de vida social** que depende da possibilidade de cada ser humano atingir o seu desenvolvimento individual, integrar-se na sociedade, conservar a sua auto-estima, afirmar a sua dignidade social. O desemprego **exclui** o cidadão não só dos benefícios económico-financeiros da sociedade como das instituições criadas historicamente. Como qualquer forma de **exclusão**, deixa o ser humano vulnerável, inseguro, com medo (ou ódio) da sociedade levando-o ao desespero e à destruição familiar e social.

Quando se fala em **desemprego**, portanto na incapacidade social de criar **empregos**, desvenda-se uma grande carência equivalente à falta de medicamentos ou de alimentos para assegurarem a vida. São prioridades para quem entende que a estrutura socioeconómica existe para atender à população. No Brasil, a esperança de vida (biológica) já é baixinha, de 63 anos, e agora agrava-se com a redução da esperança de vida social. No entanto, o que mais se vê é a preocupação com a vida financeira das empresas e o aumento da rentabilidade do capital, o crescimento económico e não o desenvolvimento integral da economia do país que engloba na riqueza nacional a mão-de-obra dos trabalhadores.

Perguntar hoje como resolver o problema do desemprego nos países que vivem os efeitos da globalização, como o Brasil, é como perguntar a um médico o que fazer com um doente em fase terminal sem os medicamentos. As soluções que têm sido tentadas - como a criação de empresas

individuais e a passagem do trabalho nas indústrias para formas artesanais - não passam de remendos, de remédios de farinha como os que hoje invadem o comércio farmacêutico. Enquanto o Governo Federal não tiver um **plano de desenvolvimento com meta nacionalista** e não estabelecer **estratégias** para que cada Estado e cada Município possa definir os seus **projectos específicos** de desenvolvimento regional e local qualquer solução será precária e só atenderá os interesses patronais de manter alta produtividade do capital com baixa remuneração da mão-de-obra. Acentua a disparidade económica que sacrifica o povo em benefício da elite enriquecida.

## Exemplos históricos

Na segunda metade do século XIX, a Alemanha enfrentou uma forte recessão. Bismarck, para proteger a monarquia governante, desencadeou um movimento de reformas para criar a **segurança social** que amenizava a miséria da população evitando prováveis conflitos. No início deste século, a Inglaterra enfrentava uma grave crise social com a sua população vivendo miseravelmente, os camponeses expulsos das terras e sem emprego nas cidades. William Beveridge aproveitou a ideia de Bismarck criando naquela velha nação colonial um sistema de segurança social que incluía a protecção ao desempregado. Em 1940, quando o desemprego ali era de 10%, explicou que "o único remédio soberano seria uma guerra".

De crise em crise, de guerra em guerra, os governos vão criando soluções tardias para minorar o sofrimento da população, especialmente quando ela ameaça perder a paciência. Mas as soluções são sempre "paternalistas", sem ir à raiz do problema que é o **emprego** e a **remuneração** correspondente. E ficam à espera da guerra ou de outra catástrofe capaz de mobilizar a população patriota e solidária e obrigar os dirigentes políticos a investirem na produção de bens necessários.

Franklin Roosevelt, ao ser eleito Presidente dos Estados Unidos em meio à maior depressão económica com o *crash* da Bolsa que provocou falências em série, suicídios de empresários e fome do povo, tomou como prioridade resolver o problema do desemprego que afectava 12 milhões de adultos e suas famílias, ao mesmo tempo em que instituía um sistema de segurança social para os idosos, doentes e crianças. Enfrentou a elite empresarial habituada a um comportamento oligárquico (que não assumia a responsabilidade pelo desenvolvimento nacional) e criou 8 milhões de emprego na construção de estradas, hospitais, escolas, aeroportos, locais de lazer, e incentivou projectos culturais que davam emprego para artistas, actores, cantores e escritores. Ao mesmo tempo em que criava os recursos de sobrevivência para a população abria caminhos de desenvolvimento para a nação. A reacção dos

grandes industriais que lideravam os conservadores norte-americanos levou Roosevelt a afirmar: «Sabemos agora que um governo do capital organizado é tão perigoso como o governo do crime organizado. Nunca como hoje estiveram estas forças tão unidas como estão agora.»

## Desesperança

Em 1994, num debate televisado na França, Alvin Toffler e Edgard Morin, renomados pensadores da actualidade, analisaram a situação caótica que o mundo enfrenta neste final de século. Concordaram na afirmação de que a *media* é o mecanismo do poder e que as elites definem o que as bases devem conhecer. Toffler disse temer que "grupúsculos" façam mau uso de tal poder, e Morin revelou o seu receio de que "as paixões e loucuras colectivas ameacem a democracia". A recomendação que ambos fizeram cria um círculo vicioso: a educação. Mas se as elites poderosas é que definem a educação, que objectivo será alcançado?

Enquanto os debates redondos se sucediam sem qualquer proposta alternativa para sair da **crise de crescimento do sistema**, a Europa enfrentava já em 1995 o fantasma do desemprego com milhões de trabalhadores parados. Com a mundialização, a epidemia do desemprego espalhou-se até o Terceiro Mundo.

Com o aumento do desemprego na Alemanha surgiu, em 1990 uma Associação dos

até 97 caiu para 300 mil quando a necessidade era de um milhão e meio por ano. O trabalho informal cresceu de tal forma que hoje em cada 100 postos de trabalho 85 são informais. Há 40 milhões de trabalhadores informais e 30 milhões sem carteira em empregos formais. A insegurança no trabalho é tal que o instituto SEBRAE revelou que 500 mil novas empresas criadas por ano vão a pique antes de 5 anos de vida.

Em 1997, Portugal divulgou um Livro Verde da Segurança Social com a dramática expectativa de crescimento do emprego de 0,25% entre os anos 2000 e 2010, de 0,15% de 2010 a 2050 e de zero depois daquela data. Esta é a promessa de futuro que o sistema oferece.

## Mundialização do medo

As primeiras vítimas dessa crise do sistema, **que conta com o desemprego como remédio**, foram os que não tinham estabilidade: imigrantes e trabalhadores contratados a prazo. Logo as novas leis estenderam os efeitos da insegurança no emprego para os serviços públicos e empresas privadas que, com os argumentos da renovação tecnológica e redução de pessoal, anularam o pouco que havia de estabilidade despedindo os mais velhos, os responsáveis por filhos, os que representam os sindicatos, os que levantam a voz contra as perseguições e à má gestão.

Em consequência proliferam as formas de individualismo para garantir a sobrevivência a



Desempregados. Recentemente houve um encontro dos desempregados da França com os da Alemanha onde a bandeira era: "Hoje sou eu, amanhã será você." Não faltam iniciativas dos governos e empresários para incentivar a criação de empresas individuais e dar cursos de aperfeiçoamento profissional. São bolhas de sabão que logo fracassam diante da concorrência com os grandes poderes económicos que controlam os mercados.

Em 1996, no Brasil, o Programa de Demissão Voluntária, patrocinado por bancos e grandes empresas, alcançou tal êxito com a bandeira do "lucro fácil, autonomia e liberdade", que foram formadas 3,5 milhões de novas empresas (68% do total) ocupando 60% da mão-de-obra e responsabilizando-se por 42% dos salários. De acordo com o professor José Pastore, entre 1990 e 94 o Brasil gerava 360 mil postos de trabalho formais por ano. Depois do Plano Real em 1994

qualquer preço: os subsalários, os contratos precários, as intrigas entre colegas, que são a negação das regras básicas da democracia. Com os direitos cívicos na gaveta a dignidade é amoldada em nome da necessidade. Cresce o *stress* como uma epidemia nas cidades, quebram-se os laços familiares, aumenta o número de desesperados.

Nessa **aldeia global**, como idilicamente é tratado o mundo caótico de hoje, brilha um **castelo** onde a elite preserva os seus privilégios e acumula a riqueza das nações. Como na sociedade feudal os trabalhadores vivem como **servos**, as crianças são obrigadas a trabalhar pelo prato de comida, a prostituição volta a ser uma profissão para os que não encontram outro caminho para ganhar a vida, e os grandes senhores tripudiam sobre as leis impunemente.

A centralização do poder económico faz-se através de mecanismos que funcionam como ver-



dadeiros aspiradores de capitais nacionais num processo crescente de privatização que reduz o poder dos Estados. O internacionalismo dá-se exclusivamente a nível da elite patronal sem beneficiar os povos. Com o fim do socialismo na Europa, que propunha o internacionalismo dos trabalhadores, os donos do poder adoptaram para eles os princípios definidos por Marx no Manifesto Comunista de 1898.

## Mundialização das desgraças

Em 1996, calculava-se a existência de 30 milhões de trabalhadores informais no Brasil com um produto no valor de 200 bilhões de dólares (pouco menos de 1/3 do PIB). Nos Estados Unidos, o sector informal criava 12% do PIB e na Itália chegava a 70%.

Em São Paulo, o Sindicato dos Trabalhadores Informais registrou recentemente a cifra de 52% da população atida. Mas são precárias as informações locais sobre a procura do primeiro emprego e quase nulas as que revelariam as formas de subemprego. No campo, sobretudo, quase nada se conhece sobre a situação de emprego que é sazonal.

O Banco Mundial, no seu relatório de 1997, aponta a existência, no Brasil, de 19% das crianças de 10 a 14 anos trabalhando para sobreviver. Mas os merinos e meninas de rua também trabalham, muitas delas sob o patronato das máfias criminosas. Como é definido o trabalho e o emprego?

Nas condições actuais de luta pela sobrevivência torna-se difícil separar o trabalho legal do ilegal, assim como o formal do informal. Os estudos têm que ser baseados em deduções com base no consumo de energia e outros elementos essenciais à produção, índice de depósitos bancários, salários, imposto de renda, juros sobre depósitos a prazo, número de trabalhadores sem registro profissional em relação à renda média. Mesmo com tal aproximação chega-se ao trabalho relacionado com a produção de bens materiais, mas não pode ser avaliada a actividade aplicada a serviços não registados, em biscates ou às tarefas ilegais.

A OIT contabilizou a existência de 300 milhões de trabalhadores informais no mundo, mas certamente com as mesmas carências de informação estatísticas.

De 1994 a 98, a taxa oficial de desemprego no Brasil passou de 5,5% para 8,8% (segundo a fonte IBGE) e perto de 19% (para a do SEADE), mas a recolha de dados é feita apenas em algumas áreas metropolitanas. Parece pouco em relação a países da Europa que atingem 20% ou mais. No entanto, aqueles países têm "manchas" de pobreza e o Brasil tem "manchas" de riqueza numa sociedade onde 70% da população está abaixo do nível considerado de miséria no mundo. Sabe-se muito pouco a respeito da verdadeira dimensão do desemprego, mas pode-se

constatar o seu efeito na fome e na marginalidade crescentes, sobretudo nos países subdesenvolvidos.

## Alternativa urgente

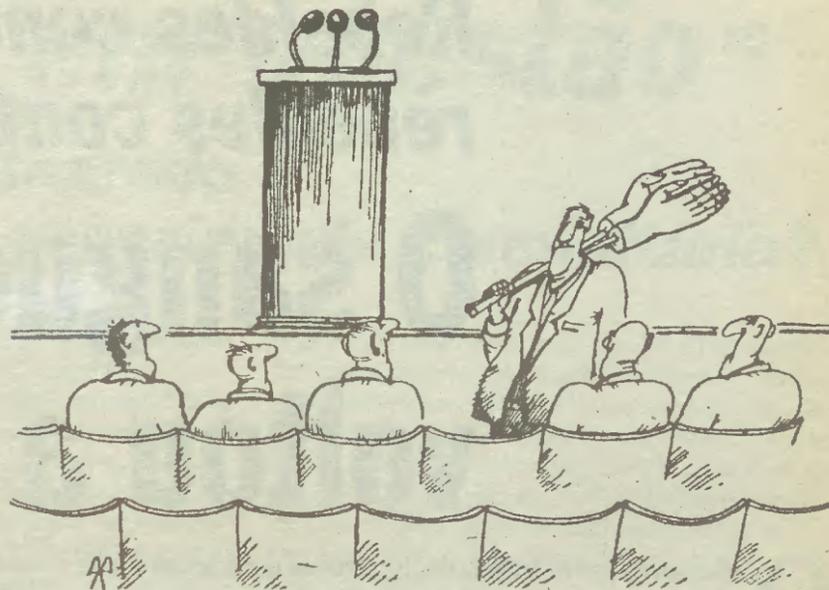
Verifica-se uma grande distância entre os conceitos de emprego e de trabalho conforme a perspectiva de análise: do indivíduo na sociedade ou do produto no mercado. Só com a integração das duas perspectivas será possível desvendar a importância do problema para a economia nacional e para a população. Não é admissível que um Governo esteja essencialmente preocupado com os interesses de lucro das empresas deixando de lado as questões sociais. Isto é a negação da democracia, é a ditadura da elite enriquecida.

A OIT divulgou um estudo feito na Malásia, Indonésia e Tailândia sobre o problema da prostituição chegando à conclusão de que ocupa 1,5% da população feminina e produz 15% do PIB. É considerado como emprego? Do ponto de vista da economia, parece ser.

Em recente encontro mundial ocorrido em Genebra por ocasião do 50.º aniversário da Organização Mundial de Saúde, Fidel Castro deixou a pergunta: "Se a economia mundial cresceu seis vezes e a produção de bens materiais passou para mais de 29 trilhões entre 1950 e 1997, porquê em cada ano ainda morrem 12 milhões de crianças menores de 5 anos, isto é, 33 mil diariamente? Em nenhum lugar do mundo, em nenhum genocídio, em nenhuma guerra, se matou tantas pessoas como as que mata a fome e a pobreza em nosso Planeta, 53 anos depois de criada a Organização das Nações Unidas."

"As crianças que morrem e que poderiam ser salvas, quase todas são pobres. E das que sobrevivem, porque a cada ano 500 mil ficam cegas por falta de uma simples vitamina que custa menos que um maço de cigarros? Porquê 200 milhões de menores sofrem de desnutrição? Porquê 250 milhões de crianças e adolescentes trabalham? Porquê 110 milhões não frequentam escolas primárias e 275 milhões não chegam ao curso secundário? Porquê 2 milhões de meninas em cada ano caem na prostituição? Porquê nesse mundo que já produz quase 30 bilhões de dólares em bens e serviços por ano, 1,3 bilhões de seres humanos vivem na pobreza absoluta? Qual é o preço de uma vida humana? Quanto custa à humanidade a injusta e insuportável ordem económica estabelecida no Mundo?"

O problema que está na raiz de todas as carências da população é, certamente, a má distribuição das riquezas. Se houver justiça e equilíbrio na aplicação dos investimentos e dos conhecimentos acumulados pela humanidade, deixarão de existir crises que são sempre pagas pelos mais pobres e mais fracos. Isto também é óbvio, mas parece estar esquecido nos programas de governo.



■ Carlos Gonçalves

## O fim da "silly season"

Diz-se nos "media" que, com as recentes "rentrées", acabou a "silly season", que é como a ideologia mediática chama ao período em que supostamente, devido às férias das estrelas da política espectáculo, não haveria notícias. Mas, a julgar pela escassez de novidades e pelo grau zero de conteúdo político dos comícios do PSD, PP e PS, a tal "silly season" só vai acabar, de facto, esta semana na Festa do Avante.

O PSD, no estilo enfrenesiado dos primeiros tempos da presidência de Marcelo (MRS) para "marcar a agenda política", nunca chegou a interromper a actividade pública do "professor" e inventou três "rentrées"(!), tantas como as ameaças de demissão que MRS já somou à frente do partido.

De concreto, do que MRS, nos intervalos de férias, foi dizendo, no Pontal, em Celorico ou no Porto Santo, sobram duas ou três notas em cuja "novidade" e "substancialidade" vale a pena reparar.

Desde logo o pacote anti-regionalização, eivado do tradicional centralismo conservador e "miguealista" e de "vale tudo" eleitoralista, mesmo que conflituando os barões regionalistas do Algarve, ou apoiando-se na contra-propaganda boçal de Alberto João Jardim.

Depois, a crónica da "crise política" anunciada, tão virtual como improvável, espécie de cortina de fumo para escamotear a convergência com o PS no mais essencial das políticas prosseguidas e o apoio ao Orçamento de Guterres, ou para esconder o silêncio comprometido sobre as broncas da Expo, já que, neste caso, tudo o indica, tanto o Eng.º Belmiro como os "lobbies" do "bloco central" se terão governado e entendido.

Finalmente, o "desafio" a Guterres para um "debate" televisivo a dois (presume-se que o moderador não seria o Padre Melícias), espécie de tábuas de salvação de MRS, derradeiro "desafio" com discordância assegurada à partida.

Quanto à "rentrée" de Paulo Portas(PP) fica o "dedo espetado" autoritário, a venenosa demagogia do aumento das pensões e a frustração de aguentar o partido a balões de soro até à putativa "AD".

Do PS, vale a pena referir a gestão programada da "silly season", com a dispersão insular do seu "núcleo duro" no momento antes de vir à tona a bronca da Expo, no que será talvez o primeiro dos exercícios de memorização e ocultação expectáveis neste caso e também uma novidade autêntica (sem aspas) da baixa política em Portugal.

Da Pontinha, no tom "rosa modera-

do" do Engenheiro Guterres, vieram umas quantas decalcomanias do "cavaquismo": "postura de Estado" sem responder à oposição, "preocupação com o país" e não com a "política", e mesmo, embora cuidadosamente, a "teoria do oásis" e o "deixem-nos trabalhar".

Guterres fez constar que nada disse para dramatizar a situação e fez-se "vítima" de hipotéticas "convergências negativas" que levariam, nesse caso (e contra sua vontade), à antecipação de eleições; um truque e uma chantagem encapotada sobre PSD e PP, para fazer passar, uma vez mais, o Orçamento, no caminho da desejada (mas apenas sugerida) "maioria absoluta".

E numa manobra que cheira a léguas a politiquice, confirmou que vai candidatar-se nas legislativas "ao cargo de primeiro ministro", desmentindo assim boatos sobre eventuais candidaturas europeias, que o seu próprio "estado maior", durante a semana, provavelmente, terá posto a correr.

Enfim, o PS de Guterres, como vai sendo costume, fez da "rentrée" um festival de política espectáculo, de baixa política, de política virtual, de embustes e encenações, com muito pouco de concreto e menos ainda de comprometido com a resolução dos problemas reais do país e do povo.

Mas na vida, independentemente de serem ou não vertidos em notícia, são os problemas do país, dos trabalhadores e das populações, os problemas mais essenciais da humanidade, que, em última análise, dão substância à política real e é esta que acaba por decidir.

E é na Festa do Avante, festa dos trabalhadores e do povo, festa de solidariedade, de reflexão e debate, de luta e de projecto, que a política assume toda a sua dignidade, como inteligência transformadora e praxis progressista.

Aquí e agora, na Festa, acaba de facto a "silly season".

E nem toda a política virtual e foguetório mediático dos discursos de Guterres e MRS na "rentrée", ou os pulinhos de PP na Póvoa do Varzim, são capazes de o impedir.

# Rebeldes contra o passado rebeldes contra o futuro

■ Manoel de Lencastre

## O sangue voltou a correr no Ulster

O processo de paz na Irlanda do Norte sofreu durante quase todo o Verão uma crise constante que o feriu, profundamente, e ameaçou destruí-lo. Mas continua de pé e vai prosseguir emergindo das ruínas onde as cegas forças do obscurantismo e do ódio pretenderam mantê-lo. Entretanto, uma grande lição ficou: a de que o povo daquele território ama a paz e está disposto a todos os sacrifícios para que ela se consolide e afirme, definitivamente.

Quais são as sinistras forças que actuam na sombra e procuram continuar a agitar o fantasma das velhas divisões, tentando pela violência e por meios terroristas impedir o avanço das ideias de concórdia, de progresso, da democracia e da paz? Que negros objectivos pretendem conseguir os matadores, os príncipes do equívoco e os anjos da escuridão que operam no reino da conspiração e do ódio? De um lado, evidentemente, perfilam-se as formações mais reacionárias que defendem a continuação das práticas orangistas, da servidão da Irlanda, de toda a Irlanda, à Grã-Bretanha sob o estandarte do protestantismo de Calvino, John Knox e, nos nossos dias, do reverendo Ian Paisley. Do outro, os super-republicanos e ultranacionalistas dissidentes do IRA, gente completamente insensível àquilo que a célebre organização pa-

uma terra de rebeldes contra o passado e de rebeldes contra o futuro.

Mas os orangistas tinham propósitos diferentes. Em plena época das paradas tradicionais (celebrações de fanáticos que não abdicam de expor nas ruas, provocantemente, o seu desdém pelos católicos), a Ordem de Orange pôs alguns milhares dos seus aderentes nas ruas das principais cidades e, particularmente, em Portadown e em Drumcree. Nesta localidade, a marcha comemorativa da vitória unionista e protestante na batalha do Boyne, há mais de 300 anos, partiu da igreja presbiteriana com a intenção de atravessar as áreas residenciais católicas e, descendo a simbólica Garvaghy Road, espalhar mais rancor e aumentar a tensão política. Nesta artéria urbana, a comunidade católica tomou posições e, sob a direcção de alguns activistas mais determinados, não permitiu a entrada dos provocadores orangistas nas suas ruas. A intervenção da polícia, a pedido de Westminster, Dublin e Stormont, separou os dois campos e evitou, assim, uma explosão de animosidades antigas cujas consequências não seria difícil prever.

Simultaneamente, «gangs» de terroristas da UDA (Ulster Defence Association) lançavam-se numa campanha de limpezas

civilizadas e chamou as atenções da Europa e do mundo para que o que estava e está a passar-se no Ulster. O fanatismo indecente das organizações armadas ao serviço dos interesses dos protestantes, expunha com indesmentível clareza as posições políticas destes – expulsar as católicas e obrigá-los a procurar refúgio na República da Irlanda; prosseguir a eterna ilusão de união com a Grã-Bretanha; manter na sua posse todos os principais negócios, as melhores terras, as ainda florescentes indústrias, e poder continuar a explorar em paz, talvez com um pouco menos de ferocidade, a classe trabalhadora protestante. Quanto à classe trabalhadora católica, tê-la-iam expulso da sua própria terra depois de lhe haverem bebido o sangue, torturado a carne e enlouquecido o espírito.

Mas existe uma consciência que abrange o todo irlandês. Essa consciência exprimiu-se, dramaticamente, quando desfilou outra das paradas tradicionais orangistas através da Ormeau Road em Belfast. Aí, perfilaram-se longas e grossas filas de povo erguendo centenas de bandeiras negras em ambos os lados da estrada. A cidade de Belfast, e não só os católicos, diziam que os orangistas, a UDA e a UVF (Ulster Volunteer Force) tinham as mãos vermelhas do sangue inocente dos pequenos assassinados em Ballymoney.

### Quem manipula os novos IRA?

O processo de paz e de avanço no sentido da instauração de um sistema político democrático em todo o Ulster também não foi bem aceite por alguns republicanos cuja extrema interpretação da História irlandesa dos últimos 300 anos lhes não deixa ver com lucidez a realidade do momento actual. Inesperadamente, começaram a surgir diversos grupúsculos formados, assim se disse, por dissidentes do IRA que entendiam ter sido um erro a suspensão da luta armada e um desastre apocalíptico a entrada do IRA-Sinn Fein no campo da política aberta, pelos direitos democráticos da população católica, nacionalista e republicana. Começou a falar-se, portanto, do «IRA Real», do «New IRA», do «Continuity IRA». E compreendeu-se logo o perigo que resultaria de estas organizações, para afirmarem a sua identidade e adquirirem reconhecimento, começarem a agir no único terreno por elas tido como efectivo, o da prática de actos que dizem ser de guerra mas são, na realidade, do mais absoluto terrorismo. Espalham o sangue e a morte entre o próprio povo que dizem defender. Foi nestas condições que teve lugar, a 16 de Agosto, a terrível carnificina de Omagh onde se registaram 30 mortos e várias centenas de feridos e onde o centro da cidade ficou semidestruído.

O «IRA Real» pretende que o processo de paz signifique uma perda de tempo e que se o Sinn Fein assinar os acordos da Sexta-Feira Santa cometerá um erro monumental. Acusa Gerry Adams e Martin McGuinness de hipocrisia e proclama o exemplo e os objectivos de Bobby Sands, um dos heróis das greves da fome, como os únicos que vale a pena adoptar e seguir. Mas não se apercebe, pelos vistos, de que as condições se alteraram e de que a partir do actual processo de paz e estrada conducente à unificação da Irlanda, ainda que mais longa, parece a mais segura.

Em uníssono com a sua própria organização política, o «32 Counties Sovereign Movement» (Movimento pela Soberania dos 32 Condados) é dirigido, segundo informações fornecidas de quadras diversos, por Michael McKevitt, antigo dirigente de um sector militar do IRA, e pela irmã do referido Bobby Sands, Bernadette Sands. Esta, numa declaração pública realizada na cidade de Dundalk (República da Irlanda) já lamentou o crime de Omagh e declarou não ter, tal como McKevitt, planeado, organizado ou tomado parte no mesmo. Não seria de espantar, porém, que os grupúsculos de novos IRA, surgidos como cogumelos em todo o Ulster, fossem organizados pelas mesmas forças sinistras que mataram as três inocentes crianças de Ballymoney e tanto têm feito para pôr fim ao processo de paz em curso.



triótica e o seu braço político, o Sinn Fein, viram há já um bom par de anos – que o sacrificado território do Ulster (Irlanda do Norte) está exangue e sedento da paz e que o novo processo político em curso é o que melhor corresponde aos anseios dos cidadãos normais em toda a Irlanda e em toda a Grã-Bretanha.

### Os fanáticos da Ordem de Orange

Tudo começou logo nos primeiros dias de Julho, quando a Nova Assembleia do Ulster se constituiu e os dirigentes políticos dos principais partidos, incluindo John Hume (social-democrata) e Gerry Adams e Martin McGuinness do Sinn Fein, no histórico palco do Palácio de Stormont, se pronunciaram pelo fim dos tempos de desconfiança e de sangue, declarando-se dispostos a liderar o arranque para uma nova era. E viu-se nesse único momento, talvez pela primeira vez, começarem a ceder as muitas barreiras que dividem o povo protestante do povo católico para surgir no horizonte a bela ideia da Irlanda Unida, menos repugnante ao primeiro e mais possível ao segundo uma vez que a união com a Grã-Bretanha parece menos aliciante do que a união na nova Europa. O Ulster, em definitivo, teria de olhar em frente e deixar de ser

étnicas contra os católicos em diversas pequenas cidades. Famílias inteiras viram as suas casas em derrocada, pasto das chamas, devido à explosão de bombas incendiárias accionadas por aquele grupo. A 9 de Julho, em plena crise de Drumcree, já se registavam 86 assaltos a residências de católicos. Lavraram incêndios em 114 lojas, armazéns, pequenos escritórios, em Carrickfergus, a cidade portuária onde Guilherme de Orange desembarcou em 1690, e noutros locais. As duas igrejas católicas de pequena Carrickfergus foram arrasadas pelo fogo. E os dirigentes orangistas, no delírio do seu fanatismo, declaravam, estupidamente: «Se quisermos, paralisaremos o Ulster!» O sangue ia correr, uma vez mais, na terra sacrificada e mártir que é a Irlanda do Norte.

### Bandeiras negras

Assim, às 4.30 da manhã de 12 de Julho, os terroristas protestantes atacaram com bombas incendiárias a casa de uma mulher católica de Ballymoney (província de Antrim) cujos filhos, entretanto, frequentavam uma escola protestante. O resultado foi a morte de três crianças: Jason, Mark e Richard Quinn. Este crime hediondo, naturalmente, petrificou a Irlanda e a Grã-Bretanha

■ Manuel Rodrigues

# Os baldios em questão <sup>(2)</sup>

## Desenvolvimento integrado ou novos ataques à propriedade comunitária?

**C**onclui-se hoje o artigo iniciado na passada semana sobre os baldios, da autoria de Manuel Rodrigues que, na passada semana, depois de algumas considerações acerca da constituição da Empresa Pública Florestal, apontou alguns perigos de uma concepção de floresta industrial para os baldios.

Segunda questão: a ameaça de privatização.

Quem é que pode acreditar que o perigo da privatização é um fantasma, se o mesmo Governo que cria esta empresa (para já, dita pública) se tornou num dos mais destacados campeões (mundiais) do neoliberalismo, ao privatizar tudo o que resta do sector público: Portugal Telecom, EDP, Cimpor, Brisa, Portucel, e até já fala em privatizar a TAP, a CP e serviços como Escolas, Hospitais, Cartórios Notariais, etc., etc.?

Irresponsabilidade e falta de bom senso seria fazermos tábua rasa destes contextos políticos, por mais sérios e bem intencionados que sejam alguns dos técnicos envolvidos neste projecto (e alguns sê-lo-ão, certamente). Então, se amanhã esta empresa for privatizada, de que nos valem as "autorizadas e categóricas declarações dos responsáveis, designadamente da DGF", de que "a natureza jurídica dos baldios está salva-guardada por uma Lei aprovada pela Assembleia da República...?"

Num quadro de maior caos (pela sistemática e intencional desresponsabilização do Estado neste domínio), com pressões políticas e económicas muito mais fortes, perante uma agricultura em agonia ou já moribunda e um mundo rural ainda mais desertificado, não poderão as mesmas forças políticas (PSD, PP e PS) que o tentaram fazer (no essencial, em vão), ao longo de 17 anos, aprovar alterações à Lei que viabilizem ou facilitem o esbulho dos baldios, que é o mesmo que dizer, o roubo dos baldios aos povos?

### Que garantias?

Quanto ao documento enviado pela DGF às Assembleias de Compartes:

Que garantias, para o futuro, tem autoridade para dar a DGF sobre tão escaldante questão?

Ou será que estas declarações (repita-se: feitas por escrito) só foram escritas e enviadas (às Assembleias de Compartes) para desautorizar um Secretariado Distrital de Baldios perante os compartes? Repare-se que é a primeira vez, na história dos baldios, que a autoridade florestal nacional responde a críticas de um Secretariado dos Baldios, enviando directamente às Assembleias de Compartes dos Baldios (de todo o país) um desmentido que se inicia por estas sintomáticas palavras, aliás, reveladoras de um discutível conceito do exercício democrático: "Tendo recentemente saído a público nalguns órgãos de comunicação social posição do Secretariado dos Baldios do Distrito de Viseu, distorcedores dos factos e das intenções subjacentes à criação de uma Empresa Pública para Gestão Florestal, junto tenho a honra de enviar nota explicativa sobre o assunto..."

Terceira questão: o lucro.

A questão do lucro nos baldios não é uma questão diferente da questão do lucro neste tipo de agricultura: terá que ser o Estado (e não qualquer outra entidade) a apoiar/a subsidiar o aproveitamento de todos os recursos e potencialidades dos baldios ou os factores de produção dessa agricultura para que eles/ela possam cumprir a sua importante função económica e social. E nem os agricultores se esqueceram ainda dos tristes exemplos das PEC, do ENDAC, da sanidade animal, etc., etc.

Os povos, quando apoiados, na sua administração democrática e participativa, são criativos e capazes de encontrar, por si próprios e no quadro do seu movimento associativo, as formas

que melhor sirvam o seu desenvolvimento integrado.

De facto, não concordo nada com a ideia de que esta Empresa virá introduzir na administração e gestão dos baldios um maior sentido de responsabilidade

e pôr "as áreas comunitárias ao serviço das populações, potenciando o desenvolvimento local" ou que "não tem existido uma administração democrática e participativa", apesar de todos os entraves e boicotes dos organismos oficiais a esta forma de administração democrática dos baldios pelos povos.

### Se não fora a luta...

Mais justo e politicamente correcto seria reconhecer que, apesar das grandes dificuldades enfrentadas, apesar do boicote e falta de apoios por parte dos organismos oficiais, apesar dos atro-

dos e a CNA), sempre com o apoio activo do PCP, e nem já hoje teríamos esta Lei dos Baldios (apesar de representar perigos que os Decretos-Leis 39/76 e 40/76 esconjuravam) e nem tão-pouco teríamos a considerável área comunitária que temos em Portugal: mais de 400.000 hectares. Apesar da alienação de parcelas de baldios por algumas Juntas de Freguesia (mesmo à revelia da Lei) ou da acção desestabilizadora das Leis dos Baldios por parte de certos partidos políticos (com responsabilidades do PSD, PP e PS).

Mais justo e politicamente correcto seria afirmar-se que, desde sempre, os povos dos baldios (Assembleias de Compartes, Conselhos Directivos, Secretariados Distritais) se bateram por apoios do Estado à modernização do aproveitamento dos recursos e potencialidades dos baldios. Basta lembrarmos as conclusões da 1.ª Conferência dos Baldios do Norte e Centro, Vila Real, 1979; a 2.ª Conferência dos Baldios do Norte e Centro, Viseu, 1984; a 3.ª Conferência Nacional dos Baldios, Porto, 1994 e de tantos e tantos encontros distritais de baldios.

Os Conselhos Directivos de Baldios e Assembleias de Compartes, na maior parte dos casos, viram-se impedidos de recorrer, directamente, aos fundos comunitários e da parte dos Governos (quer do PS, quer do PS-CDS, PS-PSD, PSD-CDS ou PSD) não houve vontade política para um adequado investimento nos baldios, mesmo quando foi criado o PDF (Plano de Desenvolvimento Florestal).

E, já agora, pergunta-se: por que não decidiu o Ministério da Agricultura, em vez da criação desta empresa (EPF), implementar uma linha de financiamento directo às Assembleias de Compartes para desenvolverem, com o apoio do seu próprio movimento associativo, os baldios, sem deixar de ter em consideração, obviamente, os "critérios de coordenação e valia socioeconómica e ambiental, a nível local, regional e nacional", a que o próprio artigo 6.º da Lei n.º 68/93 obriga?

Mais justo e politicamente correcto seria afirmar que, se algumas Assembleias de Compartes e Conselhos Directivos de Baldios, por força das muitas dificuldades e entraves, se deixaram vencer, momentaneamente, pelo cansaço e caíram na inactividade, também é verdade que se constituíram, com o apoio dos Secretariados Distritais de Baldios, ao longo dos anos, dezenas e dezenas de novas Assembleias e muitas outras (umas 30 só no distrito de Viseu) retomaram a sua actividade, a provar o constante dinamismo desta realidade.

Mais justo e politicamente correcto será dizer que o nosso Partido soube sempre encontrar propostas e alternativas na sua actividade e para a sociedade (antes e depois do 25 de Abril). Também é verdade que este partido é diferente dos outros porque não aliena princípios, mesmo quando perde votos. Sendo embora certo, que este é também o caminho que o há-de conduzir a um maior reforço político e eleitoral: assumindo sempre as posições, que na sua dialéctica ligação às massas, lhe pareçam, em cada momento, as que melhor defendem os interesses dessas

mesmas massas: criticando, reflectindo, propondo, combatendo, dialogando ou apoiando.

Este Partido não vira a cara à luta. A história dos baldios é disso uma boa prova. Por isso, é importante que nos mantenhamos atentos ao evoluir desta realidade e saibamos retirar dela as lições que, a cada momento, se imponham. Sem esquecer que uma fundamental característica dos comunistas - no quadro da coerência histórica deste grande partido - é sabermos estar do lado certo, nesta incessante e bastante agudizada luta de classes, quando os lobos (e os lobbies) uivam de novo.



# Os touros de Barrancos

Foi a telenovela, totalmente imprópria para menores, que culminou com a cena de um homem com fama de poderoso a aviltar-se em directo perante o mundo inteiro. Foi a recidiva na comercialização frenética de Diana de Gales, agora já cadáver e por isso mesmo porventura ainda mais vendável. Estes dois temas dominaram os chamados serviços noticiosos das TV's e compreender-se-á a tentação de alinhar umas notas sobre eles, apesar de ambos já terem sido abordados até à exaustão em tudo o que é *media*. Porém, porque o que é de mais enoja, mais valerá ficar pelo que, sendo óbvio para muitos, não o é para todos: ao contrário do que previa uma fórmula que se tornou lugar-comum, a TV não se tornou uma «janela para o mundo» mas sim, bem pelo contrário, um compacto muro de futilidades ou de temas menores que impede cada telespectador de olhar e entender o mundo que existe mas que a televisão omite nos seus aspectos mais significativos.

Por exemplo: o ocorrido na República Democrática do Congo. Quantos telespectadores se terão apercebido, depois dos diversos noticiários, que no Congo aconteceu uma tentativa franco-americana de recuperação do controlo de uma zona de África onde durante décadas Mobutu lhes servira de feitor principescamente remunerado? O presidente Kabila, que aliás terá defeitos como é inevitável, não lhes merece confiança: em tempos confraternizou com Guevara, tem hoje no governo uma ministra da Cultura que é filha de Patrice Lumumba (a propósito: quem deu por isso olhando e ouvindo a TV?), tudo indícios péssimos. Por agora, a manobra imperialista e neocolonialista parece ter sido derrotada, mas as TV's colocaram uma surdina na derrota que até pode ser histórica. Mais lhes valeu falarem de Diana e de Bill.

O Congo é um caso, mas é claro que há muitos mais. Eu já nem falo de Kosovo, tão citado como se fosse região agredida militar-

assistem aos palestinianos e que a generalidade dos portugueses ignora, todos os crimes do Estado de Israel que as TV's portuguesas ocultam quanto podem. Não talvez por cumplicidade espontânea, mas sim por vassalagem perante o poder mediático norte-americano.

## E as outras?

Porém, as manobras de despistagem dos telespectadores em relação ao que é importante, forçando-o ao consumo guloso de assuntos irrisórios, não se limita, naturalmente, ao que ocorre na cena internacional. Quanto às questões domésticas, contudo, há dificuldades de monta: é sabido que Guterres é superlativamente virtuoso, que Sampaio é homem de sólida seriedade, que ao panorama «vip» do País faz uma falta medonha quem possa funcionar como um sucedâneo nacional da Lady Di enquanto viva. Pelo que a (des)informação local, coitada, tem de viver de expedientes. Não só nas TV's, bem se sabe, mas é de TV que aqui se fala. E o mais recente dos expedientes terá sido o estrondo mediático, e portanto também televisivo, dispensado à execução de quatro touros quatro na modesta praça de Barrancos, na raia alentejana.

O alarido teria sido menos incómodo se Barrancos não se situasse no Baixo Alentejo e se o Alentejo não fosse uma região que lembra pouco às estações portuguesas de TV: é preciso que haja inundações, ou gravíssimas secas, ou essa outra forma de perturbação climática que é a visita de um ministro ou do PM em pessoa. É certo que a morte dos touros de Barrancos constituiu infracção à legalidade, o que parece ter chocado imenso muita gente. Porém, e quanto a outras infracções da legalidade que se cometem por todo o País e que têm a ver com gente, não com touros? É

## TVISTO

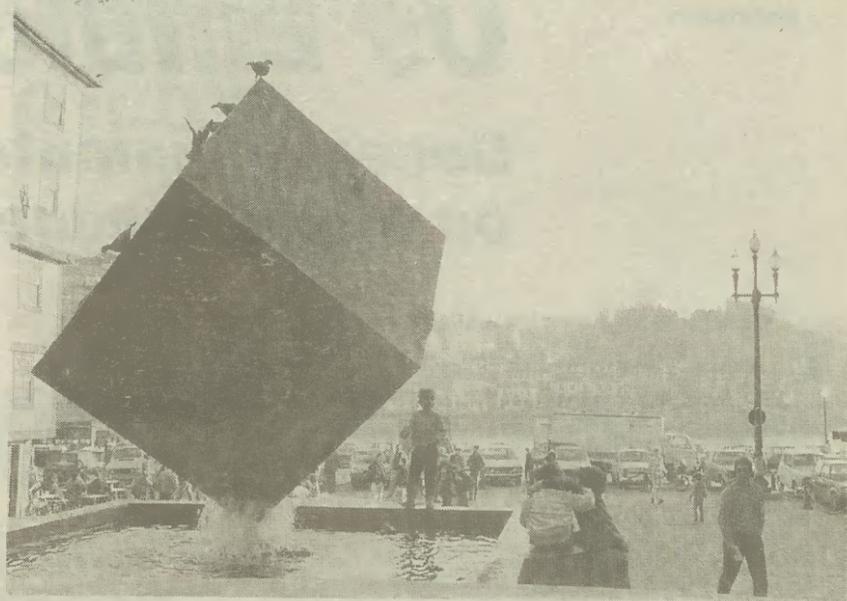
■ Correia da Fonseca



mente (a ponto da NATO, pseudónimo dos Estados Unidos, ter falado abertamente em intervenção militar para «restabelecer a paz») sem que o telespectador possa aperceber-se de que o Kosovo é, com reconhecimento internacional, integrante da Jugoslávia, república federativa que grande parte do público supõe que já foi exterminada. Mas falo da Palestina, cuja autonomia tão dificilmente conseguida perfeitamente agora três anos perante o silêncio das TV's portuguesas. O boicote tornou-se ainda mais evidente para quem tenha sabido que o canal franco-alemão ARTE dedicou uma noite inteira à Palestina por ocasião da efeméride, como aliás o «Avante!» noticiou. E a emissão começou pela transmissão de um documentário de Stéphane Hambier onde foram historiadas todas as razões que

mais importante matar touros que despedir arbitrariamente dezenas de trabalhadores? Que não pagar os salários depois de recebido o trabalho? Que explorar menores em tarefas de risco que por vezes os mutilam? É mais escandaloso matar touros em Barrancos que assassinar operários da construção civil por sistemática ausência de condições de segurança?

Não será. Nem será menos proibido, porque nisto de proibições ou as há ou não as há. Mas enquanto nos atafulham olhos, ouvidos e atenção com o caso dos touros de Barrancos, haverá muitos que vão esquecendo ou desvalorizando as outras ilegalidades. E, quando esquecidos os touros, arranjar-se-á outra notícia de sensação. Afinal de contas, é para isso mesmo que esta televisão existe.



# O Porto cultural e o PS fundibulário

A nomeação do Porto para Capital Europeia da Cultura em 2001 é uma boa notícia. Poderá representar o momento de uma viragem, de um renascimento cultural para o qual a cidade reúne as melhores condições.

Primeiro, porque tem um belo conjunto de espaços e equipamentos que, por uma longa e persistente luta, em que a CDU esteve sempre em primeiro plano, se tornaram propriedade pública — o Teatro Nacional de S. João, o Rivoli Teatro Municipal, além do Auditório Carlos Alberto, da Casa das Artes, de Serralves, e outros, entre os quais, com um estatuto particular, o magnífico Coliseu ou o Teatro do Campo Alegre.

É certo que não dispõe ainda de um espaço condigno e operativo para uma Orquestra Sinfónica, que vários edifícios requerem o fecho das obras de restauro, como a Cadeia da Relação ou o Museu Soares dos Reis, que há ainda obras por realizar, há muito prometidas, como a nova Biblioteca, a construir no Palácio de Cristal, ou o Museu da Literatura, por concretizar, ou o Museu de Etnografia, por recuperar, agora que o seu espólio anda para aí perdido, não se sabe bem como e onde.

Em segundo lugar, o Porto dispõe de um valioso património histórico, arquitectónico e natural: o Porto dos Almadas, o rendilhado granítico de Nazoni, o burgo antigo — agora distinguido pela Unesco — e tem o rio Douro — nas suas águas confluem o trabalho, a arte, a sabedoria, a criatividade da gente que há séculos labora nas suas margens, e produz um vinho que corre mundo, e lavra nas encostas um bordado de casas, uma geometria de arestas e tonalidades, que se grava na memória de quem passa. O Porto e a tão esquecida gesta heroica do Cerco, quando a reacção miguelista quis sufocar o grito de progresso e liberdade, o Porto do romantismo, de que Óscar Lopes é uma arca de conhecimento por abrir, o Porto de tantas e tão genuínas lutas populares.

Mas mais do que edifícios, pedras, ruas e águas, o maior trunfo que o Porto tem são os seus artistas plásticos, os arquitectos, os escritores, os músicos, construindo o novo Museu de Arte Moderna, ou expondo na Árvore, ou tocando no Coliseu e no Rivoli, ou em simples colectividades de bairro, levando o teatro junto do povo, que, afinal, gosta mesmo de teatro. O Porto de prestigiadas escolas centenárias, e de novas e qualificadas escolas artísticas donde todos os anos brotam jovens talentos.

Um capital humano, um potencial criador e realizador, que é preciso chamar e mobilizar, se quisermos que o Porto Capital da Cultura seja um projecto de pontes, entre a cultura e a escola, entre património e modernidade, entre anti-

gos e novos públicos, entre criação artística e intervenção cívica, entre memória e devir, entre a terra, com a sua identidade, o país e a Europa, num desejável encontro de culturas.

A CDU interveio, conseguindo a convocação de uma reunião extraordinária da Assembleia Municipal, onde apresentou a sua própria reflexão e propostas, entre elas a que sugere a criação de um Museu Aberto, a partir do rio Douro, ideia partilhada por deputados de outras bancadas. Defendeu como princípios a pluralidade, a participação, a transparência e a operatividade, aspectos em que a experiência de Lisboa '94 é exemplar. Pluralidade, para que envolva os órgãos municipais e as sensibilidades políticas neles representadas — recorde-se que a Câmara foi informada da constituição da Comissão Instaladora pelos jornais —, bem como todas as expressões criadoras que a cidade pode oferecer.

Por isso, considerou útil a convocação, nesta fase, dum Forum da Cultura Portuense, com a

participação de artistas, produtores culturais, escolas artísticas, principais colectividades, autarcas, orga-

nismos dependentes do Ministério da Cultura, na convicção de que um empreendimento de tão grande alcance e um tão amplo investimento público não pode ser construído de costas para aqueles de quem depende, afinal, o seu êxito e qualidade. Deputados de outros partidos da oposição apresentaram sugestões movidas por idêntica preocupação.

Digna de nota foi a reacção do Partido Socialista, de uma extrema contundência.

O líder da bancada do PS, recusando liminarmente qualquer das propostas, que visavam a participação da gente da cultura e dos próprios autarcas, chegou a afirmar, do alto da sua maioria absoluta, que «a tentação do PCP é tutelar tudo, e o seu interesse é criar estruturas que não funcionam, só para sabotar a Comissão Instaladora». Nem mais nem menos...

Nenhum membro da Comissão Instaladora designada se pronunciou no momento ou desde então sobre esta matéria.

A gritaria é toda do Partido Socialista. Já enrolou a bandeira do diálogo que ainda há poucos anos desfraldava como emblema eleitoral. Acusam agora outros de pretenderem exercer uma imaginária tutela, escondendo mal as suas próprias intenções.

Estou certo que diferentemente da reacção fundibulária do PS, e apesar dela, os artistas, os produtores e agentes culturais do Porto acabarão por se fazer ouvir. E a Comissão Instaladora mal iria se ficasse insensível às vozes sérias e responsáveis que se manifestaram na Assembleia Municipal.

Assim vai, amigos leitores, o Porto Capital da Cultura 2001...

## MOTES & VOLTAS

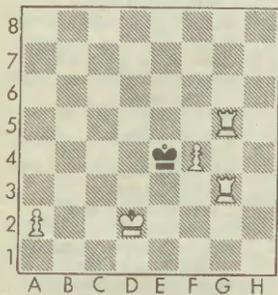
■ Jorge Sarabando

**XADREZ**

DCLXXII - 3 DE SETEMBRO DE 1998  
PROPOSIÇÃO Nº 1998X35

Por: R. COLLINS  
«3º Prémio «T. N. S. B.» - 1939

Pr.: Rex Solux: R64  
Br.: [5]: Ps. a2, F4 - Ts. g3, g5 - Rd2



Mate em 3 [três] lances

\*\*\*

SOLUÇÃO DO Nº 1998X35 [R. C.]

1. T3g4!, Rd4; 2. T65, Rç4; 3. T64 #

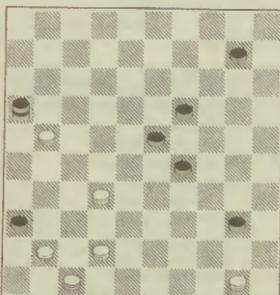
1. ...., Rf3; 2. f5, Rf2; 3. Te4 # A. de M. M.

**DAMAS**

DCLXXII - 3 DE SETEMBRO DE 1998  
PROPOSIÇÃO Nº 1998D35

Por: Maurice Nicholas [F.]  
«De Problemist», NL., VI.1954

Pr.: [6]: 10-(16)-19-23-29-36-40  
Br.: [6]: 21-32-41-42-47-50



Brancas jogam e ganham

\*\*\*

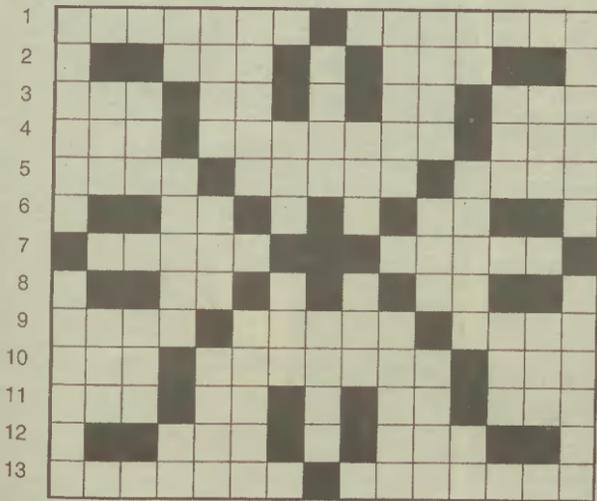
SOLUÇÃO DO Nº 1998D35 [M.N.]

1. 32-28!, (16X46); 2. 20-45, (23X32); 3. 45X5 =D+

A. de M. M.

**PALAVRAS CRUZADAS**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



**HORIZONTAIS:** 1 - Consistentes; incriminada. 2 - Despidos; interj, que designa o chamamento, espanto ou afirmação. 3 - O m. q. lírio; Arsénio (s. q.); principal rio de Itália; mulher que cria uma criança alheia. 4 - Junto; tomas o peso com as mãos; textualmente. 5 - Mulher nobre; agulhas de pinheiro; prova automobilística. 6 - Concede gratuitamente; tratamento respeitoso que se usa, na China, para certas pessoas. 7 - Conjunto de partículas granulosas de natureza mineral; violáceos. 8 - Rádio (s.q.); rio costeiro de França. 9 - Parte coberta junto das estações de caminho-de-ferro, onde embarcam e desembarcam passageiros e mercadorias; tombara; caldo. 11 - Braço de rio; alienação mental; interj, outra vez. 11 - Àqueles; antiga cidade da Caldeia; mofa; comparecias. 12 - Rochedo (bras.); altar de sacrifícios. 13 - Emitir opinião; produto que se extrai do ásaro.

**VERTICAIS:** 1 - Plantas que, separadamente ou em mistura, são apreciadas em culinária, temperadas normalmente cruas; afabilidade. 2 - Abalada; camareiro. 3 - Emissão de voz; chefe etíope. 4 - Índio (s. q.); liga-se; pref. designativo de negação, de falta, de inclusão, de interioridade ou de movimento para dentro. 5 - Num. card. fem. de dois; dama de companhia; combate. 6 - Cada uma das peças rígidas que entram na constituição do endosqueleto da maioria dos vertebrados (pl.); branquear. 7 - Conjunto de duas pessoas; sítio pouco fundo de um rio, por onde se pode passar a pé. 8 - Ave robusta, palmípede, da fam. dos anatídeos, denominada também lavanco; líquido pestilencial que escorre de certas úlceras ou abscessos. 9 - Tempero; sapo do Amazonas. 10 - Flor da oliveira (pl.); penhor. 11 - Gritos (bras.); discurso laudatório; vadia. 12 - Apelido; desavenças; modo (fig.). 13 - Arco de cabaz; longa cinta japonesa, geralmente de seda, que forma um laço nas costas. 14 - Muitos (fig.); carlinga do navio. 15 - Designação comum a certas árvores úteis que podem ser incluídas na fam. das leguminosas; planta herbácea, espontânea em algumas regiões de Portugal.

12 - Sár; rixas; ar. 13 - Asat; obl. 14 - Mil; pia. 15 - Acclat; cussua.  
6 - Cossos; corar. 7 - Par; val. 8 - Adem; cor. 9 - Sal; am. 10 - Copas; artras. 11 - Ulos; loat; átra.  
VERTICAIS: 1 - Saludar; agrado. 2 - Idat; ato. 3 - Som; rás. 4 - In; adere; m. 5 - Duas; ataj; lura.  
11 - Aost; Ur; r; tas. 12 - Iar; ara. 13 - Opinar; asurina.

**HORIZONTAIS:** 1 - Sólidos; acusada. 2 - Nus; ota. 3 - Lis; Ast; Pó; ama. 4 - Adot; sopesas; sic. 5 - Duna; sumas; rali. 6 - Dát; It. 7 - Arelar; roxos. 8 - Ra; Ra. 9 - Gare; caltra; sopa. 10 - Rar; locure; bis. 11 - Aost; Ur; r; tas. 12 - Iar; ara. 13 - Opinar; asurina.

**PONTOS NATURAIS**

**Festa**

■ Mário Castrim

**Actualidade**

**Princípios de Setembro**

longe do asfalto  
na serena manhã  
depois da chuva  
pela noite dentro

cheira a terra  
a ervas  
a folhas  
a flores

é a isto que se chama  
ser vegetariano?

**Pessoal**

Se eu disser Adriana  
não perguntes quem é  
(até  
porque eu teria  
muita dificuldade  
em responder)

Se eu disser Adriana  
apenas  
ouve  
como que participa.

**Amor**

Entre ti  
e mim  
é tudo fácil  
basta ir pelo jardim

um especial jardim  
sem flores efémeras.

**Ela**

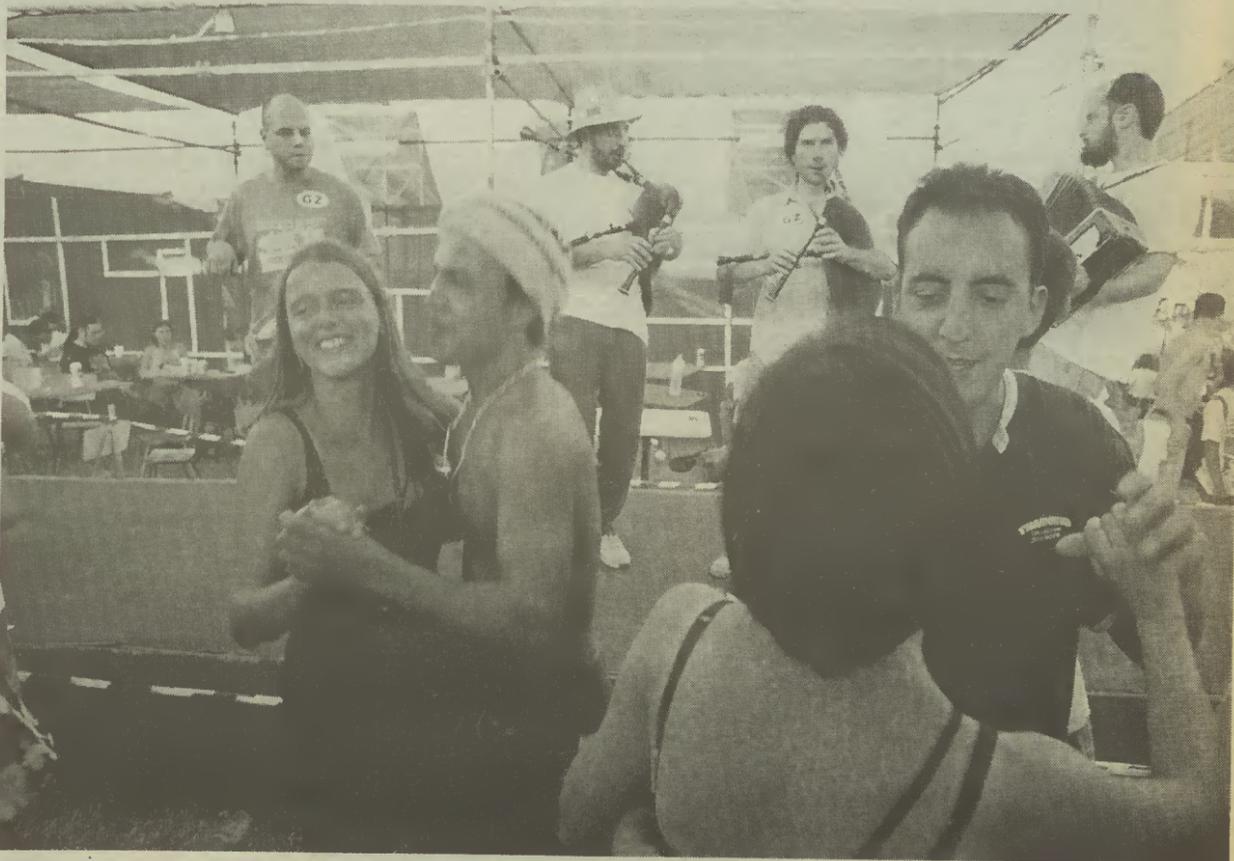
Que raio, pá,  
vê ela em ti?  
(digo-me eu, ao espelho).

Conheço-te de ginjeira  
meu menino  
conheço-te até ficar  
doente de vergonha.  
Podes "levar" os outros  
"oh, é um gajo porreiro  
uma alma de eleição..."

Grandecíssimo aldrabão!  
Bastava uma só palavra minha  
(repito-te: uma só)  
e lá ficavas tu  
como um balão, ffffffff...

E mesmo assim  
eu sei  
ela ia querer-te.

Ah, o que eu daria  
para que ela tivesse  
um pouco de razão...



**Realidade**

A ideia de abraçar  
sem se saber o quê.

Queremos beijar  
mas a quem?

(A viagem inteira  
e ainda  
por fazer)

Ser tudo  
muito perto dos astros.

**Atalaia**

Festa.

Aí está  
o segredo.

Aliás  
à vista de todos.

# TELEVISÃO

## Quinta, 3

**RTP 1**  
08.00 Infantil  
10.00 Malha de Intrigas  
11.00 Praça da Alegria  
11.30 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Esmeralda  
14.40 Tom e Huck  
(de Peter Hewitt, EUA/1995, com Jonathan Taylor Thomas, Brad Renfro, Eric Schweig, Amy Wright. Aventuras / Infantil)  
16.30 Pálio da Fama  
17.40 Chiquititas  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
20.45 Cais do Oriente  
21.00 As Lições do Tonecas  
21.35 Terra Mãe  
22.35 Uma Ilha, Duas Irlandas (II)  
23.35 24 Horas  
00.30 Blow Out - Explosão  
(de Brian de Palma, EUA/1981, com John Travolta, Nancy Allen, John Lithgow, Dennis Franz. «Thriller»)

**RTP 2**  
10.00 Espaço Expo'98  
15.00 Informação Gestual  
15.30 Série  
16.25 Super Esquadra  
17.20 Euronews  
18.00 Informação Religiosa  
18.30 Um, Dó, Li, Tá  
19.30 Fudge  
19.55 O Fantasma Escritor  
20.30 Tudo em Família  
21.05 Murphy Brown  
21.35 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.35 O Sargento Negro  
(de John Ford, EUA/1960, com Jeffrey Hunter, Constance Towers, Woody Strode, Willis Bouchee. Ver Destaque)  
00.30 Locked - In Syndrome

**SIC**  
08.00 Buêrére  
12.00 Malucos do Riso  
12.30 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.30 Fátima Lopes  
16.30 Vidas Cruzadas  
17.40 Corpo Dourado  
18.50 Era Uma Vez  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Torre de Babel  
22.00 A Última Chance  
23.00 Miss Jovem América 98  
00.40 Último Jornal  
01.15 Flash  
02.45 Vibrações

## Sexta, 4

**RTP 1**  
08.00 Infantil  
10.00 Malha de Intrigas  
11.00 Praça da Alegria  
11.30 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Esmeralda  
14.40 Mini Férias  
(de Chuck Bowman, EUA/1995, com Joyce DeWitt, Monica Creel, Justine Burnette, James Eckhouse. Comédia)  
16.25 Pálio da Fama  
17.25 Chiquititas  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
20.45 Cais do Oriente  
21.00 Terra Mãe  
22.00 Jogos sem Fronteiras  
23.45 24 Horas  
00.35 Máquinas  
01.10 Jack, o Guarda-Costas  
(de Bob Mistorowski, EUA/Afr.Sul/1993, com Michael Paré, Barbara Carrera, Michael Ironside. «Thriller»)

**RTP 2**  
10.00 Espaço Expo'98  
15.00 Informação Gestual  
15.30 Ciclismo - Volta a França  
16.35 Super Esquadra  
17.20 Euronews  
18.00 Informação Religiosa  
18.30 Um, Dó, Li, Tá  
19.30 Fudge  
20.10 O Fantasma Escritor  
20.30 A Nave Vermelha  
21.05 O Riso ao Poder  
21.35 Murphy Brown  
22.05 Remate  
22.30 Jornal 2  
23.00 O Grande Combate  
(de John Ford, EUA/1964, com Richard Widmark, Carroll Baker, Ricardo Montalban, Dolores Del Rio, Edward G. Robinson, James Stewart. Ver Destaque)  
01.30 As Teias da Lei

**SIC**  
08.00 Buêrére  
12.00 Malucos do Riso  
12.30 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.30 Fátima Lopes  
16.30 Vidas Cruzadas  
17.40 Corpo Dourado  
18.50 Era Uma Vez  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Bom Baião

## Sábado, 5

**RTP 1**  
08.00 Infantil/Juvenil  
12.20 Companhia dos Animais  
13.00 Jornal da Tarde  
13.35 Top +  
15.00 Simpsons  
15.30 Novas Aventuras de Robin dos Bosques  
16.30 O Último Reduto da Natureza  
17.00 Há Horas Felizes  
18.00 Futebol: Hungria-Portugal  
20.00 Telejornal  
20.50 Cais do Oriente  
21.25 Nós, os Ricos  
22.00 Em Nome da Justiça  
23.00 86-60-86  
00.10 24 Horas  
00.50 Tank Girl, Uma Mulher de Armas  
(de Rachel Talalay, EUA/1995, com Lori Petty, Ice T, Naomi Watts, Don Harvey. Comédia / Ficção Científica)

**RTP 2**  
09.00 Universidade Aberta  
12.20 Faenas  
12.45 Música Maestro  
13.35 Viagens no Mundo  
14.00 Sinais do Tempo/Zoom  
15.00 Desporto 2  
19.00 Loucos por Anúncios  
20.30 Tenchi Muyo  
21.05 Onda Curta  
(Charlie Chaplin: O Actor - 1914, O Ano Keystone, 2ª. Parte. «Charlot Bailarino», «Charlot Galanteador», Charlot Doido de Amor», «Charlot Aluno Modelo» e «Mabel ao Volante». Curtas-Metragens de Max Sennett)  
22.00 Jornal 2  
22.30 O Lugar da História  
00.30 Monty Python e o Cálice Sagrado  
(de Terry Gilliam e Terry Jones, Gr.Br./1975, com John Cleese, Graham Chapman, Terry Gilliam, Eric Idle, Michael Palin. Ver Destaque)  
01.15 Hollywood Love

**SIC**  
08.00 Buêrére  
11.55 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Kin Ralph, O Primeiro Rei Americano  
(de David S. Ward, EUA/1991, com John Goodman, Peter O'Toole, John Hurt. Comédia)

## Domingo, 6

**RTP 1**  
08.00 Infantil/Juvenil  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Made in Portugal  
14.40 Kung Fu  
15.35 Ernesto Caça Fantasmas  
(de John Cherry, EUA/1991, com Jim Varney, Eartha Kitt, Austin Nagler. Comédia / Terror)  
16.55 Casa Cheia  
17.25 Jet 7  
17.55 Futebol: Hungria-Portugal (Seleções AA)  
20.00 Telejornal  
20.50 Cais do Oriente  
21.05 Assalto à Televisão  
22.35 Domingo Desportivo  
00.50 Limites do Terror  
00.10 Millennium  
01.05 24 Horas

**RTP 2**  
09.00 Caminhos  
09.30 Novos Horizontes  
10.00 70 x 7  
10.30 Missa  
11.20 Viagens no Mundo  
11.50 O Mundo Natural do Japão  
12.30 Grandes Romances do Séc. XX  
13.30 Jornal d'África  
14.00 Desporto 2  
19.00 The Making off of Super Model  
19.45 Bombordo  
20.20 Artes e Letras - «Georg Solti»  
21.05 Passagem pelo Purgatório  
22.00 Jornal 2  
22.30 Horizontes da Memória  
23.00 Ópera: «O Conde Ory»

**SIC**  
08.30 Buêrére  
11.55 BBC - Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 O Cliente  
(de Joel Schumacher, EUA/1993, com Susan Sarandon, Tommy Lee Jones, Mary-Louise Parker, Anthony LaPaglia. «Thriller»)  
15.50 A Ilha Misteriosa  
17.00 Stargate  
18.00 Sintonia do Amor  
(de Nora Ephron, EUA/1993, com Tom Hanks, Meg Ryan, Bill Pullman, Rosie O'Donnell, Rob Reiner. Ver Destaque)  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Polícias à Solta

## Segunda, 7

**RTP 1**  
08.00 Infantil  
10.00 Malha de Intrigas  
11.00 Praça da Alegria  
11.30 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Esmeralda  
14.40 O Mistério das Areias  
(de Tony Maylam, Gr.Br./1978, com Michael York, Jenny Agutter, Simon MacCorkindale. Espionagem / Guerra)  
16.25 Pálio da Fama  
17.25 Chiquititas  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
20.45 Cais do Oriente  
21.00 Reformado e Mal Pago  
21.35 Terra Mãe  
22.30 Espiões de Classe  
23.30 24 Horas  
00.30 ... e Viva o Divórcio  
(de Alan Alda, EUA/1988, com Alan Alda, Ann-Margret, Hal Linden, Veronica Hamel, John Shea. Comédia Romântica)

**RTP 2**  
10.00 Espaço Expo'98  
14.30 Informação Gestual  
15.30 Ciclismo - Volta a Espanha  
16.25 Fora de Casa  
16.35 Super Esquadra  
17.30 Madoeira  
18.00 Informação Religiosa  
18.30 Universidade Aberta  
19.00 Um, Dó, Li, Tá  
19.45 Fudge  
20.20 A Nave Vermelha  
21.00 Sarilhos com Elas  
21.35 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.50 Jogo Falado  
23.50 O Monstro do Oceano Pacífico  
(de Inoshiro Honda e Terry Morse, Jap./1955, com Raymond Burr, Takashi Shimura, Momoko Kochi. Ver Destaque)  
01.25 Duckman, o Trapalhão

**SIC**  
08.00 Buêrére  
12.00 Malucos do Riso  
12.30 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.30 Fátima Lopes  
16.30 Vidas Cruzadas  
17.40 Corpo Dourado  
18.50 Era Uma Vez  
20.00 Jornal da Noite

## Terça, 8

**RTP 1**  
08.00 Infantil  
10.00 Malha de Intrigas  
11.00 Praça da Alegria  
11.30 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Esmeralda  
14.40 Meu Pai, o Herói  
(de Steve Miner, EUA/1993, com Gérard Depardieu, Katherine Heigl, Dalton James, Lauren Hutton. Comédia)  
16.25 Pálio da Fama  
17.25 Chiquititas  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
20.45 Cais do Oriente  
21.00 Terra Mãe  
22.00 Férias de Verão  
22.50 Reportagem - Insucesso Escolar  
23.50 24 Horas  
00.50 Rotações  
01.25 A Teia do Crime  
(de Enzo G. Castellari, It./1990, com Bud Spencer, Philip Michael Thomas, Dionne Warwick. Aventuras)

**RTP 2**  
10.00 Espaço Expo'98  
14.30 Informação Gestual  
15.00 Ciclismo - Volta a Espanha (Torneio de Sub/18)  
16.45 Fora de Casa  
16.50 Super Esquadra  
17.30 Euronews  
18.00 Informação Religiosa  
18.30 Um, Dó, Li, Tá  
19.30 Hugo  
19.55 O Fantasma Escritor  
20.30 A Nave Vermelha  
21.05 A Bela Farda Azul  
21.35 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.35 O Regresso de Godzilla  
(de Koji Hashimoto e R. J. Kizer, Jap./1984, com Keiju Kobayashi, Ken Tanaka, Yasuko Sawaguchi. Ficção Científica)  
00.15 Encontros Imediatos

**SIC**  
08.00 Buêrére  
12.00 Malucos do Riso  
12.30 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.30 Fátima Lopes  
16.30 Vidas Cruzadas  
17.40 Corpo Dourado  
18.50 Era Uma Vez

## Quarta, 9

**RTP 1**  
08.00 Infantil  
10.00 Malha de Intrigas  
11.00 Praça da Alegria  
11.30 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Esmeralda  
14.40 Profissão: Doméstico  
(de Stan Dragoti, EUA/1983, com Michael Keaton, Teri Garr, Frederick Koehler, Taliesin Jaffe. Comédia)  
16.25 Pálio da Fama  
17.25 Chiquititas  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
20.45 Cais do Oriente  
21.00 TV Verdade  
21.25 Futebol: Braga-Porto  
22.00 Férias de Verão  
22.50 Jovem Procura Companhia  
(de Barbet Schroeder, EUA/1992, com Bridget Fonda, Jennifer Jason Leigh, Steven Weber. Ver Destaque)  
02.20 24 Horas

**RTP 2**  
10.00 Espaço Expo'98  
14.30 Informação Gestual  
15.00 Ciclismo - Volta a Espanha  
16.25 Informação Religiosa  
16.55 Futebol: Angola-Portugal (Torneio de Sub/18)  
18.55 Um, Dó, Li, Tá  
19.30 Hugo  
20.10 O Fantasma Escritor  
20.35 A Nave Vermelha  
21.05 Simpsons  
21.35 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.35 Godzilla Contra-ataca  
(de Kazuki Omori, Jap./1989, com Kunihiko Mitamura, Yasuko Tanaka, Megumi Odaka. Ficção Científica)  
01.35 Spice Girls  
01.30 Futebol: Brasil-Guiné Bissau (Sub/18)

**SIC**  
08.00 Buêrére  
12.00 Malucos do Riso  
12.30 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.30 Fátima Lopes  
16.30 Vidas Cruzadas  
17.40 Corpo Dourado  
18.50 Era Uma Vez  
20.00 Jornal da Noite  
20.55 As 100 Fotos do Século  
21.00 Torre de Babel



Na retoma da programação normal "após férias", os canais portugueses, sem exceção, limitam-se a continuar (ou mesmo a repetir) as velharias mais triviais dos seus baús

**TVI**  
10.30 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.15 Mulher Perigosa  
15.05 Maria José  
15.50 Caminhos Cruzados  
16.45 Animação  
18.00 A Bela e o Monstro  
19.00 Pretender  
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem  
21.00 Directo XXI  
22.00 Meia Noite e Um  
23.00 Linha Mortal  
(de Scott Rudin, Michael Rachmil, Peter Filardi, EUA/1990, com Kiefer Sutherland, Julia Roberts, William Baldwin, Kevin Bacon. Terror)  
01.45 Seinfeld  
02.15 Ponto Final

21.30 Ponto de Encontro  
22.30 Torre de Babel  
23.30 Donos da Bola  
02.30 Último Jornal

**TVI**  
10.30 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.15 Mulher Perigosa  
15.05 Maria José  
15.50 Caminhos Cruzados  
16.45 Animação  
18.00 A Bela e o Monstro  
19.00 Pretender  
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem  
21.00 Directo XXI  
22.00 As Teias da Máfia  
23.00 A Esquadra de Brooklyn  
24.00 Crimes de Elite  
(de Richard Briggs, EUA/1992, com Harry Hamlin, Helen Shaver, Ed Lauter, Terence Knox. Policial)  
02.00 Seinfeld  
02.30 Ponto Final

15.50 Xena  
16.50 Walker  
17.50 O Clarim da Revolta  
(de Harold Becker, EUA/1981, com Timothy Hutton, George C. Scott, Sean Penn, Tom Cruise. Ver Destaque)  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Mundo VIP  
21.30 Big Show Sic  
00.50 Último Jornal  
01.25 Rosa, Uma Mulher de Sonho  
(de Martha Coolidge, EUA/1991, com Laura Dern, Robert Davall, Lukas Haas. Ver Destaque)

**TVI**  
10.00 Animação  
13.35 Contra-Ataque  
15.00 Feed Back  
15.40 Os Julgamentos de Rosie O'Neill  
16.30 Doido por Ti  
17.05 O Grande Jogo  
(de Richard Michaels, EUA/1991, com Rossette Arnold, Tom Arnold, Collen Camp, Conchata Farrell. Telefilme / Drama)  
19.05 Aventuras no Pacífico  
20.00 Flipper  
21.00 Directo XXI  
22.15 No Limite da Lei  
(de Andrew Luck, EUA/1993, com Melissa Gilbert, Mel Harris, Peter Onorati. Drama.)  
24.00 Juventude Rebelde  
(de Ralph Bakshi, EUA/1995, com Alicia Silverstone, Matthew Flint, Jennifer Blank. Drama)

21.20 Ficheiros Clínicos  
22.20 Sommersby - O Regresso de um Estranho  
(de Jon Aniel, EUA/1993, com Richard Gere, Jodie Foster, Bill Pullman, James Earl Jones. Drama)  
00.30 Último Jornal  
01.00 Trovão Azul

**TVI**  
10.00 Animação  
10.30 Novos Ventos  
11.10 Missa  
13.00 Portugal Português  
14.00 Geo: Os Olhos do Mundo  
15.00 Adultos à Força  
16.30 Doido por Ti  
17.30 Ataque dos Tomates Assassinos  
(de John De Bello, EUA/1978, com David Miller, Rock Peace, George Wilson. Comédia / Terror)  
18.40 Desafios  
19.05 A Lenda de Guilherme Tell  
20.00 Flipper  
21.00 Directo XXI  
22.00 Causa Justa  
23.00 Inveja Mortal  
(de Steve White, EUA/1994, com Tori Spelling, Kelli Martin, Valerie Harper, Andy Romano. Policial)  
01.00 A Magia do Cinema

20.55 As 100 Fotos do Século  
21.00 Torre de Babel  
22.00 Roda de Milhões  
24.00 Toda a Verdade  
01.00 Último Jornal  
02.00 Vibrações

**TVI**  
10.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.15 Mulher Perigosa  
15.05 Maria José  
15.50 Caminhos Cruzados  
16.45 Animação  
18.00 A Bela e o Monstro  
19.00 Pretender  
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem  
21.00 Directo XX  
22.00 Os Segredos de Verónica  
23.00 Ally McBeal  
23.30 A Magia do Cinema  
00.30 Seinfeld  
01.30 Ponto Final

20.00 Jornal da Noite  
20.55 As 100 Fotos do Século  
21.00 Médico de Família  
22.00 Torre de Babel  
23.20 O Guerreiro da Floresta  
(de Aaron Norris, EUA/1995, com Chuck Norris, Terry Kiser, Max Gail. Aventuras)

01.20 Último Jornal  
01.55 Terra Violenta  
03.50 Vibrações

**TVI**  
10.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.15 Mulher Perigosa  
15.05 Maria José  
15.50 Caminhos Cruzados  
16.45 Animação  
18.00 A Bela e o Monstro  
19.00 Pretender  
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem  
21.00 Directo XX  
22.00 Coragem Debaixo de Fogo  
(de Edward Zwick, EUA/1996, com Denzel Washington, Meg Ryan, Lou Diamond Phillips. Ver Destaque)  
01.00 Seinfeld  
01.30 Lanterna Mágica  
01.30 Ponto Final

22.00 Furor  
23.15 Grande Reportagem  
00.20 Último Jornal  
00.55 Conversas Secretas  
02.25 Vibrações

**TVI**  
10.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.15 Mulher Perigosa  
15.05 Maria José  
15.50 Caminhos Cruzados  
16.45 Animação  
18.00 A Bela e o Monstro  
19.00 Pretender  
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem  
21.00 Directo XX  
22.00 Tal Pai, Tal Filho  
23.00 Coragem Debaixo de Fogo  
(de Edward Zwick, EUA/1996, com Denzel Washington, Meg Ryan, Lou Diamond Phillips. Ver Destaque)  
01.00 Seinfeld  
01.30 Lanterna Mágica  
01.30 Ponto Final

Nota:  
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

## TELEVISÃO

## Por isto e por aquilo...

**O Sargento Negro**

(Quinta, 22.35, RTP2)

Mais um grande filme de John Ford em que o realizador analisa sem complacência os perversos meandros do racismo, ao pôr em cinema a história de um sargento negro que chefia uma companhia unicamente composta de soldados também negros e é injustamente acusado de violar e assassinar a filha de um major. Para além das cenas em exterior, das mais belas que o cinema jamais nos mostrou, o fulcro do filme são as seqüências do processo em tribunal, com a audição de «testemunhas» que, não tendo presenciado o crime, ali fazem desfilar em *flash-back*, sob o incitamento do advogado de acusação, apreciações sobre a sua visão da personalidade do acusado, uma após outra desmontadas pelo advogado de defesa, um oficial branco da companhia. O protagonista principal, o actor Woody Strode, afirmaria mais tarde ser este o papel da sua vida, o que é mais do que plausível se pensarmos no carácter de forte manifesto contra os preconceitos raciais que este filme, encajado com mãos de mestre, representa. Indispensável.

**O Grande Combate**

(Sexta, 23.00, RTP2)

Este grande filme (o último «western» realizado por John Ford) é um retrato implacável da conquista do Oeste, com o seu cortejo de atrocidades cometidas na expansão e na expulsão dos índios das suas próprias terras, cansados das vãs promessas de uma Administração indiferente ao seu dramático destino. É então que as iniciativas desesperadas de alguns brancos indignados com esta tragédia convencem um político a lutar contra o oportunismo impiedoso dos militares. Nos papéis principais (ver *Ficha Técnica*), uma distribuição de luxo.

**O Clarim da Revolta**

(Sábado, 17.50, SIC)

Alguns dos jovens actores americanos revelados nos anos 80, como Timothy Hutton, Tom Cruise ou Sean Penn (este, na sua estreia), dão corpo a um grupo de jovens alunos de uma Academia Militar que se revoltam e pegam em armas contra a demissão de um oficial superior, director da Academia, indignados por essa decisão ter sido motivada por obscuras pressões alheias à própria instituição. As referências elogiosas a algumas qualidades do filme apontam, entretanto, reticências à sua frágil e desigual construção que faz com que a história «patine» e o trágico final seja por de mais previsível.

**Monty Python e o Cálice Sagrado**

(Sábado, 23.20, RTP2)

O rei Artur, tendo reunido os Cavaleiros da Távola Redonda, parte em demanda do Santo Graal. Até aqui, tudo bem, nada de surpreendente. Simplesmente, «estragando» a lógica disto estão os Monty Python e, com eles, um festival de anacronismos, afirmações surrealistas, desnistificações e provocações, que resultam num espectáculo inigualável e hilariante. A não perder.

**Rosa, Uma Mulher de Fogo**

(Sábado, 01.25, SIC)

A adaptação do argumento deste filme esteve a cargo do próprio autor do romance em que é baseado - Calder Willingham - e a história, posta em cinema com grande sensibilidade por Martha Coolidge, uma realizadora independente, constitui um precioso retrato (contado num longo *flash-back*) do quotidiano de uma família sulista que, nos anos da Depressão, é perturbada pela chegada de uma jovem extremamente sensual que deixará as marcas indeléveis, agora recordadas (fins dos anos 70) pelos protagonistas de então. Um filme com excelentes momentos de humor e emoção, em que brilham a grande altura as interpretações de Laura Dern, Robert Duvall e Diane Ladd.



Uma cena de «O Clarim da Revolta», filme de Harold Becker



Laura Dern, no papel de Rosa, está no centro das atenções de «Rosa, Uma Mulher de Fogo», de Martha Coolidge



Meg Ryan e Tom Hanks no melodrama «Sintonia do Amor», de Nora Ephron

**Sintonia do Amor**

(Domingo, 18.00, SIC)

Um homem e uma mulher, cada um deles com uma ligação amorosa não particularmente estimulante e em alguns aspectos oportunista ou precária, acabam por apaixonar-se através de um programa de rádio. Durante grande parte do filme, que tem como principais intérpretes Meg Ryan e Tom Hanks, o espectador espera que, ao menos, as duas personagens se encontrem e, quando isso acontece... Bom, algumas referências adiantam que a realizadora, Nora Ephron, leva esta história (que parece saída dos melodramas

românticos dos anos 40/50) demasiado a sério e que nenhuma distância revela em relação a ela. Outras, acham que o filme é bastante razoável. Cabe ao telespectador descobrir e decidir.

**O Monstro do Oceano Pacífico**

(Segunda, 23.50, RTP2)

Com a transmissão desta obra cinematográfica, tornada ao longo dos anos um verdadeiro filme de culto, a RTP inicia um ciclo dedicado ao tema «Godzilla», sem dúvida na esteira da recuperação moderna das histórias do célebre monstro hoje em vias de estreia nas grandes salas. De origem japonesa e realizado por Inoshiro Honda, este primeiro exemplar, *O Monstro do Pacífico*, revela-nos um monstro pré-histórico que ressuscita do sono da morte em virtude de uma explosão atômica. Incarnando o perigo atômico, este famoso monstro inspirou mais de quinze sequelas, algumas das quais fazem parte do ciclo. Mas o facto é que, até hoje, *Godzilla* tinha-se tornado já um mito completamente ultrapassado.

**Coragem Debaixo de Fogo**

(Quarta, 22.30, TVI)

O contexto em que se desenrola este filme é o da sinistra Guer-

ra do Golfo, uma das mais mediáticas expressões de impunidade com que os EUA decidiram mostrar ao Mundo a sua arrogância de superpotência pólicia do Mundo. No meio deste conflito, agora tornado «natural» e «normal» por passar a constituir precisamente o pano de fundo para histórias cinematográficas, o filme aborda problemas relacionados com casos de «heroísmo» fabricados pelas hierarquias militares e o incómodo que nestas desperta a investigação corajosa e independente de ocorrências menos transparentes. Com Denzel Washington e Meg Ryan.

**Jovem Procura Companheira**

(Quarta, 00.25, RTP1)

A jovem Allison que acaba de zangar-se com (e separar-se do) seu namorado coloca um anúncio no jornal em busca de uma companheira que a ajude a partilhar o custo da renda. E é então que surge Hedy que, de início, parece altamente prazenteira e cordata. Simplesmente, pouco a pouco, sobretudo depois da reconciliação de Allison com o namorado e da sugestão desta para que Hedy arranje outro local para viver, tudo se complica. Hedy parece enlouquecer e revela o terrível instinto sanguíneo de que afinal estava possuída. Um «thriller» inquietante que se diz bem congeminado por Barbet Schroeder e interpretado a preceito por Bridget Fonda e Jennifer Jason Leigh.

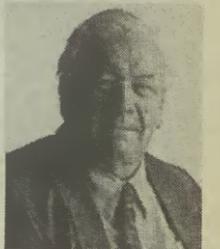
**CABO & SATÉLITE****Torneio triangular**

Como o campeonato italiano só recomeça a 13 de Setembro e o campeonato francês estará interrompido para compromissos da selecção nacional, ainda sobrou tempo para organizar um dos últimos torneios particulares deste Verão. Participam o A. S. Roma, o Fiorentina (de Rui Costa) e o Mónaco (de Costinha). O Eurosport transmitirá em directo este torneio a partir de Florença. (Eurosport, Quinta, das 19.30 às 22.30)

**O Ballet Kirov**

Interpretado por mais dos 250 membros da companhia, o grande repertório coreográfico russo estará presente no cabo, via canal Muzzik,

duas concepções de tratamento se opõem: a autoritária e a liberal. Mas o filme, verdadeiro grito de revolta, é, sobretudo, a visão de um artista que transcende esta realidade sinistra para dela fazer uma obra poética na qual irradiam a beleza de Anouk Aimée, a frágil aparição de Edith Scob e a presença surpreendente e perturbante de Charles Aznavour. Versão original. (Arte, Sexta, das 22.55 às 00.30)

**Pivot em Portugal**

Com a participação de alguns convidados portugueses, é finalmente apresentado na TV 5, o episódio português do célebre magazine cultural «Bouillon de Culture». Como sempre o apresentador é Bernard Pivot e os temas não poderiam ser mais previsíveis: fado, futebol e... saudade. (TV 5, Terça, das 21.30 às 22.45)



durante um espectáculo gravado na Royal Opera House de Londres e apresentado pelo actor Peter Ustinov. Participação do Ballet e dos Coros do Teatro Kirov. (Muzzik, Quinta, das 20.00 às 21.20)

**Obra-prima de G. Franju**

Excelente documentarista, o cineasta francês Georges Franju explora neste impressionante filme de ficção - «La Tête Contre les Murs» - o universo opressivo e inquietante de um asilo onde



Um fotograma de «Coragem Debaixo de Fogo», de Edward Zwick

## ATALHE DE FOICE Os ratos

Depois de uma semana inteira a ouvir falar dos touros de Barrancos e da memória de Diana, antecedida pela saga interminável da menina Lewinsky, parece inexplicável que ainda haja turbulências nas bolsas de valores e os alarmes se façam ouvir de Wall Street a Lisboa ou da América Latina à Ásia, que persistam as crises na Rússia e as guerras em África, que Marcelo e Monteiro esbracejem em Celorico e na Póvoa de Varzim, que Guterres saia dos habituais retiros para ingloria aparição no Pontal, que as contas da Expo naveguem cada vez mais no Mar da Palha, etc., etc., etc.

A solução para as agruras políticas existe e até já está a dar provas da sua excelência. Mais, é todos os dias servida em doses bem aviadas nas mais diversas televisões de todo o mundo, Portugal incluído. Que o diga o Ratinho, personagem que segundo rezam as crónicas é a brilhante estrela da televisão brasileira que consegue a proeza de ganhar mais do que Ronaldo. Ratinho, consta, foi «vendido» pela TV Record à estação SBT pela módica quantia de 43 milhões de dólares (cerca de oito milhões de contos), e vai ganhar qualquer coisa como 150 mil contos por mês, para além de outros trocados em receitas publicitárias. O que faz Ratinho? Ao que parece, um programa com histórias de faca e algarida e muito, muito sensacionalismo.

Amante da liberdade de expressão - a saída da TV Record ficou a dever-se a alegados problemas de censura -, Ratinho não esconde as razões do seu sucesso e dá a receita de borla. O seu novo programa, garante, vai ser ainda «mais foleiro, com luzes vermelhas e amarelas, igual a uma zona de prostituição», pois não quer «nada de sofisticado» a atrapalhar-lhe a inspiração. Aí está.

Se Ratinho ganha mais em foleirices do que Ronaldo em futebóis, se «um ano sem Diana» rende milhões em todo o mundo, se os trapinhos sujos da Lewinsky vendem mais que a guerra do Golfo, e se a «tourada» com os touros de morte rende mais à economia barranquenha que o Orçamento do Estado, para quê então maçar as pessoas com coisas sérias?

Sirvam-se uma doses bem aviadas de telenovelas, assegurem-se as transmissões televisivas de futebol, acompanhe-se com uma mão cheia de filmes de ficção, sangue e sexo, promovam-se uns escândalos a preceito, alimentem-se os mitos do costume, e a população já tem com que se entreter.

Uma versão moderna do «pão, fado e futebol» de outros tempos, quando os políticos só tinham medo de cair da cadeira e do papão do comunismo.

É claro que será preciso providenciar para que o pão não falte e o fado enfarte, mas isso não é problema. Empenhe-se a vida à nascença e garanta-se um ecrã de controlo remoto em cada casa, ou barraco que seja, ligado 24 horas por dias, e com botõeszinho só para mudar de canal. Persigam-se, evidentemente, os transfugas contestatários, e fomentem-se apenas a leitura de cordel. Por precaução - nunca se sabe de que é que os comunistas são capazes -, podem até abolir-se as cadeiras.

Com um programa destes entregues aos ratinhos do costume, as ratazanas poderão engordar em paz.

■ Anabela Fino

## Matosinhos Câmara beneficia interesses privados

A situação autárquica, nomeadamente a privatização dos serviços municipais, mereceu uma tomada de posição pública da Comissão Concelhia de Matosinhos do PCP que, na passada terça-feira, realizou uma conferência de imprensa com a presença de João Avelino, membro da Assembleia Municipal de Matosinhos, e Serafim Brás e Valdemar Madureira, membros da Direcção da Organização Regional do Porto e da Comissão Concelhia de Matosinhos.

Nas últimas décadas, «a actualização dos Executivos de maioria absoluta PS tem vindo sistematicamente e paulatinamente» a entregar a concessão de serviços a empresas privadas, proporcionando-lhes «chorudos negócios» e penalizando direitos adquiridos dos trabalhadores, dizem os comunistas. Também assim aconteceu - prosseguem - com a deliberação tomada pela Câmara, em 7 de Julho passado, de abrir concurso público para a concessão da exploração e gestão da recolha de resíduos sólidos e varredura do concelho.

Uma decisão com que o PCP e os eleitos da CDU não concordam porque, para além das razões apontadas, ela vai implicar custos na ordem dos 15 milhões de contos, acrescidos de IVA, e piorar a qualidade de serviço, como já se constatou pela experiência obtida com a privatização da área a nascente da linha de caminho-de-ferro.

Na verdade, segundo o PCP, a recolha de lixo deixou de ser feita com a mesma frequência (Bairro de S. Gens, Cooperativa Juntos Venceremos), a varredura e limpeza das valetas já não merece a mesma atenção (S. Mamede de Infesta) e, muitas vezes, quando da sua recolha, o lixo fica espalhado pelo chão, chegando os tra-

balhadores da Câmara a terem de suprir deficiências do serviço prestado pela empresa (Moalde de Baixo).

Entretanto, com esta medida, os trabalhadores correm o risco de perder o vínculo à Função Pública,

de ver aumentado o seu horário de trabalho e alterado para pior o seu vencimento, de deixar de ter assistência médica prestada pela ADSE.

O PCP, que na segunda-feira recebeu a Comissão de Trabalhadores da Câmara Municipal de Matosinhos, manifestou-lhe a sua solidariedade e o desacordo com o processo de privatização em curso, prometendo lutar pela sua não concretização junto dos órgãos institucionais locais.

Na conferência de imprensa, a Concelhia do PCP chamou ainda a atenção para o estado de degradação em que se encontram as passagens aéreas para peões colo-

cadadas na Via Norte (quando este pelouro era da responsabilidade da CDU) e a ausência de passagens com o mesmo objectivo na Via Rápida onde são frequentes os acidentes mortais provocados pela sua travessia.

Uma situação da responsabilidade da Câmara Municipal e da JAE, denunciam os comunistas, e que não só é reveladora da insensibilidade destas duas entidades pela perda de vidas humanas, como contrasta com a celeridade que revelaram quando esteve em causa a construção de um túnel e de um viaduto «para servirem o Northshopping e os interesses do Sr. Eng.º Belmiro de Azevedo».



## Carlos Carvalhas recebe Presidente do Parlamento Europeu

O Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, recebeu, na terça-feira passada, no Centro de Trabalho da Rua Soeiro Pereira Gomes, o Presidente do Parlamento Europeu, Gil Robles, que, nesse dia, iniciou uma visita oficial a Portugal.

## Lei das Propinas JCP quer revogação

A propósito do encerramento do prazo de pagamento da última prestação das propinas do ano lectivo 97/98, a JCP entendeu como fundamental «destacar e saudar o prosseguimento da luta dos estudantes por um Ensino Superior Público Gratuito e de Qualidade». «No quadro da grande pressão e até intimidação do governo para a aplicação da lei», dizem os jovens comunistas, «o significativo número avançado por um órgão de Comunicação Social de 15 000 estudantes a boicotar o seu

pagamento é o espelho da real e ampla rejeição desta lei por parte dos estudantes do Ensino Superior Público.» O que - sublinham -, «ficou bem demonstrada nas grandiosas acções do ano passado».

Aliás, a JCP considera que «o próximo ano lectivo será sem dúvida marcado pelo prosseguimento da intensa luta por parte de todos os que estão contra a desresponsabilização do Estado no financiamento do Ensino Superior». E, saudando de novo os estudantes que «mantêm viva esta

justa luta», expressam a sua solidariedade e o seu compromisso

de tudo fazer pela revogação da lei».

## Agaerre aguarda até dia 10

Os trabalhadores da fábrica de frio da Agaerre, do Pinhal Novo, decidiram, no plenário realizado na passada sexta-feira, esperar até ao próximo dia 10 de Setembro pelos contactos a desenvolver pela empresa que agora assumiu a administração (a Fricom), no sentido da sua recuperação.

De acordo com o plano de viabilização previsto, a Fricom pagou, na semana passada, os salários em atraso a alguns trabalhadores mas exigiu em troca que assinassem um documento de desvinculação.

Carlos José Ribeiro, do Sindicato das Indústrias Eléctricas, esclareceu, entretanto, os 265 trabalhadores, credores da Agaerre,

que «não são obrigados a assinar a rescisão do contrato com a empresa para terem direito a receber as verbas de que são credores».

Por sua vez, os trabalhadores dos Cabos Ávila, face à decisão do Banco Português do Atlântico de requerer a falência da empresa, e ao corte de energia executado há uma semana pela EDP, marcaram, para segunda-feira, um plenário para discutir a situação.

## Fausto Bertinotti em Portugal

Fausto Bertinotti chefiará a delegação do Partido Refundação Comunista (de Itália) que participará, no próximo fim-de-semana, na Festa do «Avante!».

O Secretário Nacional do PRC e a delegação do seu partido terão, amanhã de manhã, um

encontro com uma delegação do PCP, dirigida por Carlos Carvalhas. Após o encontro, Fausto Bertinotti e Carlos Carvalhas encontram-se, às 12 horas, no Centro de Trabalho da Rua Soeiro Pereira Gomes, com os órgãos de comunicação social.



24698